



E-BOOK

# Sinais de Vida no Planeta Minas

Fernando Gabeira

*“Ah. Eis aquele que me medita.  
Ele sonha e esse sonho sou eu.”*

Carl G. Jung,  
Memórias, Sonhos e Reflexões

Para realizar esse trabalho, consultei vários livros entre os quais destaco *O crime antes da festa*, de Aguinaldo Silva, e a série histórica de Agripa Vasconcelos (Editora Itatiaia), sobretudo *Chica que manda, romance do ciclo dos diamantes nas Gerais*, e *A vida em flor de Dona Beja, romance do ciclo do povoamento nas Gerais*.

A biografia do delegado Renato de Lima foi consultada num exemplar pertencente à família e nela incluí algumas descrições e frases arbitrárias, sem prejuízo da verdade essencial. O poeta de Minas constantemente citado é Carlos Drummond de Andrade. O autor da estória de Maria-Maria é João Guimarães Rosa e há referências esparsas a outros poetas e escritores ao longo do livro.

Considero este um trabalho bem próximo da reportagem, uma tentativa de entender e amar, que, em alguns espaços vazios, foi preenchido com hipóteses. Não pretendo dar uma versão definitiva dos fatos, mas esta me pareceu a mais adequada para descrevê-los no momento. Alguns depoimentos foram condensados num só testemunho, afastando-me assim da objetividade, em busca de um efeito que transforme a vida das pessoas mencionada, tanto quanto o possível, numa fonte de orientação e estímulo para os que sobrevivem. Há o perigo de matá-las de novo, sob o peso dos meus esquemas abstratos. Decidi correr o risco.

F.G.

Santa não era, nem veio ao mundo para nos salvar. Apenas uma mulher nascida nas montanhas de Minas e morta à beira-mar, na Praia dos Ossos, estupefata diante do homem e sua pistola: bang, bang, sua puta; bang, bang, não me deixe. No entanto, não deixou ninguém, anos depois de sua morte. Ainda outro dia, um velho advogado chamava-a de Vênus Lasciva, num programa de tevê, e garantia que seu corpo destilava o veneno do instinto sexual. Os olhos do advogado faiscavam e todos temíamos que ela reencarnasse e aparecesse nua, copo de vodca na mão, desmoronando com uma simples mexida de cadeiras o frágil alicerce dos nossos lares.

Pantera era o seu nome par aos jornais, mas a verdade é que esse bicho não existe no Planeta Minas, apesar de sua ausência ser insignificante para nos definir. Não temos nem nunca tivemos mar. E sempre nos faltou um pouco de sal, pois as tropas de burros levavam dois meses para transportá-lo à nossa mesa. Onça, sim, há muita. Uma delas, Maria-Maria, tornou-se heroína da literatura, ao aproximar-se cuidadosamente de um caçador chamado Tonho Tigreiro, fitá-lo com carinho, lambeu seu rosto, apaixonar-se por ele e viver a seu lado pelo resto da vida.

Tia Pantera era seu nome para as crianças e, apoiado na intuição infantil, interroguei-me por que uma pessoa aparentemente rica e feliz terminava crivada de balas, num fim de tarde na praia, naquele momento, imagino, em que os barcos retardatários retornam ao porto, deslizando entre peixes-voadores que ainda saltavam alegremente da superfície clara-escura das águas.

– Ela recusou todos os valores de nossa civilização – afirmava o velho advogado, contratado para absolver o matador. Será?, perguntava eu ao desembarcar na capital do Planeta, num verão cinzento e frio. Sabia, por experiência própria, que a atmosfera é rara, às vezes quase impossível, naquelas terras; que circulam carros com frases enigmáticas como “olhe bem as montanhas”; e que, no crepúsculo, a multidão que sai do trabalho é tangida pela polícia montada a ocupar seus lugares nos ônibus que voltam ao lar.

Um amigo recolheu-me no aeroporto e levou-me diretamente para um lugar que ele disse chamar-se Ladeira do Amendoim. Ali, estacionou o carro na inclinação, desligou o motor, liberou os freios e o carro, ao invés de descer ladeira abaixo, começou a subir, fiquei perplexo e suponho que minha cara parecia a de quem tinha acabado de receber uma abóbora na cabeça. Lembro-me de ter balbuciado:

– Quer dizer que a gravidade...

O amigo apenas perguntou:

– O que é que você veio fazer aqui?

Isso era uma estória talvez um pouco longa para a Ladeira do Amendoim. Estava em porto Seguro, no sul da Bahia. Buscando contato com os índios pataxó e creio que usei um terço do verão nessa busca. Os pataxó fizeram uma luta armada no princípio dos anos 60. Convencidos por agitadores de que era possível recuperar pelas armas o País roubado pelos brancos, partiram para a guerra e foram não tão impiedosamente massacrados que sua nação quase desapareceu. Espalhados por toda parte, só agora começam a voltar e reconstruir sua cultura, a partir da lembrança que carregavam consigo. Não somente a lembrança mas também o resultado de seu choque com outras visões de mundo. Senti que se travava ali uma luta de vida ou morte. Os pataxó que viviam fora da aldeia, na beira da estrada, já haviam capitulado, transformando-se em atração turística. Encerrados na reserva, alguns grupos ainda de debatiam e assumiram a tarefa de reinventar uma nação, apesar da presença devastadora da cultura branca.

Escrever sobre os pataxó era meu projeto de trabalho até a noite réveillon. Eram quase duas horas quando tomei um barco do Arraial da Ajuda para o Porto Seguro. O barqueiro, por sinal, vive na praia e é casado com uma pataxó. Ele ancorou um pouco distante e caminhamos alguns metros mar adentro, sentindo a água morna e envolvente ali no escuro. O barco estava cheio de músicos que foram tocar uma festa de grã-finos e voltavam para casa, executando, agora mais livremente, alguns números de seu repertório. O barco estava muito pesado; quando avançava normalmente, era gostoso ouvir o barulho das águas no casco, para além da música da orquestra que voltava; mas quando parecia que ia virar, as águas tépidas e melódicas tornavam-se ameaçadoras. Íamos naufragar de fato ou apenas roçar a mão na superfície do mar da Bahia, refrescando o corpo daquela noite quente que abria o ano? O barqueiro ria, os músicos tocavam e eu não podia deixar de olhar a água atraído e horrorizado por seu ministério. Quando descii para a praia em Porto Seguro, com o tênis pendurado nas costas e a calças brancas até os joelhos, um menino que vende guaiamuns, uns caranguejos azuis e brilhantes, que ele coloca num fio e transporta as costas, gritou para mim:

– E aí, escrito. Não escreve?

Aproximei-me dele, que naquela noite estava sem os guaiamuns, e perguntei:

– E você não vende caranguejos?

Ele respondeu que aquela era uma noite especial. Virei-me para o garoto dizendo:

– Sabe o que me ocorreu nesse barco, viajando no escuro, ouvindo música e com medo de afundar? Vou escrever um livro sobre as mulheres do Planeta onde nasci e passar o resto do dia dentro da água, pelo mesmo até o fim do ano.

Ele me olhou um pouco assustado, esperou alguns segundos e disse:

– Vai nessa.

Ente a tomada de decisão e meu desembarque em Belo Horizonte, passou-se pouco tempo. Fiz as malas, despedi-me do vizinho que costumamos chamar de Deus e parti. Deus é um holandês que foi professor de História e se aposentou como maluco, seguindo para a Índia, onde adorava um guru que de repente, partiu para os Estados Unidos, sem avisar a quase ninguém. Meio sem pai nem mãe, com a viagem do guru, ele apareceu em nosso pequeno hotel e ocupou um quarto diante do monumento ao barco voador que domina o jardim. Foi chamado de Deus porque tem uma longa barba loura, olhos azuis injetados, veste-se de laranja e vive meditando. Deus tinha uma visão crítica de minhas idas e vindas ao mundo profano, mas limitou-se a desejar boa sorte.

No bolso trouxe quatro nomes de mulher: Tia Pantera, Beja, Chica da Silva e Olímpia de Ouro Preto. Não me pergunte por que quatro e não oito, pois não saberia responder. Foi assim que cheguei a essa Ladeira do Amendoim, onde o que está em cima parece estar embaixo e o que está em baixo parece estar em cima.

O amigo que ouviu, atentamente, com o carro desligado, religou o motor e me advertiu:

– Falta uma. Tiburtina, Dona Tiburtina.

O nome era de uma respeitável sonoridade, mas por si só não me arrebataria se os olhos de amigo não brilhassem tão maliciosamente e se ele não batesse com as mãos abertas nos quadris, retirando-as fechadas, como se tivesse dois revólveres apontados em minha direção:

– Tiburtina era brava; fazia e acontecia.

Nos meus primeiros dias de janeiro em Minas chovia muito. Vivia ensopado e consciente de que, em algum remoto ponto do universo, as pessoas se deixavam queimar na areia bocejando gostosamente, amolecidas pelo sol e pela água do mar. Tiburtina. Assim, armada de dois imaginários revólveres, ela entrou na minha pequena lista, descortinando um lugar que não suspeitava visitar no momento: o sertão.

Ao Planeta, gosto de chegar com calma e por aproximações. Vejam, por exemplo, o que dizia de nós o Conde de Assumar, nosso arquiinimigo, que saqueava o ouro da província para os portugueses e, com enorme eficiência, decapitava e esquartejava os rebeldes que se opunham a ele:

... Minas é habitada por gente intratável, sem domicílio e que, ainda por cima, está em contínuo movimento.

... Os dias nunca amanhecem serenos.

... O ar é de um nublado perpétuo.

... Tudo é frio, menos o vício que está ardendo sempre.

... A terra parece evaporar tumultos.

... A água exala motins.

... O ouro toca desaforos.

... Vomitam insolências as nuvens.

... Influem desordens os astros.

... O clima é a tumba da paz e o berço da rebelião.

... A natureza, inquieta e amotinada, é como no inferno, lá dentro.

Quanta bondade. Isso foi no século XVIII e é preciso admitir que, sob muitos aspectos, decaímos. Não matamos mais índios para alimentar cães de caça, nem vagamos com os olhos vermelhos de febre, buscando ouro em todas as matas. Somos sensatos hoje, até onde pode sê-lo o capitalismo em seu estágio avançado, cenário da vida, aventura e morte de Tia Pantera.

Sim, porque ela nasceu em novembro de 44, quase no fim da Segunda Guerra Mundial. Nasceu ou foi inventada? Hesito entre os dois verbos, pois quando ela veio ao mundo, numa fria sala do Hospital São Lucas, ninguém exclamou: oh, é menina. O guarda-roupa já estava repleto de roupas femininas, pacientemente trabalhadas por sua mãe que não admitia a hipótese homem. Até o nome já estava escolhido: Ângela, significando a enviada.

Não se nascia mais como antigamente. As parteiras já eram consideradas obsoletas e perigosas pelas famílias mais ricas; as mulheres não usavam o chapéu do marido nem vestiam a camisa dele pelo avesso. Nem sequer os sinos tocavam por Nossa Senhora do Parto, quando uma dificuldade maior aparecia. Ouvia-se apenas o choro da criança e nenhum foguete anunciando sua chegada ao mundo.

Maria, a mãe, lembra-se apenas de ter sentido seis dores e pronto: lá estava ela, de cabeça para baixo, nas mãos do médico, começando sua trajetória pela terra, aprisionada na cadeia da vida e da morte, queimando os primeiros segundos do seu carma. Chorava, respirava: era perfeita.

Que diferença em relação ao nascimento de Beja, no começo do século XIX. Beja veio ao mundo num tumulto. Naquela época, quando as mulheres só podiam sair de casa para casamento, missa e enterro, sua mãe conseguiu a extraordinária proeza de engravidar solteira e manter o segredo quase até o final,

usando muito pano e só aparecendo nos ângulos mais favoráveis. No dia mesmo do parto, a avó ficou tão traumatizada que morreu e o avô, que tudo ignorava até o momento, ajoelhou-se na varanda e gritou várias vezes para a montanha:

– Estou viúvo. Viúvo e desonrado.

Uma casa em estilo normando, com tijolos vermelhos no aristocrático Bairro de Lourdes, foi o cenário da primeira infância de Tia Pantera. A guerra passava mansamente pela capital do Planeta, quase sem deixar marcas. A menina cairia nas mãos de uma babá que descendia de índios, teria um carro com motorista para emergência ou passeios dominicais, enquanto lá fora, no cenário maior, pouca coisa acontecia.

O centro da agitação noturna era o cassino construído às margens da represa da Pampulha, nossa doce versão do mar. Sua meteórica hegemonia transformara a cidade. Pálidos crupiês vestidos de negro, mulheres de rosa no cabelo, jogadores de unha reluzentes e artistas internacionais, atemorizados pela guerra, começavam a afluir em grande número.

Metido em seu smoking, louco para voltar para casa e dedilhar o piano, meu companheiro de narração costumava olhar para aquilo com um leve desgosto. Ele é o delegado Renato de Lima, que escreveu um livro sobre a época e aparentemente nada tinha contra aquelas mulheres de boca bem vermelha que sorriam para os pilotos norte-americanos que vinham jogar no cassino, enquanto seus aviões eram revisados na base de Lagoa Santa. É que o mundo estava em guerra, pensava ele, e aqui se consumia todo o uísque e o champanhe que não se tomava lá. Pelo menos é o que Renato acreditava, sobretudo no fim da noite, quando as maquilagens desfeitas e as olheiras profundas o induziam a um exame de consciência, no caminho de volta, sempre incomodado pela fumaça do gasogênio, um enorme cilindro colado na traseira do ônibus, invenção nacional diante da falta de petróleo.

A ele competia tomar conta do cassino, vagar sistematicamente entre as colunas de mármore de Carrara e, às vezes, como quem não queria nada, esconder-se atrás da estátua de duas mulheres nuas e abraçadas, olhar lá para o fundo, atrás das quaresmeiras carregadas de flor roxas, observar os movimentos dar um aperto, se fosse o caso. Havia muita cocaína no mundo e Renato detestava vigiar as pessoas. Seu sonho era aparecer um caso bem complicado na barroca Ouro Preto, para que pudesse pintar alguns quadros no intervalo do inquérito policial. No livro, ele escreveu:

– Nunca uma vigília policial impediu-me de deslumbrar-me com uma esplêndida madrugada, quando ela surgia, depois da noite torva e cheia de misérias humanas, todas de ouro e púrpura, atrás da Serra da Piedade. Nem tampouco de banhar os meus olhos no lugar branco, imaculado, que escorria pelos muros caiados, quando dentro do automóvel corria ao encaço de uma pista homicídio ou de um ladrão em fuga. E era nesses momentos que eu interrogava meu destino. Por que estaria ali, metido naquelas aventuras policiais?

Pelo menos duas vezes, ele se viu forçado a interrogar o destino durante a guerra. A primeira foi quando chegaram à cidade os Kangurues Boys. Oh, yah! Era um grupo de quatro negros do Harlem, com quase dois metros de altura, que cantavam e dançavam. A primeira vez que os viu no palco, sentiu apenas uma leve indisposição. Renato, de um modo geral de negros, sobretudo os que vieram de Moçambique, eternos suspeitos de envenenar pessoas e profanar sepulturas. Os Kangurues Boys pareciam muito brutos para um cassino que, duas semanas antes, apresentar Ima Sumac, Illona Massey, com as quais, por acaso, Renato se deixara fotografar para guardar a lembrança. Aqueles dançarinos pareciam obscenos, mexendo freneticamente com a parte baixa do corpo, projetando a cintura para a frente como se fossem voar sobre as mulheres da platéia.

Era demais para uma cidade do Planeta. Há apenas alguns séculos, esfolávamos os negros, torturávamos os indolentes no pelourinho, dizimávamos os rebeldes nos quilombos e o próprio Conde de Assumar recomendara a proibição de danças com requebrados indecentes e que terminavam com umbigadas ainda mais obscenas.

A poeira da escravidão ainda não tinha baixado toda naquela boate de pista envidraçada, com vista para as águas da Pampulha e iluminada debaixo por luzes multicolores. O que queriam os Kangurues

Boys, pulando no palco para o vidro da pista como celerados? Que as mulheres mineiras tirassem suas calcinhas e as lançassem vitoriosamente aos seus pés, como se uma chuva de peças íntimas brotasse, de repente, dos holofotes? Os homens não estavam gostando e resmungavam, sem preocupação de esconder o descontentamento.

Os Boys se moviam alheios à frieza dos olhos enfumaçados, aos lentos e entediados círculos que as piteiras descreviam no ar. Oh, yah man, vamos ressuscitar esses mortos antes que nos levem para o túmulo man, ah yan, que é a última, a única, a maior, man. Um salto de costas na pista e ploc: espatifou-se o vidro fosco que era o orgulho do cassino, uma peça em forma de círculo composta de retângulos, sobre os quais podiam dançar uns vinte casais agarradinhos.

Renato apenas fechou os olhos e pensou: trabalho para a administração. Era responsável pela segurança e não ia se desgastar com outras coisas, mesmo porque sob o ponto de vista da segurança tudo corria bem, apesar da irritação da platéia. A noite estava encerrada para os Kangurues que meio desapontados foram recolher o equipamento.

No momento em que preparavam para deixar o cassino e já iam cruzando o belo jardim construído rigorosamente pelo maior paisagista nacional, ouviram um grito de mulher. Resolveram voltar e quase não acreditavam no que viam seus olhos divertidos. Uma dama da alta sociedade caíra no buraco no buraco de vidro que eles abriram na pista, cortara a perna e dezenas de homens se acotovelavam diante dela para retirá-la dali.

Renato interditou a pista e voltou para casa, cansado. Tinha sido uma batalha aquele plantão e ao vestir o pijama tomou apenas o cuidado de dobrar o smoking e cheirá-lo furtivamente para ver se a fumaça do gasogênio não o empestar. A mulher caíra no buraco dançando Tico-tico no fubá, a música que conseguiu levantar a platéia nos momentos mais embaraçosos. Mas agora, ansioso para esquecer tudo, ele nem sequer olhou para o piano, buscando um instrumento especial para as noites de cansaço: um misto de teclado e sopro, de origem italiana, de onde tirava um som melancólico e arrastado até que a aurora inundasse a sala de luz e a criança começasse a chorar o compartimento vizinho.

Sono pesado, mosquitos. Talvez tivesse bebido um pouco à noite. Sol a pino, almoço farto: galinha ao molho pardo. Rotina: Renato diante do espelho, vestido de smoking, preparando-se para voltar ao cassino. Um soldado bate à porta:

– Doutor. Há uma confusão na cidade e pedem sua presença.

O delegado sentia-se meio estranho, vestido para a noite, mas o que fazer? Era seu uniforme de trabalho e fora colhido por um chamado urgente. A mulher mal teve tempo de vê-lo da janela, pois afastava-se rapidamente rumo ao carro policial. Ela percebeu apenas que Renato deu três socos na própria cabeça e perguntou, antes de ocupar seu lugar ao lado do motorista:

– Kangurues Boys. Você tem certeza?

Oh, yah man, eram eles de novo. E dessa vez, uma confusão grossa. Ao entrarem no ônibus que os levaria ao cassino, esbarraram num passageiro e começou a briga. A multidão os expulsou a gritos do ônibus, encurralando-os no hotel, sob ameaça de linchamento. Centenas de pessoas iam se juntando à manifestação e os agitadores que sempre corriam a cidade com seus banquinhos não tiveram dúvida: instalaram vários diante do hotel e começaram uma série de comícios relâmpago contra o imperialismo norte-americano.

Acompanhado de todo um destacamento policial, Renato abriu caminho entre a multidão, subiu ao apartamento dos Kangurues Boys e os prendeu no próprio quarto. Seu plano, para alguns minutos depois, era sair pela porta de emergência e enganar os manifestantes que, furioso, gritavam: lincha, lincha a criolada.

A ligeira indisposição da véspera crescera ainda mais no contato pessoal com os Kangurues Boys. Não davam a mínima atenção a Renato, mascavam chicletes todo o tempo e comunicavam-se na própria língua. Renato não entendia inglês, mas registrou no livro de memórias que os Kangurues Boys, certamente, falavam mal dele. Era curioso estar ali, arriscando a vida em defesa de quatro negros que o detestavam

e por quem não acenderia uma única vela, se não tivesse essa profissão. Por que entrei para a polícia?, perguntou em voz alta, certo de que os dançarinos não o compreendiam. Sentado na cama, podia ver lá fora o céu anil e lavado de Belo Horizonte, respirar o ar apuro que dera à cidade a fama de recuperar doentes pulmonares. Mas os gritos de lincha, lincha, iam se alternando lentamente. Renato apurou um pouco mais o ouvido e, no mesmo segundo inclinou a cabeça, pressentiu o conflito. Correu a janela e viu os choques da cavalaria que começavam a cercar os manifestantes e os espancavam impiedosamente. Alguns recuavam em busca de pedras para a resistência e tentavam em vão conter o avanço dos cavalos. Em poucos minutos, a rua fora tomada e os feridos iam sendo retirados às pressas. Os Kangurues Boys silenciaram de repente, e, pela primeira vez, pareciam ter medo.

Renato sabia do que se tratava. Informada da demonstração, a polícia política resolveu dissolvê-la, usando o método que considerava dissolvê-la, usando o método que considerava consagrado no combate aos comunistas: cargas de cavalaria, paulada e tiros. Agora, o delegado ainda via alguns jovens clamando por socorro, dentro do cerco policial, mas não tinha forças para baixar e pôr fim àquele massacre. A polícia política agira por determinações superiores e ele fora educado a obedecer. Quando o silêncio pesado da vitória militar dominou a rua, Renato voltou-se para os Kangurues Boys, fez um sinal com a mão aberta e disse:

– Allons enfants”

A segunda vez que o delegado interrogou o destino foi num dia de autentica guerra mundial em Minas. Grupos de manifestantes irados decidiram arrasar as lojas dos alemães e italianos, movimento que ocorreu em vários lugares do Brasil. Em alguns pontos do norte, tinturarias e pastelarias chinesas foram apedrejadas porque seus donos, no calor da luta de rua, não lograram demonstrar que não eram idênticos aos japoneses.

Os tumultos começaram cedo em Belo Horizonte com os saques à Padaria Savassi. À medida que aumentava o numero de manifestantes, baixava ligeiramente o nível político da demonstração. Da Savassi, sem dúvida italiana, a multidão em fúria passou a pilhar as joalherias da área e dezenas de pessoas desfilavam com os braços repletos de relógios e pulseiras.

Renato os surpreendeu nesse momento, pois voltava do centro da cidade, onde provavelmente fora comprar tela e tintas. O que o chocou não foram os brados de guerra nem mesmo a bandeira do Brasil que flutuava à frente do tumulto, carregada pelo líder do grupo. É que a multidão, seguindo aquele estandarte verde-e-amarelo, os braços coalhados de jóias e relógios, descia, diretamente, para a Ria Guaicurus, onde estava a zona boêmia da cidade.

O delegado partiu em perseguição ao grupo e, enquanto esperava reforços policiais, limitava-se a observar de longe. Na zona boêmia, os gritos de guerra iam se tornando mais débeis, dando lugar aos risos roucos e deslumbrados das prostitutas que se uniram ao séquito de compatriotas e foram presenteadas com as jóias mais sensacionais para marcar sua adesão à causa da liberdade contra o fascismo.

A idéia fixa do delegado era dissolver a manifestação sem violência, resgatando, em primeiro lugar, a bandeira do Brasil. Sua tática consistiria em cercar o líder, tomar a bandeira, dando com isso o sinal para a intervenção mais ampla dos soldados. Não foi difícil, na verdade, arrancar o símbolo nacional e dissolver o bloco concentrado na zona, pois ele mesmo tendia à fragmentação em casais que saíram alegremente, brandando abaixo o Eixo, mas, na verdade, já se ocupando muito mais do amor do que da guerra.

Às suas costas, entretanto, o pior estava acontecendo. Um grupo que se destacou do cortejo inicial partira para o saque da Padaria Boschi, conseguindo empolgar no caminho alguns mendigos que faziam ponto no centro de Belo Horizonte. Aterrorizados, os donos da Boschi abandonaram a padaria e de lá, nas mãos ágeis e nervosas do povo, saíram pernis, frangos assados, pães, bolos, gritos antifascistas, tudo como se a multidão excitada tivesse entrado em transe com o cheiro dos fornos, o medo da polícia e a antecipação do banquete.

Os pobres concentraram-se no adro da Igreja de São José e fizeram um enorme piquenique, alheios à palavra de ordem, engordurados, felizes e ansiosos por um pouco de água fresca. Alguém enviou uma



bandeira para o lado dos famintos e, quando Renato chegou, lá estava o pernil passando de mão em mão, ao som de arrotos, viva o Brasil, soluços mesclados ao cheiro de incenso que saía suavemente da Igreja. Soldados curiosos assediavam o delegado, perguntando:

– Quando é que a gente começa a baixar o pau?

Calma, pensou o delegado. Calma, pediu em voz alta. E as ruas da cidade, em torno da Igreja de São José, estavam calmas. Só se ouviam talvez os ruídos de bondes descendo a Bahia, ruídos que eram familiares aos ouvidos de Renato. O delegado deteve-se comovido diante dos mendigos sentados na porta da casa de Deus, comendo como jamais fizeram em toda a sua vida, graças ao fato de o inimigo ser dono da padaria e aos agitadores, que tiveram a idéia de padaria e aos agitadores, que tiveram a idéia do saque e agora contentavam-se com discursos. Renato, diante daquele quadro, só poderia pensar em Ataíde, o grande pintor do Planeta, que soube como ninguém fixar as cores rosadas do crepúsculo mineiro, o celibatário que confessou ter tido quatro filhos por fragilidade humana.

Stalingrado resistia, o pernil tinha muita pimenta e Renato em seu devaneio lembrava-se da Santa Ceia de Ataíde, que estava no Colégio do Caraça, lá no alto da serra. Nesse quadro, Ataíde fixou a pesada atmosfera religiosa na mesa, onde é nítida a antecipação da tragédia de Cristo; mas o casal de servidores tem uma expressão não só de ter se divertido muito como de que se divertirá muito mais, quando terminar aquele banquete circunspecto do Salvador e seus apóstolos. No adro da Igreja de São José, as vozes o traziam de volta à realidade. Alguém gritou que era gostoso molhar o pão no molho e um aviso mais alto ainda advertiu: olha, gente, a polícia chegando de todos os lados.

Agora sim, Renato preparava-se para o combate. Antes de dar o sinal para o ataque e impor finalmente a ordem pública – afinal, para isso era pago –, uma velha, com um lenço verde na cabeça, levantou-se no meio do banquete e começou a gritar para os céus, como se a sua casa tivesse sido bombardeada pela aviação inimiga. À medida que aumentavam as batidas no estomago, ia perdendo a voz e o equilíbrio, a língua enrolando na boca, os olhos virando. Quando caiu no chão, os soldados partiram para o centro do grupo, recolheram o corpo da velha ainda com vida e a levaram para o hospital. Ela morreu no caminho, envenenada por um ácido do motor da geladeira que caiu por acaso numa das galinhas assadas pilhadas pela multidão.

Em poucos momentos, as imediações da Igreja de São José ficaram silenciosas. Renato passou o resto da tarde tomando depoimento e escrevendo um informe sobre a morte daquela que seria a primeira vítima mineira na Segunda Guerra Mundial, fulminada pelo ácido italiano em plena demonstração contra o Eixo. De noite, o delgado voltaria ao Cassino da Pampulha, circularia entre os pilotos americanos e ouviria os risos alegres do prefeito que fizera construir aquele prédio suntuoso. Chamava-se Juscelino Kubitschek, adorava dançar e uma boa conversa noturna; para os amigos era o Nono.

A última vez que Renato interrogou não foi propriamente ao destino, mas a um ilustre hóspede que visitava Belo Horizonte e cuja segurança, em certos momentos, ficou sob sua responsabilidade.

– O Senhor não acha que o Brasil precisa de uma ajuda para sair dessa pobreza?

O general Marshall respondeu que não. Tinha um plano de reconstruir a Europa, mas o Brasil até que tinha se expandido com a guerra, acumulando dólares em profusão: era hora de comprar um pouco para fazer circular aquela riqueza verde. A caravana do general Marshall passava pela Avenida Afonso Pena e ele olhava distraído para as calçadas, onde homens de sapatos de verniz seguiam para os escritórios do centro e boêmios gritavam das portas dos bares, vozes que Renato podiam adivinhar apesar da distancia: “sai uma cerveja Cascatinha”.

Quando o general Marshall passou pelo Cassino da Pampulha, a guerra havia acabado sem ter sequer chegado ao casarão de Lourdes, onde Tia Pantera vivia seus primeiros meses. Ninguém desembarcou na Normandia, Hitler tinha um bigode incrível e tudo o que sabemos é que houve algum problema com os judeus na Europa.

Os adversários da linda menina nascida sob o signo de Escorpião eram bem outros. Desmamada com apenas três meses, vivia agora sob a vigilância da babá, cuja grande arma disciplinar era o Demônio,

sempre ameaçando aparecer para crianças rebeldes. Diabo e capeta, este ultimo para casos leves e até meio cômicos, eram as duas versões mais habituais do Demônio no cotidiano doméstico. Tia Pantera sempre desconfiou temendo, até o dia em que Ilidia, a babá, vestiu-se com um lençol pintado e anunciou que era o Diabo. No principio, a menina levou um grande susto, mas parece ter resolvido ali um grande enigma: o Diabo era a babá vestida com um lençol pintado; e agora?

Sua primeira rebelião registrada na memória familiar foi contra a propriedade privada, deixando prever uma revolucionária que afinal não se confirmou. O pai, Newton, era um dentista bem-sucedido, tinha terrenos, progredia, mas gostava de conferir as contas do Armazém Paraíso, todos os meses. Num deles, achou muito alto o consumo e decidiu examinar item por item com mais rigor, constatando que foram compradas, numa mesma semana, dezenas de cadernos, lápis e borrachas. Ela começara a vida escolar e decidiu presentear todas as crianças pobres do bairro com o mesmo material que ganhou da família.

De resto, era tão pacata. A mãe passava os dias costurando vestidos maravilhosos para ela e contratara uma bordadeira para ajudá-la. Tudo indica que Tia Pantera adorava aqueles vestidos dominicais que atraíam gente de longe para vê-la saindo da Igreja de Lourdes. Porque, desde menina, era relativamente simples saber quando não gostava de algo: apareciam manchas vermelhas ao longo do pescoço e ela vomitava.

O momento da missa, aliás, foi um momento delicado na vida de todas as antepassadas de Tia Pantera. Os olhares furtivos, as ligeiras cotoveladas à sua passagem, davam-lhe uma estranha sensação de importância. E elas souberam usar a porta da Igreja com a mesma habilidade com que os líderes comunistas usam um palanque no desfile de Primeiro de Maio. A maneira como se vestiam, em cada ocasião, as pessoas de que se faziam acompanhar, a proximidade maior ou menor de um novo amigo, tudo isso eram sinais que seriam interpretados com rigor pelo público.

A missa aos domingos era uma vertigem. Os padres rezavam em latim, repetindo algumas frases como se fossem mantras dissolvendo a consciência; os joelhos ardiavam levemente; o jejum prolongado e o cheiro de incenso as jogavam nas nuvens, onde chegavam remotos sons dos sinos e as vozes desesperadas das beatas: Senhor, tende piedade de nós.

Quando saíam, pálidas e tontas, Ângela e Beja, principalmente, ouviam vozes à sua passagem: santa, parece uma santa; ou então: Deus a proteja de todos os males. Elas na entediavam por que estavam ameaçadas de todos os males, mas apenas apertavam o passo, pois, se demonstrassem mais em jejum, acabariam desmaiando.

Aquelas roupas que a mãe de Ângela tecia com paciência eram a mensagem que enviava em todas as direções, comunicando que uma princesinha nascera de seu ventre e estava florescendo os mais delicados cuidados à espera de seu príncipe encantado. O que a mãe não podia suportar era a forma que tomaria esse príncipe, numa economia em profunda transformação e que, já no meio da década de 50, liderada pelo mesmo Nono do Cassino da Pampulha, iria inundar Minas de sorridentes e arrojados novos-ricos.

Se uma criança de quem não se espera muito era forçada sempre a comer na hora e treinada, prematuramente, ao toailete, o que não aconteceria com uma princesinha? Todos os detalhes estavam sendo cuidados com uma precisão matemática. Teresinha de Jesus, de um a queda foi ao chão / acudiram três cavaleiros / todos três, chapéu na mão. / O primeiro foi seu pai, o segundo, seu irmão, / o terceiro foi aquele que a Teresa deu a mão. O Colégio Santa Marcelina, instalado na Pampulha e dirigido por umas obscurantistas freiras italianas, era o veículo ideal para um bom casamento. Ali, a biblioteca vivia sempre trancada a sete chaves, mas as meninas aprendiam a comer laranja com garfo e faca.

No colégio, o corpo a corpo começou pelos cabelos. Eram cor de mel e as irmãs resolveram que chamava a atenção, exigindo que os pintasse de preto como as outras. Tudo bem. Já haviam despojado de sua roupa e de todos os objetos que não fossem regulamentares; já haviam proibido de ficar amiga de apenas uma pessoa e dedicar-se a ela, e já haviam metido em suas mãos um livro sobre a vida de Santa Maria Goretti para que mirasse em seu exemplo. Era evidente que Santa Maria Goretti não enfiava os dedinhos entre as pernas, não beijava suas amigas, nem suspirava pelos rapazes de Belo Horizonte.

O colégio era afastado do centro, o bastante para desencorajar parte dos namorados que se aproximavam dos muros para uma serenata noturna. Dentro mesmo daquelas instalações sóbrias, só viveram dois homens. Um capelão que um dia se casou, deixou tudo e virou deputado, e um motorista que se fazia acompanhar da mulher e dois filhos. Ele ganhou longas férias quando a mulher ficou grávida do terceiro. Isso porque as irmãs não queriam as meninas presenciando aquele processo da barriga inflar e desinflar, sugerindo mil coisas para as quais não estavam preparadas.

Nos anos 30 o colégio onde minha mãe estudou, o Stella Matutina, proibia que as alunas tomassem banhos para evitar que tivessem contato direto com o corpo. Ali, no Santa Marcelina, os banheiros eram de mármore, mas, assim como nos corredores, o mármore não podia ser pisado. Tia Pantera e suas amigas tinham de vir se esgueirando numa passarela metálica, até a porta do boxe, quando então uma freira tocava a campainha anunciando a entrada no vestíbulo, onde tiravam a roupa solitariamente, antes de penetrar no espaço do chuveiro. O único liberalismo era o de poder puxar a descarga sem ter de chamar ninguém para examinar o cocô, norma que não era estranha aos internatos mais rígidos.

As freiras pobres passavam o dia limpando o mármore para que os visitantes o surpreendessem reluzindo. Não se hesitava um segundo sobre o sentido daquela educação: os melhores casamentos saíram dali, daquela fornalha de virtuosas donas-de-casa, treinadas para obedecer e sistematicamente afastadas de qualquer conhecimento que pudesse perturbar sua evolução.

Quando Tia Pantera ficou menstruada pela primeira vez, é muito provável que tenham lhe dado um paninho com a recomendação de enfiá-lo na xoxota e pronto. Em branco devem ter passado outros momentos de ansiedade da menina: o primeiro sutiã, o primeiro sapato alto. Felizmente as internas sabiam se proteger com as armas que os colonizados sofisticaram ao máximo: usar a própria couraça religiosa montada sobre elas. Eram forçadas a assistir à missa todas as manhãs em jejum e aprenderam desmaiar quando queriam um pouco de paz ou mesmo tomar o café mais cedo. Aprenderam a fazer penitência com as mãos estendidas na capela, passando através delas, para as alunas dos externatos, os bilhetes de amor que as mantinham animadas durante toda a semana. Aprenderam a se mexer sob os lençóis sem despertar suspeitas nas freiras que cercavam os quatro cantos do dormitório, atentas ao mínimo suspiro, ranger de camas ou grito noturno.

– O Pai é Deus?

– É.

– O Filho é Deus?

– É.

– O Espírito Santo é Deus?

– É.

– Então são três deuses?

– Não. São três pessoas distintas num só Deus.

Aos domingos havia visita e, acompanhados dos pais, apareciam às vezes os namorados. Ali, naquela atmosfera formal, tudo o que podiam fazer era trocar olhares e juras, um ligeiro aperto de mão.

– Sua mão está suada.

– É emoção.

– Bobo.

Tia pantera aproveitava melhor a vida quando estava de férias. As alunas do Santa Marcelina organizavam festas memoráveis. A notícia corria de boca em boca e os meninos das melhores famílias davam tudo para estar presentes. Na maioria das vezes, acorriam em número tão grande que os retardatários eram obrigados a ficar de fora, conversando na rua, à espera de uma chance para entrar, ou mesmo vislumbrá-las de relance.

Naqueles momentos de festa, era tão linda como na Igreja. Sentia isso pelo bloco de meninos que se formava a seu redor, querendo dançar com ela, colar o rosto, como se dizia na época, bater coxas e, os mais safadinhos, beijar dentro do ouvido. Foi dançando que levou um grande susto. A mãe de uma das meninas do Santa Marcelina entrou subitamente pela sala procurando a filha e o namorado. A mãe trazia um revolver dentro da bolsa aberta.

Tia Pantera viu o revolver e percebeu que todo o clima da festa se alterar. Claro, a música continuou e os adultos da casa tentavam, desastradamente, fingir que nada acontecera. Mas a cor das pessoas, o tom da voz, a posição dos ombros, tudo foi mudando tão rápido. Mesmo o menino que dançava com ela e tinha um volume duro colado do lado direito da perna murchara, de repente, e começara a tropeçar nos passos, ele que era tão bom dançarino.

Ela se lembrou da infância e do Diabo e a palavra pecado mortal, tantas vezes pronunciada no Santa Marcelina, emergiu, de novo, em sua consciência.

Então era assim que se punia um pecado mortal? A mulher com revolver saiu puxando a filha, alguém a tirou para dançar e Tia Pantera interrompeu sua especulação. Afinal as férias eram tão curtas e aquela era a melhor oportunidade de conhecer gente nova. Se bem que nas últimas festas, um homem bem mais velho, uns vinte anos mais velho que ela, quase não a deixava descansar, dançando com ela todo o tempo. Sentia-se bem deslizando em seus braços.

Não há nada parecido na vida de suas antepassadas. Para elas, as adolescentes da década de 50 iam parecer as pessoas mais livres do mundo. Chica da Silva, era escrava e logo foi violentada pelo seu dono. Como um prisioneiro nas mãos de um tirano, sempre soube que seu corpo não lhe pertencia e que, a qualquer momento, podia ser vendida. O que experimentou como sorte e felicidade não foi tornar-se livre, mas encontrar um novo dono por quem se apaixonou: o rico contratador dos diamantes da região do Tejuco.

O caso de Beja talvez tenha sido sentido como uma tragédia maior, porque não tinha atrás de si a experiência de um arcaçá oprimida. Era branca, tinha acesso às famílias mais poderosas do arraial e, aos 15 anos de idade, foi seqüestrada a mando do ouvidor português, a maior autoridade da área. Nesse momento, ela vivia só com o avô, que tentou resistir ao seqüestro e foi morto a facadas.

Quando Chica foi vendida ao contratador, ela percebeu que viveria um processo de ascensão social dentro de sua condição de escrava. Passava das mãos de um militar de segunda categoria para as do maior milionário de Minas. A pressão que ele fazia nos seus braços quando a conduziu para a casa, a maneira como disse “ai meu Deus” ao vê-la caminhar, tudo isso eram indícios claros do futuro no palácio novo dono. Ela fora comprada para ensinar a ele o caminho da felicidade que sua fortuna e a longa experiência na corte européia ainda não haviam descortinado.

Beja viajou vários dias em estado de choque, levada a cavalo pelos dois facínoras que mataram seu avô. Na casa do ouvidor, foi metida num quarto escuro e ficou mais algum tempo ainda sem coragem de abrir os olhos. Ali no escuro, foi fazendo seus dolorosos cálculos. O avô estava morto e era o único vínculo familiar com o mundo, pois a mãe morrera também, alguns anos antes. O dado mais trágico era estar nas mãos do homem que, pela lei, seria o responsável pela investigação do crime. Dias antes tivera uma idéia do poder daquele homem, quando ele visitou Araxá. Todo o pequeno arraial de Beja perfilou-se para recebê-lo; ergueram arcos de bambu e bandeirolas na entrada do lugar; espocaram foguetes e fizeram discursos oficiais para saudá-lo. Beja e todas as outras moças foram convocadas para servir docinhos na festa em sua homenagem. Foi ali que ele a viu resplandecente e decidiu que a teria de qualquer maneira. E quem poderia resistir à encarnação da autoridade colonial?

Os dias em estado de choque valeram a Beja um curso de real politik não importa em que universidade do mundo. O ouvidor tinha 36 anos e era um homem disputado pelas mulheres da época. Ele começou enviando presentes ao quarto escuro, onde Beja se recusava a abrir os olhos. O quarto foi-se enchendo de vestidos maravilhosos e de jóias que faziam sucesso até na corte portuguesa.

A adolescente resolveu abrir os olhos, mas recusava-se a comer e agora olhava com uma indiferença total as emissárias que se sucediam tentando convencê-la a aceitar o ouvidor como seu amante. Numa das tarde, as mulheres entraram com uma negra de 16 anos no quarto e disseram para Beja:

– O doutor mandou esta peça de presente para você.

Aos vestidos de linho e fustão somava-se agora uma escrava chamada Severina. Beja continuava deitada e, embora nenhum dos seus biógrafos registre, evidentemente ela buscava uma solução para aquele impasse. Somente no quinto dia, ela aceitou a visita do seu seqüestrador. A capitulação momentânea foi o caminho mais inteligente que escolheu. De agora em diante, seu objetivo era enriquecer e preparar o salto.

Jornalista diante de uma garrafa de uísque, tomada pela metade, indiferente aos sinos da Igreja que regem todos os movimentos do Planeta. Tarde caindo em nuvens cinzas azuladas, crepúsculo longo para o lado da serra:

“A primeira vez que a moça Ângela apareceu em público foi um choque, um acontecimento. Eu estava lá, no salão dourado do Automóvel Clube, tinha bebido um pouco, reconheço, mas acompanhava cada detalhe do baile. Isto foi em... Deixa eu ver: tia Zeza morreu num ano atrás, então foi em 58. carnaval como já não existe hoje: serpentinas pendendo de todos os lados, pessoas com os cabelos cheios de confete e o cheiro de éter do lança-perfume brotando de cada canto do salão. Naquele tempo, não se cheirava apenas: as pessoas lançavam o perfume, cordialmente, uma nas outras. Havia algumas, imagine, que usavam óculos para proteger os olhos da queimadura momentânea do éter. Era matinê e alguns focos de luz vespertina entravam no clube deixando ver a poeira flutuar entre confetes e pedaços de serpentina. Odaliscas, colombinas, havaianas e, entre elas, aquelas pessoas com os óculos de plástico avançando como se fossem nadadores em passeata, mergulhadores na vertical, inspecionando alegremente nossa paisagem carnavalesca. Eu estava sentado e me divertia. Com lança-perfume, eu rio muito. E o porre, você sabe, vai direto na cabeça, um zumbido martelando com tanta insistência que parece dissolver o barulho exterior, dando a impressão de que as pessoas que conversam e se movem pertencem a um outro mundo, num mundo que você deixou há muitos anos-luz, mas ainda recebe dele alguns pálidos sinais visuais.

“No momento em que guardei o lenço de linho no bolso da calça e disse pra mim mesmo: ‘por hoje chega, senão não volto mais’, eu a vi entrando no salão, vestida de grega, toda azul, as pernas brancas apenas tocadas pelo sol, os cabelos cor de mel quase louros, puxados para o centro da cabeça, os olhos bem abertos, como se quisesse guardar para sempre todas as nuances daquela tarde de carnaval. Era também a primeira vez que a via e no entanto não me parecia estranha. Ela traçara um alinhamento no olho para acentuar obliquidade e pintara os lábios de vermelho bem forte. Concentrei-me naqueles três elementos – o cabelo puxado, os olhos alongados e a boca vermelha – e percebi imediatamente do que se tratava. Aquela menina estava imitando a Brigitte Bardot, na época uma atriz de muito sucesso. O que podia dizer daquela imitação, eu o disse pessoalmente alguns meses depois: era desnecessária. Bastaria chegar de grega, com o cabelo desarrumado como se tivesse saído de uma tragédia, e ainda assim não conseguiríamos afastar a vista dela.

“Parei de beber. Todos olhavam a menina, falavam com ela, a solicitavam de alguma forma. O curioso é que respondia a todos. Não se parecia com qualquer uma das outras mulheres no salão que olhavam para algumas pessoas e ignoravam o resto, concentradas que estavam nas suas afinidades pessoais. A menina tinha um estranho senso de missão, como se fosse a anfitriã em seu palácio, cuidando para que nenhum olhar se perdesse na frieza das colunas e que nenhum sorriso se dissolvesse sem resposta. Ela se relacionava com todo mundo e isso parecia natural”.

“Mas era uma festa, carnaval, sabe?, alguém me abraçou pelas costas, me deu um beijo no ouvido e ainda tive tempo de pensar sobre aquela menina: vai ser uma estrela nas colunas sociais. Mas aí continuaram me

abraçando e só me lembro que as pessoas cantavam: Ala, lá, ô, ôôô, ôôô, atravessando o deserto de Saara, o sol estava quente e queimou a nossa cara / Alalaôôôôôôôô.”

O baile das debutantes é o mais importante rito de passagem na alta sociedade planetária. Vestidas de branco, as virgens imaculadas surgem no salão, nos braços dos pais, com quem dançam a primeira valsa. Só depois disso é que ficam disponíveis aos rapazes que irão cortejá-las, casar com elas, ter filhos e levá-los aos bailes de debutantes para que se casem também.

Por várias razões, aquela foi uma festa especial. A maior: é que Tia Pantera debutava. Muitas semanas antes, já se falava dela nas colunas sociais. Sua aparição no Automóvel Clube marcara época. Surgira a musa da nova geração, um nome em torno do qual era possível articular acontecimentos, uma notícia em si.

Dezenas de maquiladores profissionais foram chamados para pintar as meninas antes do baile; cinco mil tulipas importadas da Holanda foram dispostas harmonicamente ao longo do velho Cassino da Pampulha, que agora já havia se transformado em Museu de Arte e era objeto de febris arranjos para que tudo estivesse pronto no momento da primeira valsa.

Não só o cassino havia mudado. A própria capital do Planeta já não era a mesma. Ergueram-se arranha-céus em vários pontos da cidade e uma enorme quantidade de carros cruzava as ruas. Nonô tornara-se Presidente da República e resolvera introduzir a indústria automobilística no país. Seu slogan era: avançar cinquenta anos em cinco. Nonô, como muitos outros loucos de montanha, era fixado na idéia de atalhar o século XX e chegar logo ao XXI. Talvez as montanhas tenham funcionado como um muro de contenção, obrigando-nos a olhar para dentro ou então decolar como esses aviões modernos, sem ter muita pista, direto para as alturas onde tudo se enxerga.

Grendes personagens nessa era que Nonô inaugurou, construindo tudo rapidamente, sem se preocupar com o preço, eram os empreiteiros. Transformavam qualquer sonho em realidade concreta. Nonô dizia: precisamos construir uma nova capital no centro do Brasil e lá estavam eles com divisões de tratores, esquadrilhas de velozes aviões, exércitos de operários em construção, longos e sinuosos comboios para transportar o material. Jamais olhavam um lugar e diziam apenas: aqui; jamais filtravam um instante e diziam agora. Para eles, todos os lugares seriam, cedo ou tarde, transformados e viviam, portanto, mergulhados no futuro. Diziam: este terreno que vocês estão vendo será um prédio de vinte andares; o mato dará lugar à rua; e o lago, atrás do morro, vai ser aterrado para construirmos um playground.

Milton era um empreiteiro em começo de carreira. Construída uma enorme casa envidraçada num ponto alto da cidade e guardava seus tratores no quintal. De manhã, bem cedo, o ronco dos motores anunciava o início do dia de trabalho, como se houvesse uma fábrica junto da casa e um velho apito da chaminé acordasse os moradores, lembrando que a maioria assalariada já estava de pé e na luta.

Seu livro era a Bíblia. Filho de protestantes, não fumava nem bebia e visivelmente procurava alguém para se casar, pois as colunas sociais só o mencionavam com o bom partido. Bem antes do Baile das Debutantes já descobrira a menina de Lourdes, freqüentando um pouco envergonhado as festinhas do Santa Marcelina. Os amigos que percebiam seu embaraço costumavam brincar:

– Agora se apaixonou por uma ninfa; enche o porta-luvas de chocolate e vai atrás dela, onde quer que esteja.

Vagas e difusas são as notícias do baile. Os maquiladores chegaram cedo para o trabalho e apenas uma das debutantes dispensou sua ajuda. A mãe Maria decidiu que ela teria um maquilador próprio que já conhecia os mistérios de seu rosto. Os movimentos que antecederam a entrada das meninas na pista foram bastante tensos e havia fila no banheiro ao lado dos camarins.

É a partir do baile que alguns elementos novos começam a brotar com clareza na sua vida. Uma insistente e organizada oposição, por exemplo. Desde quando os jornais passaram a se ocupar dela, as pessoas se dividiram entre as que queriam seu sucesso e as que queriam ver por terra. Em cada novo passo de sua vida, a oposição iria comparecer com teses próprias e maliciosas táticas. As daquela noite convergiam para

um único argumento: ela tinha 15 anos como as outras, mas, depois do Automóvel Clube, não poderia ser considerada uma debutante. Portanto, era um contrabando.

Um outro elemento que aos 15 anos já se desenhava com nitidez e que sua vida ao desmentiu: o homem mais importante de sua vida foi Graham Bell. Desde quando começou a brilhar, agarrou-se ao telefone como seu grande contato com o mundo exterior. As duas ou três horas de uma festa, desta maneira, multiplicavam-se, pois ela consumia um tempo enorme falando sobre os preparativos e outro maior ainda comentando e descrevendo o que vira na noite do baile.

Ao subir a escada interna do cassino, tamborilando os dedos no corrimão dourado, possivelmente estava um pouco nervosa, porque soubera de todos os boatos da semana. Se a oposição dizia que era muito conhecida e portanto deslocada num baile de debutantes, no fundo, queria dizer que todas as outras eram virgens vestidas de branco e...

A orquestra atacou o Danúbio Azul, tralalálá, lá lálá, e Tia Pantera rodou vertiginosamente nos braços do pai descobrindo em poucos minutos que o mundo afinal não era só oposição. As pessoas olhavam maravilhadas para ela e os rapazes de smoking concentravam-se num canto da pista, como se fossem um pequeno batalhão pronto para o ataque. É muito possível que nesse rodopio, ela tivesse observado as outras, todas maquiladas do mesmo jeito, todas um pouco durinhas nos braços paternos, e pensando: hoje, estou ótima.

Assim que acabou a primeira valsa, vultos de negro se alvorçaram no seu campo de visão e ela percebeu que um deles se adiantou, deixando os outros ligeiramente perdidos a meio caminho. “Louvado seja Deus, cheguei na frente”, pensou o empreiteiro ao estender a mão para a dança. Maria olhava tranqüila para a filha. O vestido, como todos os outros, era de sua autoria. Com a ajuda de apenas uma bordadeira, transformara aquela menina, em pouquíssimo tempo, numa sensação dos salões mineiros. A idéia de sensação lhe trazia um pouco de calor no rosto e uma leve dúvida sobre a dosagem e sentido exato de seus esforços. Mas era isso que tinha acontecido e agora era preciso observar bem os detalhes e a debutante passaria, muito rápido, para a condição de uma discreta e bem-sucedida grande dama. Nesse momento, até com as colunas sociais era preciso ou romper, ou pelo menos esfriar um pouco.

Tudo corra conforme o previsto para Tia Pantera. Regular e seguro como o bonde que descia a Bahia e sua a Floresta, como os dias azuis seguidos das noites frias de Minas, os homens tomando cerveja Teotônica nos bares ou fazendo barganha animadamente na Praça Sete. A política mesma ficara mais agitada. Um dos candidatos prometera trazer o mar para o Planeta Minas e instalou um navio em pleno centro da cidade, como um símbolo.

No baile das debutantes ela dançou a primeira valsa com o primeiro namorado e segundo os jornais já pensavam em casamento. Milton tinha a mansão no alto da cidade e só estava buscando a mulher de sua vida para instalá-la naquele cenário, onde, excetuando a hora da chegada e saída dos tratores. Tudo era paz e silêncio, mergulhos na água brilhante da piscina, vento batendo nas chorosas casuarinas.

Houve apenas um susto no caminho do casamento. Ela conhecera um homem bonito no Rio e se apaixonara por ele. Era atleta, bom dançarino e muito citado nas colunas sociais. Vinha do Nordeste do Brasil, mas tinha um nome todo inglês: Gilbert Parker.

Relato de uma parente próxima:

“Não era difícil prever, em termos de encontro homem-mulher. Ela brilhava nas colunas daqui; ele brilhava nas colunas de lá, e a menina resolveu ir ao Rio para conhecê-lo. Aliás, essa qualidade de ir não importa onde para ver como é, nunca perdeu. O bar que ele freqüentava era o White Horse ou uma discoteca chamada Le Bateau, não estou segura. Sei apenas que foi e voltou de uma maneira que passou a ser para mim um dos seus traços inesquecíveis: mudava toda quando ficava apaixonada. Para começar a cor do rosto: o vermelho aparecia como se tivesse passado horas dando tapinhas nas bochechas. Não entendo as leis que regem o fluxo do sangue, mas naquela menina eram um dado vital para saber como estava. Emoção e sangue tinham um contato íntimo, revelador. A voz ficava muito mais delicada, os passos mais firmes e uma energia, meu amigo – achava tempo para realizar tudo, cuidando de levantar as pessoas no

caminho, o que nem sempre é fácil por aqui, fazer compras, falar horas ao telefone e, sobretudo, brincar com os outros.

“Creio que foi nessa época que inventou um lugar chamado Ravena e constantemente se desligava de tudo, até dos colunistas sociais, deixando a mensagem com a empregada”:

– Fui embora para Ravena.

“O homem não sabia que ela o conhecia, mas a viu dançando um chá-chá-chá e se interessou logo. Ela se movia bem nas danças modernas e chegou até a estudar um pouco de balé, mas não deu certo, não podia ter dado certo, pelo menos para ela. Depois daquela noite, daquele encontro rápido no White Horse ou Le Bateau, não sei bem, ele veio a Minas. Quando o vi entrando na sala, com a gravata frouxa, o casaco nas costas e uma caixa de marrom glacê nas mãos, virei-me para Maria e disse:

– Você devia cuidar dessa menina. Eu que sou velha estou tremendo toda depois que esse homem chegou na sala.

“O que houve entre eles, não sei exatamente. Aqui em Minas, amigo, ou damos para falar da vida dos outros ou nos fechamos em um túmulo. Talvez uma cumplicidade. Sim, esse é o termo. Eram jovens, bonitos, citado nas colunas sociais e tinham um sonho semelhante: o de casar bem. Tão semelhante que resolveram se separar, cada um buscando seu rumo. E a vida voltou à normalidade, ao ramerrão, à lengalenga, enfim ao dia depois do outro.”

A partir de agora, como de um amigo que se torna famoso, quem quisesse saber de Tia Pantera tinha de acompanhar o que escreviam os jornais. O casamento estava sendo preparado, nas conversas noturnas, nos boatos da oposição e mesmo na sua cabeça. Seria o acontecimento do ano; inesquecível, garantiam os colunistas.

Participei desse casamento levando uma garrafa de vinho, um pão de frutas e um pequeno pedaço de queijo de cabra com ervas, comprados ali mesmo no Alquimia. Participei com vários anos de atraso, é claro, e no Arquivo Público de Minas, onde há toda a documentação disponível.

Escolhera a década de 60, exatamente os seus primeiros e confusos anos. O ciclo de progresso e desenvolvimento que Nonô imprimira ao Brasil estava chegando ao fim. Altos níveis inflacionários, presença dominante das multinacionais, agitação operária, eram dados novos na realidade política. Para certas pessoas de esquerda tão grave era a crise, que o País só tinha um dilema diante de si: reforma ou revolução. Na realidade, para que um novo ciclo econômico começasse, agora de acordo com os interesses mais diretos do grande capital internacional, era preciso um golpe de estado que reprimisse os trabalhadores, desmontasse a máquina dos sindicatos, explodisse a frágil estrutura dos partidos de esquerda e reorganizasse o Estado para lhe dar maior eficiência nessa nova etapa de lua-de-mel com as multi.

A direita conspirava em Minas, já no princípio de 63. o estado de conspiração é um dos mais frequentes no Planeta. A maneira como sentiam a necessidade de um golpe era expressada no medo aos comunistas, medo que conseguiram propagar a todos os setores por onde Tia Pantera circulava. Uma vez, quando eram altos os clamores por uma reforma social de esquerda, surgiu um boato de que o povo iria apedrejar os carros importados. Tia Pantera correu para casa de sua amiga íntima que tinha quatro Mercedes em sua garagem e passaram, todo o dia tentando escondê-los com folhagens, uma reprodução tropical e precipitada dos sustos vividos pela aristocracia russa no princípio do século.

Os amigos de Tia Pantera queriam tudo nesse mundo, menos os comunistas. Isso não chegava a aparecer nas colunas sociais na época do casamento. Os sinais do tempo se revelaram de outra maneira: os primeiros biquínis na piscina do Minas Tênis Clube, sarongs... Os biquínis eram sempre usados por moças de fora, mas a maneira como eram comentados indicava o prenúncio de uma nova época, mais nua, mais ousada.



O casamento mesmo começou a aparecer assim:

*“Correm insistentes boatos sobre o casório da elegante Ângela Diniz que desposaria, no próximo mês, o bom partido Milton Villas Boas. A mútua admiração é antiga, o que torna perfeitamente viável a possibilidade que, se concretizada, dará à Cidade um casal dos mais society.”*  
(Do Jornal Estado de Minas.)

No dia do casamento:

*“Hoje a menina mais citada em sociedade estará vestindo seu sonhado vestido de noiva para casar-se com o cobiçado solteiro Milton Villas Boas, seu primeiro namorado, seu par no baile das debutantes, seu fã ardorosamente apaixonado, mesmo no período em que estiveram separados. Depois do enlace, haverá um drinque nos salões do Jôquei e os noivos seguirão rapidamente para Guarujá. Mas não será esta a lua-de-mel verdadeiramente desejada pela menina. No fim do ano, ela se completará, pois o noivo lhe prometeu uma esticada à Europa, com passeios de gôndolas e compras em Saint-Honoré Faubourgs.”*  
(Do Jornal Estado de Minas.)

As portas do Arquivo Público se fecham às minhas costas, tenho os bolsos de anotações. Aqui à direita, a lista dos presentes, anotados num guardanapo do Alquimia: um jogo de cristal completo com mais de 60 peças de cristal (dado por José Olímpio de Castro); uma baixela completa de chá (dada por Humberto Pimenta); um luxuoso jogo de malas, um faqueiro de prata que mais tarde se tornaria nacionalmente conhecido, dado por Alair Couto...

O casamento de Tia Pantera no fim do verão de 63 fora muito movimentado. Chegaram a enviar uma guarnição policial para acalmar o povo que aplaudia a noiva na porta da Igreja Metodista Central. Aliás foi o próprio povo que ajudou a carregar a cauda de seus metros do vestido em point de prix, todo rodado e sem nenhum enfeite.

É pouco dizer que foi um dos dias mais importantes de sua vida. De um lado houve o nervosismo do ritual, mas de um outro uma certa distensão, um entregar-se ao corpo, indiferentes aos seus passos. Desde quando se meteu naquele vestido, não se colocava mais para ela o problema de onde ir, ou como ir. Havia sempre duas pessoas ao seu lado, conduzindo-a para os lugares, apontando o rumo, preparando sua entrada nos elevadores. Isso a libertou para divagações, jogar beijo aos populares e responder aos gritos de felicidade, boa sorte; proteger-se dos punhados de arroz que caíam desordenadamente sobre ela. Ela devorava a felicidade nos olhos dos outros: então era isso, aquela excitação, aqueles estímulos, então era isso, a felicidade acontecendo?

Naquele dia, a cidade estava muito alegre. Na mesma hora do casamento chegava ao Planeta, vindo de uma temporada vitoriosa, um dos seus principais time de futebol e tomava posse o novo prefeito da Cidade. Ainda assim, sobrou uma pequena multidão para assistir ao desfecho do conto de fadas na porta da Metodista Central. Não tínhamos presentemente nem rei, nem rainhas, mas as colunas sociais eram o espaço de ligação entre uma aristocracia financeira e o grande público; o casamento, o seu grande trunfo:

“Escrevo estas novas com especial carinho por que a noiva foi minha debutante. E lembro ainda hoje o sucesso que a menina fez no baile da Pampulha. Assim, as minhas debutantes vão se casando, se tornando mães. Será que ainda vou ver as filhas das minhas debutantes com o primeiro vestido de baile?” (Wilson Frade, *Estado de Minas*.)

A decoração na Igreja era de trapézios de crisandálias e camélias, começando da ponta dos bancos e intercalando laços de fitas e palmas. O pastor Benjamin Moraes, dizem os relatos, pediu silêncio durante dez minutos para poder começar a cerimônia. No casamento de Tia Pantera alguém sentiu frio. Está nos jornais. Era uma mulher que chegou a Belo Horizonte na década de 40 e olhava a cidade da sacada do Jôquei:

– Irreconhecível \_\_ dizia ela.

Não havia bebida alcoólica, em respeito à religião do noivo. Numa das fotos, Tia Pantera aparece por trás de uma garrafa de guaraná:

*“Eles vão morar na casa (a planta foi tirada de uma revista americana) que o noivo construiu e onde mora no ponto mais alto da Vila Gutiérrez. E posso adiantar que a casa está perfeitamente montada pois ganharam um aparelho completo de louça, um cheque gordo dos pais da noiva, um aparelho de cristal da Boêmia, um carrinho inglês para bebidas, um jogo de penteadeira de cristal theco, 18 bandejas de prata.”  
(Estado de Minas)*

Era isso um casamento? Dona Olímpia, que dizem ter ficado louca porque não se casou, poderia ter assistido. Naquela época, ela vivia apenas a cem quilômetros do lugar. Ela veria Tia Pantera diante do mais famoso juiz de paz do Planeta, o Major Finfim, de bigodes brancos, imensos óculos escuros, cabeça reluzindo e uma faixa verde-e-amarela sobre o paletó azul:

– Aceita este homem como seu legítimo esposo?

– Acho que sim.

O Major olhou gravemente por cima dos óculos e ela corrigiu rápido, diante da ansiedade geral:

– Sim, aceito.

Alívio. Os jornais atribuíram a dúvida repentina às emoções do momento. Mas ela brotou do que havia de mais espontâneo e genuíno em Tia Pantera. Afinal aquilo significava um momento decisivo na sua vida. Não era uma dúvida qualquer, como a dos andarilhos peruanos que, ao meu lado, no ônibus para Ouro Preto, querem saber se há mesmo lugar para tomarem a mescalina que trouxeram consigo. Qualquer pessoa poderia responder: claro, havia o Pico do Itacolomi, três horas de marcha montanha acima, passando por lindas floradas, nascentes de água fresca, atravessando nuvens em movimento. Aquela dúvida simplesmente se referia ao homem com quem Tia Pantera teria de dormir nos próximos anos, com quem atravessaria o árido cotidiano de uma capital de província.

Seu álbum de retratos contava melhor que os jornais a estória daquele casamento. Nas fotos onde o casa aparecia, ela rasgou a imagem do marido, deixando uma espécie de raio branco em seu lugar. Tia Pantera aparece sozinha em todas as fotos, conseguindo uma composição mágica com aquele espaço rasgado e lançando sua mensagem através dos tempos: o casamento foi ótimo, mas o parceiro não e ela se manteve noiva de alguém que estava por chegar, ao longo de todos os anos que se seguiram.

Que tipo de cidade era Ouro Preto? Quando é que avistaríamos o Pico do Itacolomi? Aqueles andarilhos estavam querendo saber muito. Com a bruma sufocando a pálida luz dos lampiões coloniais, tão cedo não veríamos nada. Mesmo se tomassem toda a mesalina que traziam na mochila, teriam dificuldades em vislumbrar alguma coisa, em meio aos gritos dos fantasmas do século XVIII, sedentos de amor e liberdade. O Pico do Itacolomi era um ponto de referencia para os bandeirantes que vinham em busca do ouro, rasgados e febris. E a cidade nasceu do sonho do ouro, a riqueza absoluta que comprava tudo em qualquer parte, que substituía tudo em qualquer bolso. Claro, acreditávamos em Deus e toda essa coisa. Parecíamos o povo mais rico da terra, nas procissões religiosas. No Triunfo Eucarístico, mesmo os figurantes mais humildes, anjos, gaiteiros, ostentavam ouro e pedra preciosa em sua roupa. Usávamos o ouro para louvar a Deus, ou Deus para louvar o ouro, como você quiser; ficou tudo um pouco embaçado no espelho da história.

Isso faz muito pouco tempo. Vejam aqui um cartão-postal da cidade. É a foto de Dona Olímpia, essa mulher aí, de chapéu negro mandado por um turista inglês, vestido colorido, cajado apoiando no chão. Olhem a tradução do texto:

– Eu, Olímpia Cota, neta do Marques de Paraná, nascida em 1888, mártir martirizada de Jesus Cristo...

Confuso? Ah, sim. As coisas não são simples aqui, à medida que nos afastamos do nível do mar. Estão ouvindo esses sussurros no fundo do ônibus?

– Esmeralda? Você tem? Dá pra conseguir um lote?

– Topázio, sim. Tenho bastante. Esmeralda, só com o tempo.

– Imperial?

– Claro, topázio imperial.

Vendedores de pedra. Até hoje negociam na semiclandestinidadade. No tempo dos portugueses, os contrabandistas eram decapitados e suas cabeças circulavam pelo interior da província, transportadas por mulas do exército colonial. Os portugueses não eram pessoas com quem você podia contar para melhorar o humor. Às vezes, decretavam luto fechado só porque morrera uma rainha maluca, que já estava pra lá do Himalaia e, antes que se cumprisse o luto, ordenavam um período de festas, porque um novo rei fora proclamado. Você acordava com o rufar de tambores, corria para a sacada e lá estavam eles exibindo cabeças cortadas para lembrar, pela milionésima vez, que era proibido fazer contrabando. Cortar cabeça, acumular ouro, sentir saudade, trucidar os negros, violentar as índias, sentir saudade...

Olímpia chegou a Ouro Preto no princípio do século XX. Há muitas versões populares para sua loucura. Uma é a de que enlouqueceu porque sua fugiu da cidade e, uma outra saída, ainda que tudo não passou de um chá, arditosamente preparado pelas adversárias. Dona Abigail tem boa memória e resolvi escutá-la:

– Acho que Olímpia ficou assim por várias razões. Mas o começo mesmo foi o seguinte: eram várias irmãs e todas bonitas. As Cota. No carnaval costumavam sair como todas nós com um limão cheio de perfume e iam espremendo o limão em todas as pessoas amigas. A primeira delas se casou com um homem mau que a trancava em casa e vendava portas e janelas para que ela não visse a rua. O pai das moças ficou tão chocado que resolveu nunca mais deixar nenhuma de suas filhas se casar. Olímpia era alta, bonita, tinha os cabelos longos e brilhantes. Dizem que o pai guardou um baú de cartas pedindo sua mão. Um dia, ela descobriu o baú e viu: um dos pretendentes era a pessoa por quem fora apaixonada. Mas o rapaz agora já estava casado com outra, longe de Ouro Preto.

Dona Olímpia, ao perceber, nas primeiras décadas de sua vida, que não ia mesmo se casar, caiu no mundo. Teve forças para ignorar a pressão da sociedade que a envolvia, mas resolveu ver de perto. Roupa? Era simples. Bastava inventar, usando um vestido sobre o outro. Horário? Para que, se o frio e o escuro lhe indicavam a hora de dormir e a ligeira pontada no estômago lembrava que tinha fome?

Passou a andar com um cajado na mão, o rosto muito pintado e o chapéu de uma antepassada. A cidade é feita de becos, ruelas e ladeiras. Ela subia e descia, chegando às vezes lá no alto, na Igreja de Santa Ifigênia. Apesar do cajado, do olhar em fogo, ela não pregava nada, nem falava em melhorar a vida na terra. E a ladeira é algo estranho, que desafia mesmo os seres chamados normais. Sim, porque a cabeça chega em cima muito antes das pernas, de forma que cada ladeira é um mergulho no inconsciente, um deliberado abandono do corpo, condenado a repetir mecanicamente o mesmo gesto.

Ela sabia que a Igreja de Santa Ifigênia tinha sido construída pelos negros que traziam ouro escondido em seu cabelo. Quando voltavam do trabalho nas minas, lavavam a cabeça para que o metal se depositasse na pia. Olímpia achava natural que os negros construíssem uma igreja católica para eles. Todo mundo era católico. É natural que acumulassem ouro. Ela mesma estava juntando umas moedas embaixo do colchão e vivia tocada pela esperança de um tesouro.

Às vezes era colhida por um zombeteiro grito de criança no meio da ladeira. Olhava para trás e percebia que estavam rindo dela. Jamais revidou grosseria. Na realidade, achava indigno para uma neta do Marquês do Paraná. Sua vida era um mito em progresso e havia trechos verdadeiros que, de forma nenhuma, podiam caber nele.

Quase sempre era convidada por um grupo de estudantes para beber cachaça com limão, nas noites bravas de julho, quando o frio entrava nos ossos, a bruma envolvia tudo e a água da chuva escorria pelas calhas. Numa dessas rodas de cachaça, ela se embriagou, sentou-se no meio da praça central e disse tudo o que pensava da cidade. Foi um escândalo. Sob a estátua de um heroi da Independência, ela lavou a roupa suja de Ouro Preto, ao ara livre, na garoa de julho. Dizem que revelou coisas tão espantosas que os sacristos cobriram os santos de roxo e as beatas subiam e desciam ladeira, rezando o terço: Pai nosso que estais no céu, santificado seja vosso nome...

No dia seguinte, Olímpia era internada no Hospital de Barbacena. A cidade não podia suportar sua consciência. Temia-se pelos casamentos, pelas reputações e o próprio curso da política municipal poderia ser afetado.

Considerando a densidade de loucos por quilômetros quadrado, era natural que o lugar mais temível de Minas fosse o Hospício de Barbacena, o mais conhecido do Planeta. Ainda no meio de século XX, era a nossa réplica para os campos de concentração nazista. Ali dentro, as pessoas usavam um esfarrapado uniforme cinzento, tinham a cabeça raspada e, às vezes, eram fotografadas por jornalistas audaciosos com pratos de madeira vazios estendidos na direção da câmara.

Camisas-de-força, choque elétrico, reclusões em solitária eram métodos cotidianos numa relação que, frequentemente, acabava em lobotomia. Os que escapavam dessa morte branca tinham um tenebroso

encontro à sua espera: a sopa, levemente envenenada, com o objetivo de liquidar os de menor resistência orgânica.

Depoimento de uma mulher de Minas:

“Olímpia era mais velha que eu, ela devia saber. Todos deviam sabe. Felipe dos Santos combateu os portugueses, foi esquartejado. Tiradentes queria um Brasil livre. Esquartejado. Aqui, você não se revolta ou faz tudo com muita prudência”.

“Sei que ela passou mais de um ano naquele inferno de Barbacena. Era fácil chamá-la de louca. Adotou o Marquês de Paraná como ascendente, dotou-se de uma família imaginaria, seus vestidos e chapéus indicavam sua vontade de viver no passado, não o passado real, mas aquele que fantasiava com a ajuda dos artistas que imprimiam seu estilo nas casas, estátuas e imagens de Ouro Preto. Antes, nunca havia saído da cidade. Para ela, o mundo era todo de ladeiras coloniais com casas azuis e brancas, igrejas suntuosas, anjos barrocos, e cachoeira das Andorinhas.”

“Durante o tempo em que estive internada, concentrou toda sua energia no esforço de sair de lá. Quando chegou de volta a Ouro Preto, estava irreconhecível: magra, maltrapilha, com o corpo ceio de hematomas, marcas de unha nos braços e no pescoço. Os loucos brigavam muito entre si, sem contar as pancadas habituais que recebiam dos enfermeiros.”

Logo nos primeiros dias de sua volta, ficou claro que jamais se enquadraria de novo em nossa vida normal, que jamais vestiria um costume azul-marinho com bolas brancas e marcharia com os braços cruzados e de cabeça baixa rumo à missa das sete. Ela tinha visto demais em sua viagem ao Hospício de Barbacena, tinha visto demais no mundo chamado normal. Seu único objetivo era manter a loucura num nível tal que jamais a enviassem de novo para aquela prisão.”

Foram tão imponentes os personagens do século XVIII que os atuais moradores de Ouro Preto andam meio encostados à parede, com medo de atrapalharem o cenário, como se fossem uma modesta família de guardiães residentes, contratada para cuidar de um grandioso museu, sempre meio constrangida por desdobrar seu discreto cotidiano, diante dos olhos ávidos dos monumentos, insurreição e grandes amores do passado.

Olímpia sabia disso. Era a pessoa mais original da cidade e, aos poucos, diante dos olhos dos turistas, passou a ser um acontecimento, como a Capela de São Francisco de Assis, a mais antiga mina de ouro de Minas ou a casa onde os rebeldes inconfindentes conspiraram contra o governo colonial. Desde cedo, ela se colocava ao lado dos meninos que trabalhavam como guias na praça, à espera dos turistas. Com eles conversava o dia inteiro, contava estórias sorrindo e partia com algumas moedas que guardava, escrupulosamente, no velho quarto que ocupava, pros lados da Igreja do Carmo.

Quase todos que a conheceram lembram-se dela ali, no seu posto de observação, vigiando a ladeira que serve de entrada principal, atenta ao mínimo Volkswagen que chegasse. Os turistas eram mais que o dinheiro que ganhava, pousando para uma foto souvenir. Dona Olímpia tornara-se intocável: conhecida nacionalmente, passou a ser respeitada pelos comerciantes que se dedicavam ao turismo. As pessoas de fora eram tolerantes com suas fantasias. Ninguém lhe jogava na cara que era filha do Cota, ninguém lhe dizia que aquele cheiro indigno da neta do Marquês de Paraná. Suspensas de seu cotidiano, as pessoas de fora também queriam voar, ainda que fosse por alguns minutos, como tributo àquela estranha cidade.

Cartões da Inglaterra, chapéus comprados no Mercado das Pulgas de Paris, medalhas de várias e remotas guerras, tudo isso ia chegando pelo correio em forma de presente para Dona Olímpia. A própria maneira como se auto-representava alterou-se no contato com a platéia cosmopolita. Começava ainda com o Marquês de Paraná, mas falava dos grandes homens da cidade, do artista que perdeu a mão e continuou produzindo lindas esculturas, dos amores célebres que incendiavam a atmosfera já incandescente da luta anticolonial. De repente, sem que soubesse, ela começava a encarnar a grandeza e a decadência de uma época, e tome fotografia, souvenirs, filmes curtos; sem que tivesse a exata consciência, parecia a única pessoa a realmente ter vivido ali, ao lado dos artistas, conspiradores e grandes amantes, curtindo o pôr-do-

sol nas cachoeiras e resguardada pela imaginação da pesada mediocridade a que os séculos iriam condenar aquele pedaço do mundo.

Até chegaram os hippies, no principio dos anos 70. Ninguém pode precisar o que se passou na cabeça de Dona Olímpia, naquela época. Os moradores tiveram medo. Era isso que o mundo lá fora estava virando? Olímpia se divertia com os invasores coloridos, mas jamais deixou de reconhecer os turistas estabelecidos, aqueles que contratavam guia, pagavam gente para olhar o automóvel, perguntavam pelo melhor restaurante, e, ao cabo da vista, diziam: “agora vamos comprar alguns presentes”. Esses, sim, faziam rodar o mundo.

Casaram, foram felizes e tiveram três filhos. Assim é que se escreve, não? Tia Pantera teve três filhos. A primeira vez que a vi, depois do casamento, foi num álbum de família. Como havia mudado, em tão pouco tempo! Os ares da adolescente que imitava Brigitte Bardot, o brilho do olhar, faísca de quem procura diamante explodindo no cascalho, tudo isso desapareceu na curta lua-de-mel e nos primeiros meses de vida conjugal. Ela estava levemente gorda, com um vestido que puxava a cintura muito para cima, os cabelos lisos e meio carregados de laquê e a mesma expressão sorridente-petrificada das mulheres de sociedade que fazem constantes operações plásticas e olham esticadas para as câmeras, como se, por baixo do cabelo, mil grampos e agulhas repuxassem sua pele.

Onde se perdeu a energia, em que encruzilhada, redemoinho ou pântano? Todo o material que colhi sobre a época indica uma vida normal para o que se espera dela. Mudou-se para a mansão envidraçada, controlava a casa, orientava as empregadas, gastava grande parte do tempo ao telefone e nos salões de beleza.

De um colunista:

“Era ótima em todas as campanhas humanitárias. Dava cadeiras de roda, dinheiro, tudo o que se pedia. E, quando perguntávamos se queria o recibo para descontar no Imposto de Renda, respondia: esquece.”

Ela própria costumava dizer:

– Faço caridade, dou uma ajuda pessoal aos hospitais, mas não e por bondade não. Sou muito culpada, sabe?

A melhor pista para entender a degradação do conto de fadas está em suas entrevistas sobre o casamento:

– Não podia dar certo. Milton era uma pessoa com uma sólida formação protestante.

Relatos da época do crime chegaram a revelar que Tia Pantera, após o casamento, passava férias no Rio e que o marido se encontrava com ela no fim de semana. De segunda a sexta, usava biquíni; sábado e domingo, maiô inteiro. Ele não notava as diferenças de tom em sua pele; talvez nem a olhasse com cuidado.

Depoimento de amiga:

“A verdade é que depois do casamento sua vida real apareceu com toda força. Frequentava um círculo onde todas as mulheres eram mais velhas do que ela e os homens, então, podiam ser seus avôs. Naquela época, a dominação do marido ainda era grande sobre todas nós. Quantas vezes não me aprontei para uma festa e o marido dizia na ultima hora: minha filha, pode ir para a cama dormir, porque hoje não vai ter festa nenhuma... dormia chorando e acordava com a cara inchada. Mesmo ela, já apareceu com um vestido um pouco mais curto diante de mim e o Milton disse no ato:”

– Onde é que você pensa que vai assim?

“Entenda, eles não viviam em hostilidade aberta. Para os padrões que conheci na época, era, na realidade, um casal que se respeitava muito. E continuou se respeitando, ao longo de toda a decadência da relação, passando pelo desquite e tudo. Mas tinham, aliás todos tínhamos, uma vida pouco interessante. Além das reuniões com as mesmas pessoas, antigas e aborrecidas, o que fazíamos? Rodávamos de carro pela cidade. Rodávamos horas seguidas, até que Milton se virava para ela e perguntava:”

– Como é, dona? Satisfeita?

“Nesse momento, ou encerrávamos o passeio imediatamente, ou passávamos por uma confeitaria para comprar balas e bombons. Por isso, não me surpreendi quando a vi chorando pela primeira vez. Foi na piscina da minha casa e ela se sentia enterrada viva:”

– Temos tudo – dizia – beleza, dinheiro, prestígio. Somos invejadas, imagine. E nossa vida é uma merda.

“Naquela mesma piscina, ela me revelou um segredo insuspeitado. Chegou de mansinho, sentou-se na cadeira branca, escorregou o corpo para baixo levantou as pernas, como uma adolescente:”

– Você acha possível alguém ter um amante, nesta cidade, sem que ninguém, ninguém mesmo, saiba?

“Olhei para ela, entre incrédula e curiosa, mas completou instantaneamente:

– É. Mas não sou feliz...”

Depoimento de uma ex-amiga:

“Sempre tive medo dela, sempre fui fascinada por ela. Lembro-me que estava grávida e vinha me buscar para sairmos. Eu me escondia até debaixo da cama. Mas quando ela me achava, pronto, era como se eu perdesse a vontade, ficasse hipnotizada. Ela ria gostosamente e dizia: mas você ainda está embaixo da cama, com a vida correndo lá fora? A gargalhada chegava até a cozinha, onde estavam as empregadas, e eu morria de vergonha. Aliás, para mim, era esse o seu traço inconfundível: a gargalhada.”

“Às vezes, saíamos juntas. Ela gostava de me vestir para as festas, dizer como meu cabelo ficaria melhor, esses palpites que davam certo em muitos casos, mas em outros era um desastre. Nossa amizade corria assim até o dia terrível em que nos desentendemos para sempre. Eu estava no cabeleireiro, com a cabeça cheia de rolos, fazendo as unhas, quando ela chegou. As pessoas a saudaram com alegria. Toda aquela gente a adorava, inclusive as funcionárias mais simples que lavavam a cabeça, trocavam toalhas e serviam café aos clientes. Não sei explicar a razão. Elas tinham vontade de que Ângela ficasse bonita, torciam pelo seu êxito. O que se dava entre ela e aquelas moças era uma troca de energia. Eram felizes quando se encontravam e o astral do salão era outro à sua chegada.”

“Naquele dia, contudo, entrara séria, pisando duro em minha direção. Antes mesmo de dizer alô, ordenou:”

– Levanta, vamos sair um instante, que eu preciso falar contigo.

“Simplesmente virei os olhos para indicar os rolos na cabeça e ergui os dedos para que os visse ainda molhados de esmalte. Ela não se importou o mínimo com a resposta e me olhou firme, do jeito que costumava olhar, e me passou um frio pela barriga, as pernas amoleceram, fiquei indefesa como um bichinho diante da cobra.”

“Saímos daquele jeito mesmo e ela tocou o carro para bem longe, para os rumos de Santa Luzia. Tínhamos andado uns cinco ou seis quilômetros, pois paramos ao lado de um ponto que conhecia vagamente. Era a ruína de um viaduto, usado pela antiga estrada de ferro. Estava no meio do caminho, suspenso como se fosse uma moldura de tijolos e ervas, enquadrando a vista da cidade, cheia de arranha-céus. Ainda cheguei a pensar: como é bonito daqui; mas ela segurou meu braço com firmeza, sem cravar as unhas, mas apertando pra valer:”

– Você disse que estou dando para uma pessoa. Não repete, senão te arrebento. Arrebento mesmo. Você não me conhece: sou sobrinha da Dona Tiburtina. Te mato.

“Nunca a havia visto assim, com os olhos apertados, falando entre os dentes, esmagando meus braços e tentei me defender:”

– Por favor. Nunca disse nada. Não sei de nada. Nem quero saber.

“Ela parou subitamente, sem largar o braço e disse:”

– Sai. Vai pra estrada.

“Não me importava, naquele momento, de estar com o cabelo enrolado no caminho de Santa Luzia, onde quase não passavam carros. Só queria me livrar daquela pressão, daquele ódio. Saí.”

“Passaram-se alguns minutos, sei lá quantos, o carro estacionado e eu de pé, no meio do asfalto. Houve um momento em que ela suspirou, deixou o corpo cair no volante e, quando levantou de novo a cabeça, o olhar parecia sem nuvens. Disse:

– Entra. Vamos embora.

Aí acabou nossa amizade.”

Toda vez que se pronuncia o nome de Tiburtina, a morte e o tiroteio andam por perto. Nas caricaturas do jornal O Malho, na década de 30, ela aparecia com uma espingarda e um embornal, sertaneja pronta para emboscar quem quer que entrasse em sua área.

Claro, há indícios de que, em fevereiro de 1930, foi ela quem mandou que se fuzilasse a caravana do Vice-Presidente da República, num tumulto em que morreram seis pessoas. Indícios, versões contraditórias...

Era um dia de festa em sua casa e um dia de festa em Montes Claros, na época, uma pequena cidade do sertão. Tiburtina achava importante que suas duas filhas recebessem os namorados em casa e aprofundassem com calma a relação que mais tarde resultaria em casamento. Mas no dia mesmo de sua festa, o termômetro político da cidade estava no ponto mais alto de sua história. Para começar, Montes Claros nunca recebera um personagem tão importante como o Vice-Presidente. Ele era um conservador, da facção oposta à de Tiburtina e seu marido. Aparentemente vinha à cidade numa visita de rotina. Mas era de política que se tratava.

Tiburtina atuava na Aliança Liberal e navegava, um pouco inconscientemente é verdade, a favor dos ventos da história. Toda uma época, marcada pela grotesca hegemonia de dois setores da economia, cheia de fraudes eleitorais, ia chegando ao fim. A coalizção dominante, instalada em São Paulo e Minas, dominava o resto do País despoticamente e era liderada por um Presidente que dizia: a questão social é um caso de polícia.

A revolução de 30 que iria varrer esse esquema estava em gestação. Mergulhados na vida municipal, Tiburtina e seu marido não tinham uma idéia clara do que se tratava. Limitavam-se a combater seus adversários e eram populistas, dando assistência médica gratuita à população. Ele era médico, ela enfermeira. Na grande epidemia de 16, quando todos os médicos fugiam dos pacientes, eles foram para a rua, construíram barracas de campanha, percorriam um a um os leitos dos doentes e inspecionavam os caminhões de cadáveres que diariamente deixavam a Cidade.

Tiburtina adorava o marido e ele enfrentou a opinião pública para viver com ela. Quando chegou a Montes Claros, vinda de Itamarandiba, era apenas uma viúva com dois filhos, dependendo da ajuda masculina para sobreviver. Tinha três amantes: João, por quem se apaixonou, o irmão dele, chamado Honorato, e um obscuro Major Spier, que logo saiu da história. O homem de Tiburtina dedicou-se sempre à política e tornou-se líder da oposição em Montes Claros. Além de não cobrar as consultas dos pobres, fazia operações milagrosas, com a ajuda dela, que era uma mulher bonita, corajosa e, praticamente, entrou na história nacional ao decidir buscar o bolo de frutas que estava assando na cozinha.

Foi mais ou menos assim: a comitiva do Vice-Presidente chegou à estação e havia milhares de pessoas para recebê-lo. O partido de Tiburtina lançara vários comunicados, durante a semana, pedindo à sua gente que não fosse à recepção. De um modo geral, seria um pedido inútil, pois gente de oposição não costuma freqüentar comícios do governo. Mas aquele era um caso diferente. Nunca tinham visto um homem tão importante na vida e muitos resolveram ir, só para ouvir o discurso.

Provocações no ar, durante toda a semana. Vários fazendeiros comunicaram que mandariam seus homens para cidade, a fim de proteger o Vice-Presidente e intimidar a oposição. Desde quarta-feira, afluíram jagunços de olhar enviesado, os dedos coçando para disparar o gatilho. As empoeiradas ruas de Montes



Claros pareciam um estúdio de bang-bang, no intervalo das filmagens, com pistoleiros passando para o almoço e outros ensaiando a cena do tiroteio. Tomavam cachaça, cuspiam no chão, comiam lingüiça crua e arrotavam. Eram bravos mesmo.

O homem de Tiburtina sempre foi muito visado como líder da oposição. Vários amigos armados e alguns jagunços disponíveis decidiram se instalar na festa que Tiburtina estava dando para os namorado das filhas, só por proteção. Ninguém podia garantir nada, naquele clima em que mergulhara a cidade. Os pistoleiros amigos comiam docinhos e tomavam guaraná, mirando um pé de mulungu diante casa, que dominava a paisagem deserta.

Há dias em que a atmosfera está carregada e a respiração é curta. O seis de fevereiro era um dia desses. O Vice-Presidente chegou na estação e sua caravana, com várias autoridades vestidas de guarda-pó, iniciou sua marcha para o centro da cidade e, fatalmente, teria de passar pela casa de Tiburtina.

Naquele tempo, as caravanas andavam pelas ruas, lançando bombas e foguetes e gritando vivas e morras:

– Viva Melo Viana!

– Viva!

– Morra a Aliança Liberal!

– Morra!

Os gritos iam crescendo de volume, sem contudo interromper a calma da festa. O homem de Tiburtina estava na porta da casa e ela decidiu ir à cozinha buscar um bolo, quando a caravana estava a uns cinquenta metros de distancia. Algumas pessoas, na rua, apertavam suavemente o braço do Vice-Presidente Melo Viana e uma delas apontou para o homem de Tiburtina que, de terno escuro, olhava, gravemente, o primeiro pelotão da caravana, avançando aos sons dos foguetes:

– Olha o João, Excelência – disseram ao Vice-Presidente: – é da Aliança Liberal, mas foi seu contemporâneo no Colégio do Caraça. Lembra dele?

O Vice-Presidente olhou para o homem do outro lado da rua e iniciou um movimento para saudá-lo com o braço direito. O braço ainda não havia passado do ombro e o restante da comitiva, supondo que era hora de gritar de novo vivas e morras, bradou:

– Morra a Aliança Liberal!

Um foguete foi lançado na direção do homem de Tiburtina que recuou meio assustado, tossiu e cuspiu sangue na palma da mão. Tiburtina voltava da cozinha com o bolo na bandeja e ao ouvir gritos “João Alves está ferido, João Alves está ferido”, não vacilou um segundo:

– Atirem sem medo – ordenou aos amigos do marido que instantaneamente fizeram fogo, por pouco não atingindo o Vice-Presidente no pescoço. As pessoas que estavam na festa se esconderam e a multidão na rua dispersou-se rapidamente. Seis corpos ficaram caídos no chão, a comitiva voltou correndo para a estação e dizem que o trem partiu em marcha à ré um bom pedaço, o maquinista assustadíssimo com a responsabilidade de tirar toda aquela gente importante dali, ainda ao som do tiroteio.

Seu Mauro, bancário:

“Eu voltava de mais uma viagem pelo sertão. Os franceses, que eram meus patrões, queriam que percorresse mais de três mil quilômetros em lombo de burro, fazendo propaganda de banco par agente que nunca tinha ouvido falar nisso. Era difícil, imagine, explicar o que era um banco, convencê-los de que ia tornar sua vida mais prática.”

“Quando cheguei na entrada de Montes Claros e dei com todo aquele povo fugindo, trazendo crianças, animais e trouxas de roupa, pensei em guerra, peste ou terremoto. Ninguém se dispunha a parar para conversar. O que é que foi minha gente? O que posso fazer pra ajudar? Nada de resposta. Eles passavam

muito sérios e determinados, e comecei a temer pela minha família. Felizmente, uma boa alma se deteve na correria e disse:”

– Fuzilaram o Vice-Presidente. O Exército vai invadir.

“Tentei em vão arrancar mais detalhes. Alguém sussurrou: Tiburtina. Mas aquilo não me disse nada. Para mim, era apenas uma linda mulher que, às vezes, ia à missa no seu Chevrolet 26, cumprimentando com atenção todas as pessoas que cruzavam seu caminho.”

“Quer saber de uma coisa? Fosse o diabo que fosse, queria estar perto de minha família. Fechei os olhos e fui em frente pra Montes Claros de que tanto gostava, que parecia estar acabando naqueles dias de pavor, onde só se ouvia um nome nos barrancos da estrada: Tiburtina.”

Dentro de Tia Pantera havia uma força maior que as colunas sociais, maior que a tradicional família mineira, maior que a oposição e os obstáculos. Ela continuava buscando o amor e isso a mantinha viva e elétrica, girando em torno dela uma aura que fascinava as humildes empregadas dos salões de beleza e irritava as parceiras mais conservadoras, como se o seu atrevimento obrigasse a todas de sua classe e geração ao desagradável ato de ressuscitar.

Essa vontade foi o motor da separação para a qual partiu de peito aberto, sabendo que viveria um desses momentos da vida em que uma guinada total estava por acontecer, um desses momentos em que nos tornamos uma outra pessoa e olhamos para trás, para a cratera que ficou em nosso antigo lugar, com um misto de carinho pelo passado e de alívio por não estar mais ali.

A primeira fase da separação deve ter cuidado dos mil problemas materiais que surgem num caso semelhante: quem fica com a casa, como sobreviver, que bens passar para as três crianças. Parece que, por esse lado, tudo foi contornado com serenidade, apesar de que, nos últimos tempos, houve choques objetivos. Milton chegou a cortar seu telefone, o que, na realidade, equivalia a uma declaração de guerra.

Tia Pantera nunca trabalhou. Esse era um dos pontos que aumentavam sua fragilidade. Chegou a pensar no assunto duas vezes. A primeira, quando se tornou sócia da mãe numa butique, e uma outra, quando se revoltou contra a imprensa e jurou tornar-se advogada para processar os repórteres. Ambas as iniciativas tiveram fôlego curto. Ela viveria de uma pensão.

Mas um desquite nunca é só material. Havia a gravíssima questão da custódia dos filhos, que marcaria sua vida, dali para frente. Eram um menino e duas meninas dos quais não queria se separar. Eles trouxeram uma nova segurança em sua vida – ser mãe, sentir-se prolongando a vida humana, independente, num certo sentido. O caminho, no entanto, se faria num complexo, pois de agora em diante, teria de se defrontar com uma justiça essencialmente masculina, sempre pronta a condenar a mulher que escapasse aos padrões idealizados pelos homens. Sua disposição amorosa comportava agora um duplo desejo. Não bastava encontrar uma nova pessoa, mas alguém que aceitasse e fosse aceito pelos filhos.

No século passado, Beja resolvera o problema da separação de uma maneira mais eficaz. Simplesmente, livrou-se do português que a seqüestrara, com uma pequena fortuna em seu baú: quatro litros de ouro em pó, oito quilos de ouro em barra. Voltou para Araxá, onde morava antes do seqüestro, construiu um palacete e vivia de rendas.

Para Beja, as coisas eram mais simples não só porque não tinha filhos, mas também porque havia interiorizado uma lógica competitiva com os homens e o amor não estava em seus planos, pelo menos no momento. O

curioso é que ficava cada vez mais linda, banhando-se todos os dias no poço de água mineral que descobriu na infância; usava, às vezes, um chapéu cheio de vaga-lumes vivos, criando uma aura luminosa em torno de sua cabeça. Homens, entretanto, só recebia com hora marcada. E sob pagamento.

A violência brutal com que foi lançada nas relações sentimentais obrigou-a a criar uma couraça de cálculo e táticas para sobreviver. Quem eram os homens para ela? O pai desapareceu antes do seu nascimento. O primeiro amante mandou assassinar o avô para possuí-la. Mesmo assim, manteve-se em paz com o mundo, saindo diariamente para o banho matinal nas águas de Araxá, perdendo-se na contemplação da Serra das Alpercatas, ouvindo música numa caixinha forrada de veludo vermelho. Proibida de ler (achavam que leitura conduzia as meninas à perdição), construiu um mundo de fantasia apenas com fragmentos de histórias contadas naqueles lados de Minas e surgia, às vezes, vestida como cigana, nas escadarias de seu palacete, saía amarela, corpete vermelho, cabelos branqueados com polvilho de Lenclos. Aos homens que vinham de longe pedi-la em casamento dizia:

– Não sou mulher de obedecer. Sou filha do sol, gosto de água corrente, cachoeira, vento de serra, liberdade... Não, obrigada.

Para Tia Pantera, a fase mais delicada da separação foi o princípio, quando procurou imaginar quem era ela de fato, só e descasada. Nesse momento, deve ter mesmo buscado a solidão, para ir se acostumando um pouco mais com ela, para sentir os contornos de uma nova figura que estava por emergir.

Depoimento de uma amiga:

“Quando a gente fica sozinha, vai ao fundo do poço. De verdade. Ao fundo do poço. Quem consegue sair ganha uma força nova, irresistível. Mão amiga quase não aprece. A maioria dos homens, quando ficam sabendo da separação, mudam de atitude, de voz e até de toque, tornando-se mais pesados e pegajosos. As mulheres, com raras exceções, não querem mais saber de você. Passam a ter consideração uma rival, livre e perigosa, pronta para dar o bote no marido siderado.”

“Começa um isolamento, sem saída, a não ser voltar ao velho casamento ou casar de novo. E, às vezes, tudo o que necessita é um período maior de solidão para se entender melhor, para compreender inclusive o que se passou. Porque não dá para começar de novo se você não está sabendo direito nem quem você é, se duvida da própria capacidade de sobreviver emocionalmente sozinha. Você pode estar até apaixonada por alguém, mas acaba pedindo um tempo para arrumação interior, uma trégua amorosa.”

“Foi numa época brava dessas que a revi duas vezes. Numa delas, num apartamento no Rio, cercada de caixas de presente. Era o tempo da Casa Vogue e as caixas vinham quase todas de lá. Ela usava uma camisola e olhava sem nenhum interesse os vestidos espalhados pelo chão. Não riu, nem brincou, fitando, às vezes, o telefone mudo.”

“Depois disso foi aqui em Minas. Eu cheguei em casa no fim da tarde, sabendo que estava esperando por mim. Era uma tarde boba, dessas em que as nuvens ficam logo cor-de-rosa e as pessoas descobrem, rapidamente, que está fazendo frio, olham para o céu e dizem: vai ser uma noite gelada. Não sei se as nuvens ficam rosadas só por aqui, mas é assim desde quando me entendo por gente. Aproveitei o frio e subi as escadas correndo, pensando em tomar um bom copo de vinho tinto. No alto da varanda estava meu cachorro negro chamado Sultão. Ele costuma vir correndo ao meu encontro, mas continuou parado no mesmo lugar e até pensei: Sultão esta derrotado pelo frio. Derrotado não aniquilado, acrescentei, quando vi que nem sequer abanava o rabo, movimento que não lhe custaria o mínimo esforço. Quando cheguei bem perto dele é que percebi a tragédia e gritei:

– Sultão, meu filho, o que foi isso?

Ele tinha os olhos vidrados, a respiração curtíssima e da boca saía uma gosma branca, como se tivesse atravessado um rio de sabão em pó. Vi a porta aberta e corri num só impulso para dentro de casa.

“Ângela estava lá, deitando no chão, falando ao telefone. Quando me viu entrar transtornada, continuou conversando no mesmo tom e me acompanhou com os olhos, um pouco apreensiva.”

– Aliás essa festa – dizia ela ao telefone – na verdade não tinha ninguém. Uma quantidade de gente feia e sem graça...

“Parecia saber o que se passava em minha cabeça, botou a mão no bocal do telefone, quando me dirigi em sua, e perguntou:”

– É o cachorro? Não se preocupe.

“Em seguida, para sua interlocutora:

– Olha, agora vou ter de desligar. Depois a gente se fala.”

Recolocou o telefone no gancho, pausadamente, como se escolhesse as primeiras frases de nossa conversa; sentou-se mais confortavelmente, repousando a parte externa da coxa no tapete, cruzou as mãos, levou os dedos à boca como se fosse soprá-los, pensou um pouco mais e, aí, explodi:

– Pelo amor de Deus, pra que tanto mistério? Me diga logo o que aconteceu com o Sultão.

“Só então é que falou:

– Eu estava muito triste, precisando conversar e ele não parava de latir, desde quando cheguei. Não adiantava puxar o fio do telefone para lado nenhum, porque ele vinha atrás, latindo. Pensei em te esperar, mais ia demorar muito. Tinha um vidro de Mandrix na bolsa, foi à cozinha, peguei um copo de leite e pensei: ou ele ou eu.

Antes que terminasse seu relato, olhei de novo para a varanda, onde o Sultão continuava arrasado, como se pesasse uma tonelada, e pensei: nossa mãe, vou levá-lo já para o veterinário...”

Fantasmas se entrecruzam na chuvosa noite de Ouro Preto. A água embaçou o vidro, o mundo sumiu por trás da modesta luz de vela. Ninfas, anjos, pajens e trombeteiros desfilam cobertos de ouro; poetas cantam suas amadas; rebeldes conspiram embriagados; o império prepara o contra-ataque. O Conde de Assumar está gritando nas ladeiras:

– Entre todos os povos do Brasil ninguém custa mais a obedecer ao soberano. Entre todos os povos...

A luz dessa vela joga o foco no artista mulato que reconstruiu o universo em pedra-sabão. Os dedos caíram, os olhos inflamaram, a mão caiu e ele amarrou (desesperado) o cinzel nos pés.

No litoral, encontrei o fantasma de Hans Staden, um alemão que foi prisioneiro dos tupinambás, no século XVI. E ele me confessou: não escrevo por novidades; escrevo para honrar a Deus. Hans esteve à beira da morte, naufragou, viu outros brancos serem comidos a seu lado, sentiu, ele próprio, a pele chamuscada pela fogueira antropofágica. Duas vezes escapou com vida e, numa delas, os tupinambás já haviam até raspado sua barba ruiva. Dois milagres se precipitaram do céu azul na mata tropical, resgatando o salgado e tenro corpo do fiel Hans. Os índios, que eram índios, começaram a acreditar no seu Deus, imagine ele, perdido no mato, sem bússola ou arcabuz, diante de centenas de olhos concentrados no seu peito, mãos apalpando suas coxas.

Hans tinha de acreditar. Mas e você artista de Minas? Era tão curto o curso das coisas no leito do seu corpo, tão rápida a vida das células degradadas. Você vestia uma capa comprida, montava acavalo na neblina e ia para as igrejas construir estátuas de profetas alucinados. Dentro da igreja, armava uma tenda para que ninguém visse seu corpo mutilado e dali saíam anjos, santos, toda a pureza da forma que você enviaria aos novos séculos. Por quê?

Como é possível entender outra época? Como é possível entender outra pessoa? E a mãe? Por que não falar da mãe e deixar que as mulheres de Minas repousem calmamente no leito da história? Mas a mãe foi apenas uma possibilidade. Como milhões de outras mulheres no Planeta, nasceu, viveu e morreu para os filhos e o marido. Cada momento de ruptura escorreu entre os dedos, cada encruzilhada se dissipou na bruma azul onde se consome nossa vida nas montanhas: os sinos tocam, metemos as mãos na manga do paletó de flanela e louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo que morreu na cruz para nos salvar.

Aqui neste Planeta das matas e cachoeiras escolhemos algumas pessoas para viajar no futuro, viver por sua conta e risco nas fronteiras de uma nova época. E de suas estórias particulares tiramos nossos mitos destinados a acalmar os rebeldes ou mesmo empurrá-los para novas aventuras. É tudo muito misturado, curvo e contraditório.

Suponho, por exemplo, que Tia Pantera, depois da separação, vivia sob o fogo cruzado. Tiveram seus filhos, mas de desligaram, mandando-os para longe de sua casa, de preferência para outras cidades. Verdade que quando pressentiram a chegada da morte reaproximaram-se deles. Beja mudou-se para o lado da filha e Chica concentrou quase todos no seu palacete em Diamantina.

Nos escritos que relatam suas épocas, aparecem cercadas de escravos, sempre preocupadas com sua beleza, com a relação sentimental e com o funcionamento da casa nas festas e banquetes que promoviam. A questão de estar junto dos filhos, os sucessivos problemas que a educação deles deveria colocar, simplesmente desapareceram do carro das biografias. Algumas mulheres de sua época, com o mesmo dinheiro e aparato material, fizeram o mesmo. O instinto maternal não teria sido mais um instinto dos pobres na Minas colonial?

Mas na história, era como se o palacete de Araxá, onde Beja oferecia genebra aos homens que vinham de longe cortejá-la, não tivesse lugar para crianças; como se a vida estonteante de Chica da Silva, sonhando com o mar e exigindo do marido um barco de verdade para singrar as águas de sua chácara mineira, acontecesse muito tarde, num horário impróprio para menores.

Tia Pantera não se conformava com a distancia dos filhos. Mas de outro posto de combate faziam fogo cerrado, mandavam chumbo grosso em seu peito aberto. Os honestos pais de família não queriam uma relação com ela, agora que estava desquitada; queriam apenas um encontro furtivo, na penumbra, tomando cuidado de sair rápido, de banho tomado, para apagar todos os vestígios do pecado vespertino. Era forçada a ser mãe de um lado e amante de outro. Chica da Silva conhecia bem um desses dilemas e de certa forma conseguiu sobreviver nele: era forçada a ser negra na cama e loira no salão, usando cabeleiras que seu homem importava da Europa.

Episódios ocorridos aqui e ali iam mostrando na vida de Tia Pantera as posições inimigas, o lampejo das balas, as emboscadas. No dia do casamento de sua irmã, por exemplo. Lá está o álbum de família, onde aparece com uma minissaia de paetê negro e uma touca, as pernas de fora, um sorriso travesso, os olhos arregalados. Era fácil pressentir o escândalo na igreja em que estavam todas vestidas até o tornozelo, os homens de terno escuro, fuzilando com uma expressão severa aquele ser interplanetário, com as pernas bem plantadas, o ar de deboche e, o que é pior, cintilando sob o reflexo das luzes, no altar de Cristo, Nossa Senhora e os tristes santos de nossa constelação religiosa.

Os olhos arregalados de Tia Pantera não eram uma reação à energia negativa que flutuava naquela nave, nem uma busca da saída de emergência. Ela fora avisada de que havia um fotógrafo especialmente contratado para surpreendê-la de braços com outro homem que não fosse seu marido. Cada vez que espocava um flash, ela respondia com um alerta máximo, como se dissesse para atrás da câmera, para atrás do próprio fotógrafo: estou viva e atenta. Mas daquele momento em diante, não havia dúvida para ela de que seria preciso muita habilidade para realizar os dois aspectos de seu sonho: encontrar um novo amor e viver junto das crianças.

Relato de um amigo:

“Na festa em homenagem aos multimilionários Antenor Patiño, ela brilhou intensamente mas acabou saindo na companhia de um amigo, dormindo sozinha e um pouco triste. Antenor Patiño conseguira acumular na Bolívia uma das maiores fortunas do mundo e pertencia ao jet-set. havia uma excitação particular: era uma festa como as de Paris, do Estoril, de Londres ou Nova Iorque. Através dela, sentíamos em qualquer desses lugares, como qualquer um dos personagens – para que esconder? – que admirávamos. Sabe dessas festas em que as mulheres botam tudo em cima – jóias, relíquias de tantos séculos, lembranças da bisavó morta na gripe espanhola?”

“A música não era das mais modernas, nem poderia ser, pois estava reunido ali quase todo o mundo dos negócios, muita gente de idade, buscando se mexer o mínimo para evitar contusões, ou estadias prolongadas no fisioterapeuta.”

“Patiño tinha uma cara morena, uma sobrançelha espessa, disso me lembro bem. Durante sua primeira hora de festa, foi constantemente cercado de gente preocupada com que não ficasse só, nem se aborresse. O pequeno grupo fez um círculo em torno dele e, como era um homem baixo, só o víamos quando os garçons furavam o cerco e saíam ou entravam com bandejas coloridas no centro da roda.”

“No momento em que o homem quis dançar, sua mulher não estava por perto. Ele estendeu os braços discretamente, rompeu, por um momento, o círculo de admiradores e fez algo que ansiava fazer desde o começo: deu uma olhada geral nas mulheres da festa. Com a mesma determinação com que seus antepassados cavavam a terra, dizendo entre dentes, aqui há estanho, o velho milionário partiu para o canto da sala, onde Tia Pantera ria abertamente, tomou suas mãos e disse toda aquela coisa, senhora, mucho gusto, e poucos segundos depois já estavam rodando pela sala, ele um pouco mais baixo que ela mirando o colar no pescoço, cheirando a ponta dos cabelos, pensando num bosque com um perfume daquela orelha, um túnel com o calor daquelas mãos.”

“Isso deve ter durado alguns minutos. Houve um ligeiro zunzum na sala. Havia gente que gostava dela, gente que não gostava, e você pode imaginar o conteúdo dos sussurros, a carga de olhares correspondidos. Alguns minutos depois de começarem a dançar, a mulher do homem se inquietou e foi diretamente perguntar a ele se não tinha fome, se não queria parar um pouco. Patiño parou, ainda deslumbrado.”

“Quando todos se preparavam para a longa e ainda arrastada conversa de coquetel, certos de que, por aquela noite, havia se esgotado a cota de novidades, de que a família boliviana sairia fortalecida, sem precisar, afinal, de nenhum golpe de estado, uma nova surpresa eclodia no lado da sala onde estava Ângela.”

“Ela saiu dançando com outro homem, dessa vez o Nonô, o prefeito da cidade quando ela era menina, o homem que construiu o Cassino da Pampulha, Juscelino Kubitschek, o presidente que implantou a indústria automobilística, que mandou fazer Brasília e, no dia da inauguração, disse: deste planalto central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das decisões nacionais...”

“Eram duas lendas dançando e Juscelino tinha o mesmo sorriso de olho apertado, uma certa leveza nos passos; pé-de-valsas. Os anos que se seguiram ao golpe militar foram duros para ele. Andou no exílio e muitos conheciam sua carta de Nova Iorque, onde falava numa tristeza pesada, bruta e dolorosa, carta escrita num dia de Natal em que às duas horas da tarde já fizera escuridão e ele só via rinocerontes mecânicos jorrando luz pelos olhos.”

“O caldeirão voltou a ferver. Ela se movia com graça, mas não parecia especialmente alegre. Podia ser filha de Nonô e, num certo sentido, o era. A cidade onde viveu foi marcada por ele e suas obras. A própria existência cotidiana de alta classe média transformara-se radicalmente e todos os movimentos exteriores eram feitos de automóvel; os homens de sua vida, em grande parte, foram contaminados pela febre de Nonô e entusiasmaram-se com a idéia de construir tudo, num ritmo veloz. Até a abstrata rigidez que o levou a construir uma cidade no interior do País, sem consultar os futuros moradores, estava remotamente presente nela, na maneira como exercia um controle técnico e intelectual sobre a própria beleza, operando os olhos para repuxá-los mais, as gengivas para aproximá-las dos dentes, o queixo para implantar um furo que iria compor seu sorriso para sempre.”

“Pararam de dançar no mesmo canto em que começaram, bem mais frios e distantes. O Presidente tentara em falso uma arriscada manobra diplomática. Ele, que se acostumara às alianças, acordos, concessões e ultimatos, não havia percebido, ao longo de sua vida, que as leis que regem a política não são as mesmas que regem o coração. Tentou convencê-la a se afastar de um homem muito especial para ele: o marido de sua filha. Ela apenas sorriu.”

Naquela noite, voltou desanimada para casa, tirou os sapatos, deixou no tapete, deu um grito e, um pouco esquecida dela mesma, deixou-se ficar ali, olhando o teto. Buscava o amor mas custava a compreender que o amor estava em falta nos círculos que freqüentava. As melhores ações na Bolsa, boatos sobre o próximo

ministro a cair, isso não faltava. A verdade é que ignorava novos caminhos e não estava disposta a achá-los a ferro e fogo. No entanto, a energia amorosa não iria se perder de todo, nem estagnar na límpida atmosfera da montanha. Um novo homem ia aparecer. Alguém que fosse rico, pobre mesmo, ela nem conhecia – mas que não tivesse se perdido na corrida ao ouro; alguém que tivesse um pouco de poder – destituídos nem chegavam perto –, mas que não tivesse ficado marcado pelo seu exercício; alguém que fosse homem – eram másculos seus admiradores –, mas que não fosse completamente impermeável a algumas melhoras.

Essa miragem conciliatória existia em sua cabeça e buscava incessantemente uma encarnação. Existiria na realidade concreta, à margem da piscina do Tênis, nos salões do Automóvel Clube, nos restaurantes da moda? Ou essa questão é completamente idiota, pois a realidade concreta não tem a mínima importância, quando desejamos com força?

Mais uma vez, o mundo dos empreiteiros, que transformavam a paisagem objetiva com sua intervenção material, ia fornecer a substância humana para a romântica alquimia de Tia Pantera. Os criadores de novos cenários de concreto tornavam-se areia, pedra e cimento aramado de um sonho.

O homem se chamava Artur Mendes e era filho de um poderoso milionário que operava no setor de construções, rasgando entradas, erguendo prédios. Era tímido, gaguejava um pouco, mas havia um momento em que sua insegurança desaparecia, pois conquistara vários prêmios em campeonatos de tiro ao alvo. Com a espingarda na mão, diante de um prato ou pombo, não hesitava jamais.

Há poucos dados sobre o encontro. Atmosfera, música, a primeira frase, nada disso ficou registrado. É provável que tenham se conhecido muito antes de se transar e que o afeto tenha crescido lenta e gradualmente, ao longo das noites aborrecidas que suportavam, ouvindo, às vezes, um longa estória sobre como se comprou um anjo barroco a preço de banana, como se fechou um negócio de enriquecer.

Corre uma lenda segundo a qual Tia Pantera não queria nada com ele não. Estava num salão de beleza quando chegou a mulher do homem e exigiu seu atendimento na frente. Em represália, ela teria dito entre dentes: vou conquistar seu marido. Essa estória nunca foi confirmada foi inventada em todos os detalhes. Coisas parecidas figuram na biografia de todas as antepassadas de Tia Pantera e, de um modo geral, circulam para atribuir a elas um poder de que, de resto, não tinham, mas que era o pesadelo das mulheres casadas: o de arrebatá-lo marido de quem quisessem, na hora que determinassem.

Fragments de entrevistas, frases realmente ditas por ela, permitem estabelecer que:

– Amo Artur. Somos felizes juntos. Sou uma pessoa amarrado no hoje e no agora. Amanha posso estar em outra.

– Ele vivia inibido, preso à sociedade que ditava normas. Eu fiz com que fosse alguém, ele próprio. Mudou o guarda-roupa, comprou um carro esporte, implantou cabelos... O patrimônio dele é enorme, mas sua retirada mensal é apenas de 24 mil cruzeiros. Eu, por exemplo, tiro o suficiente de minhas rendas e me dou o luxo de dispensar empregos e negócios, pois não preciso de mais dinheiro para viver com gosto.

– Apesar de mais velho do que eu, ele sente apoio em mim. Basta lembrar um detalhe: comigo ele nunca foi gago. (Entrevista a Manchete.)

As fotos disponíveis confirmam essas entrevistas. Realmente mais velho que ela, vivia um processo de calvície adiantada, equilibrado pelas fartas costeletas que deixava crescer, vestia-se com seriedade e estava sob influência de uma bela mulher que lhe dava ânimo para viver e não hesitou em proclamar isso publicamente.

A relação dos dois deve ter sido uma sucessão de pequenas batalhas em torno de um único objetivo: a de que ganhasse coragem para abandonar a mulher e filhos. Uma gravata florida, a troca de carros, a implantação dos cabelos, todas as vitórias iam sendo registradas no diário de bordo e, embora não pudessem precisar quando ele daria o salto final, eram o lamento de um delicado cotidiano.

Transar com homem casado impunha até uma certa disciplina. Era preciso estar sempre atenta ao telefone, sabendo que poderia chamar a qualquer instante e ela não dispunha da mesma liberdade. Inútil contar com



ele nos feriados mais longos; necessário estar preparada para vê-lo se vestir e ir embora, num momento em que a noite apenas começava; sobretudo, era preciso aprender a desfrutar uma liberdade entre quatro paredes, meio subterrânea, sem lua cheia, passeios matinais, namoros livres, como o das empregadinhas, nos bancos da Praça da Liberdade.

Tia Pantera estava segura de que iria conquistar o que queria. Aquele homem talvez não fosse exatamente o de seus sonhos, mas o amor tinha poderes transformadores. Se, no final, Artur não saltasse da família, tudo bem. Para ela, restava o consolo de que fizera o possível, e, para ele, a consciência de que estava abandonando todo um processo de crescimento, cujos benefícios já vinha sentindo na carne.

Visto sob esse ângulo, Artur saltasse ou não saltasse, o balanço da experiência seria positivo para ela, pois se lançara de coração aberto na relação, estava viva e comunicando uma força nova à pessoa que amava.

Foi por aí, numa noite de domingo, que um obscuro e secundário personagem na vida de Tia Pantera entra em cena vigorosamente, transformando com sua passagem todo o quadro em que ela se movia.

Ao tratar de países, os historiadores hesitam muito em indicar quando começou precisamente uma tragédia. Quando, por exemplo, a Alemanha iniciou sua guinada para o nazismo; quando se instalou a decadência do Império Romano. Com as pessoas também é assim. Não se pode precisar o momento, mas, olhando para trás com calma, é lícito no mínimo dizer que surgiu na sua vida uma linha divisória.

Negro, de 19 anos, chamado José, lavava carros, fazia biscates e trabalhara na casa de Tia Pantera como rondante. Depois da separação, foi demitido, mas jamais conseguiu se afastar completamente.

Difícil dizer o que o prendia ali. Superficialmente, acreditou-se que esperava apenas uma chance de roubar objetos domésticos, tirando partido do conhecimento que tinha do terreno e dos hábitos da dona da casa. As medidas de segurança contra José foram se tornando mais sofisticadas, a começar pela campanha que Tia Pantera instalou em sua casa, sonoro cordão umbilical ligando-a à casa da mãe, que se mudara para junto dela.

Assim que viu o jovem negro rondando a casa Tia Pantera registrou queixa contra ele no 11º Distrito Policial e foi ao Comando da Polícia Militar pedir proteção. Para culminar, num rápido processo burocrático obteve licença para portar armas.

José não podia imaginar que a insistência em rondar a casa tinha desfechado um esquema tão acima do perigo real que representava. Sua única atividade até o momento tinha sido olhar, detetar vultos por trás do vidro, vislumbrar suas roupas, imaginar embaçados movimentos. Tanto não podia imaginar, que chegou a entrar sorrateiramente na casa, percorrer alguns de seus cômodos e, quando chegou ao banheiro, sentiu uma coisa fria na orelha e ouviu uma inesperada voz masculina pelas costas:

– Não se mexa. É cana.

Um cabo do Quinto Batalhão, designado para guardar a casa, estava vigiando todos os seus passos e deixou que entrasse para surpreendê-lo no melhor momento. Não foi preso, mas recebeu uma forte sugestão para nunca mais voltar ali, caso contrário amanheceria com a boca cheia de formiga.

É muito provável que naquela noite não tenha lavado nenhum carro, que tenha voltado diretamente para o Morro do Querosene e refletido um pouco melhor sobre a situação. Dúvida de que os homens matam, não tinha nenhuma. Mas como é que a polícia foi aparecer ali? Será que o tinham denunciado pessoalmente, uma entregação completa com nome e tudo? Ou o homem estava ali de bobeira, controlando qualquer pobre que entrasse na área? Valia a pena voltar e enfrentá-la assim tão direto?

A força que o empurrava de volta à Vila Gutiérrez permaneceu misteriosa para mim, sobretudo naquele domingo, um dia mais pra calma, quem sabe uma pescaria. No caminho da casa de Tia Pantera, ele deve ter cruzado seus conhecido, pobres como ele, desfraldando ruidosamente a bandeira alvinegra do Atlético e gritando Galo, Galo; no caminho passaria por botequins onde se alçavam espumantes copos de cerveja e ouviria de passagem as vozes alegres de uma roda de samba. Mas isso tudo no caminho, em movimento, pois nada o fazia parar, poucos dias depois do susto, lá estava ele de volta.

Chamar de força estranha ainda não alcança o fluxo de energia que o lançava para frente. Há várias forças estranhas. Esta tinha a qualidade de engavetar a noção de perigo no fundo da memória, de fazê-lo marchar como um zumbi, mas um zumbi de olhos abertos, brilhantes, sedentos de reflexos de sol no vidro da casa da mulher branca. Aquela caminhada e a ronda noturna eram suas cerimônias dominicais; quem quisesse bater matraca e fazer nome de padre na procissão, tudo bem; quem quisesse soltar foguetes e se abraçar na hora do gol do Atlético, tudo bem; quem quisesse namorar as meninas no Parque Municipal, ótimo. A sua era esta: parar na frente da casa e olhar.

Era um domingo longo e arrastado. A ditadura já havia se implantado há anos e os domingos estavam cada vez mais parecidos uns com os outros: macarronada com frango, longas filas nas portas das churrascarias, movimentos nervosos de troca de fraldas, milhões de pessoas voltando para a casa a fim de assistir ao vídeo-teipe do futebol vespertino nos seus melhores momentos.

Tia Pantera e seu homem decidiram sair juntos naquela tarde. Mais uma pequena vitória: estava juntos num domingo e enfrentariam a opinião pública. Aliás, os restaurantes foram as primeiras áreas liberadas da intrincada guerrilha. Fome e amor juntos, num momento da noite em que o sono não havia ainda chegado, terminaram por colocar crua e diretamente o dilema da independência: reputação ou lasanha?

Mal começaram a tomar o vinho, ele depositou o copo na mesa, olhou nos olhos do homem e disse:

- Amor, dorme comigo hoje.
- Hoje?
- Sim, hoje, porque...
- Amanhã é segunda, você sabe, começa tudo de novo.
- Sei, mas é que...
- O quê?
- Tive uma intuição. Aquele lavador de carros andou rondando a casa de novo.

Era a primeira intuição que tivera nos últimos tempos. Quase não freqüentava mais a casa de Dona Emê, a mãe-de-santo que cuidava de seus assuntos espirituais e amorosos. Longe iam os tempos em que botava um copo d'água debaixo da cama, acendia velas misteriosas ou andava com nome de homem dentro do sapato. Dera um descanso à velha Emê que cobrava por sessões. As antepassadas tinham sempre uma escrava vidente, exceto Chica da Silva que, sendo negra, conversava diretamente com os espíritos.

Havia, naquele domingo, uma carga negativa no ar. Seu santo, dispensando a mediação de Dona Emê, comunicara-se diretamente com ela, de um jeito que não dava para disfarçar: nó no peito, medo difuso.

Tia Pantera já era o que se podia chamar uma pessoa experiente e conhecia os homens bem mais em profundidade que nos tempos de debutante. Ouvia estórias de corrupção no governo, sabia que as grandes empresas mantinham apartamentos e contratavam prostitutas para impulsionar certos contratos. Costumava dizer para as mulheres dos empreiteiros:

- Se vocês soubessem o que acontece de verdade, o fígado ia ficar roxo.

Na realidade, tinha uma certa pena das grã-finas que ignoravam o mundo exterior, que ainda perguntavam se havia mesmo tortura contra presos políticos, que achavam ser o governo militar uma salvação contra os comunistas. Sabia muito mais que elas, mas sua revolta se extinguia no instante mesmo. Não era do gênero impulsivo, desses que sentam na mesa do quarto e escrevem a Thomas Jefferson:

“Eu sou brasileira e bem sabeis que minha infeliz pátria geme sob a escravidão mais afrontosa, pois os bárbaros estrangeiros nada poupam a fim de nos tornarem mais infelizes.”

Disso ela não era e Thomas Jefferson morrera há muito tempo.

No caso do lavador de carros, Tia Pantera tinha medo. Tudo o que sabia do mundo não dava para entender a coragem e a insistência de José diante do risco. Nem o brilho dos olhos dele, a passividade quase religiosa com que a observava, só imaginando o que se passava atrás das cortinas fechadas. Não dava para definir nada, ali diante dos pratos vazios, no restaurante. Uma coisa era certa: de nada adiantaria um acordo com José, do gênero “toma essa grana e desapareça daqui”. Somos todos materialistas, ela sabia, e no entanto somos diferentes.

Artur resolveu dormir com ela naquele domingo. Sabia que era uma maneira inédita de começar a semana e que franqueava um novo passo no equilíbrio entre tempo para família tempo para amante. Estava fortemente influenciado por ela e tudo que fizera a seu conselho tinha sido positivo em sua vida. Hora de fechar os olhos e confira mais. E era muito possível que a esta altura o crioulo ameaçador já tivesse voltado para a sua favela, bêbado de cachaça e das coisas que fumam lá por cima. Talvez fosse isso – Ela queria dormir com ele uma noite de domingo e superestimava sua intuição para convencê-lo a ficar ao seu lado.

Pagaram a conta, entraram no carro esporte de Artur, foram para casa, fizeram o amor e dormiram. Os santos estavam em baixa naquela noite. O de José deve ter enviado mil mensagens durante todo o domingo, mas, ainda assim, antes do dia nascer, ele escorregou da cama e voltou para a mansão da Vila Gutiérrez, onde os amantes dormiam sob as cobertas, o céu de um cinza azulado abria fendas por onde entravam os primeiros tons róseos da manhã de Minas.

José aproximou-se, tirou o agasalho, descalçou os sapatos e pisou diretamente na terra orvalhada. Em poucos segundos, já estava dentro da casa, perto das casuarinas, na rampa por onde subiam os carros. Quando tentava arrombar a porta da frente, usando, segundo aversão dominante, uma faca para retirar a massa no ferro batido, fez barulho, se atrapalhou.

Cena sonâmbula, nascida no lusco-fusco matinal. Tia Pantera acorda, balança suavemente o corpo adormecido de Artur e diz:

– Ouve. Um barulho. É ladrão.

Arrancados do sono floresta em que se achavam, estavam agora em cima da árvore, cercados por uma hostil tribo africana. Artur busca o Colt 32 embaixo do travesseiro e parte para o combate direto, a fim de salvar sua amada. Podiam ter chamado a polícia, gritar por socorro. Socorro na selva? E a rapidez daqueles negros viajando pelos cipós? E a dor no peito de ver as cenas finais? Bem ao longe: mulher branca sendo levada nos ares, esperneando debilmente, a camisola rasgada pelos espinhos, os gritos sufocados pela algazarra dos pássaros e macacos; dez anos depois: mulher branca cercada de dez mulatinhos, dizendo para o intérprete que, finalmente, conseguiu um contato pacífico com a tribo, antes da construção da estrada de ferro que vai alterar a face da região: “quer saber de uma coisa? Sempre tive uma inclinação pela vida natural”. Ah, não nada de socorro.

José continuava ali esperando, não se sabe o quê. Ele fizera barulho e sabia disso muito bem. Além do mais sabia que a dona da casa não estava só, pois conhecia os seus carros.

“Quando Artur saiu do quarto, saltando a janela com o revólver na mão, eu fiquei perto da janela, olhando para fora. Artur passou pela grama, subiu pela grama, subiu a rampa e chegou perto do meu Volkswagen. Foi quando vi um homem abaixo atrás do carro. É o Zé gritei para Artur.”

Os atiradores profissionais, vocês sabem, gostam sempre de traçar um triângulo imaginário no ar. Quanto mais perto estiverem entre si os três buracos feitos pelas balas, melhor é a qualidade do tiro. O jovem negro caiu na rampa e o vértice do triângulo era sua boca ensangüentada.

Única testemunha, para ela fora um encontro rápido e surpreendente. Os dois homens se olharam em silêncio, faca e revólver reluzindo na manhã que nascia. Ouviram-se os tiros e o silêncio voltou a dominar pesadamente a casa. Ao longe, nenhum latido de cachorro, nenhuma janela se abrindo iluminada.

Artur voltou para o quarto, guardou o revólver e sentou-se na cama. O inimigo jazia abatido e os amantes se abraçaram pálidos e nervosos. Naquele instante, o amor começava a morrer. Naquele instante, o amor começava a morrer também, mas nem sequer perceberam isso, esmagados por um medo maior. As brumas

do amanhecer selvagem já haviam se dissipado, os dois estavam com um cadáver na rampa da casa, em plena Belo Horizonte. E era segunda-feira.

E agora? Numa rápida tomada de decisão, ali na beira da cama, concluíram que Artur deveria fugir e ela assumiria o crime. Assim que ele se vestiu, acionou o carro e sumiu, Tia Pantera entrou numa crise nervosa, apertou longamente a campainha que a ligava à casa dos pais e desmaiou.

Esse me lembra um sujeito que procuramos. Diante do corpo, o detetive Salim e dois subinspetores buscavam no rosto de José a causa do crime. Nada mais parecido com um suspeito do que um jovem negro sem sapatos, vestindo uma camisa xadrez e fuzilado no jardim de uma mansão burguesa. Ataram-lhe o número 1.902 no pé esquerdo e o mandaram para o Instituto de Medicina Legal.

Os boatos começaram com um leve sopro, tão leve como a brisa que ondula as águas da Pampulha, como o vento baixando a Serra do Curral: lentos e ritmados, como os trens que partem para o interior, passavam a circular pela cidade. Algumas horas depois, na Delegacia de Homicídios, o burburinho era total, porque os jornalistas só dispunham da vaga notícia do crime e mergulhavam em mil especulações, conversas off-the-record, como gostavam de dizer ultimamente.

José era desconhecido. Inútil pesquisar sua vida. Lavava carros, às vezes era chamado de Pelé, e consta que ajudava a mãe, com os poucos excedentes que economizava. O corpo estava na geladeira, devidamente numerado, e isso bastava até a chegada dos parentes que o reclamassem. Os olhos e ouvidos convergiam para os vivos, os ricos da mansão onde entrara, deixando com seu sacrifício um excelente tema para as conversas noturnas, as discussões nos botequins.

A primeira informação nova foi trazida pelo advogado Maurício Aleixo, anunciando que sua cliente matara o lavador de carros a tiros, para se proteger de um assalto. Era demais. Os jornalistas quase disseram oh, eles que são preparados para o espanto. Nunca houve uma notícia tão excitante nos últimos dois anos. A mulher da sociedade que fuzilara o jovem negro iria se apresentar à polícia nas próximas horas, assim que se recuperasse da crise nervosa em que submergira.

A julgar pelos jornais do dia seguinte, a imprensa ainda se movia lenta e pesadamente, como se intuísse que lhe jogavam areia nos olhos. Os grandes crimes em Minas são mais delicados do que um processo eleitoral. As partes interessadas se reúnem longamente, elaboram suas versões em detalhes, traçam suas táticas para conquistar o grande público, neutralizar os hesitantes, isolar o adversário.

Nem sempre as coisas acontecem de acordo com sua previsão e as versões populares ganham uma certa autonomia. Mas lá estão os advogados, reajustando as táticas, enxertando novos detalhes para confundir o júri, aconselhando seus clientes e escrevem diários sentimentais na prisão.

Beja, por exemplo, quando pagou a um escravo para assassinar o amante, que fora também seu primeiro namorado, preparou tão bem as condições políticas para o julgamento que o público foi lá apenas para aplaudi-la. Enquanto sentava-se, gravemente, no banco dos réus, os empregados da casa preparavam rapidinho um banquete que iria oferecer ao padre, ao advogado de defesa, ao promotor, enfim a todos

os amigos importantes. Ela deve ter ouvido o libelo acusatório preocupada com o assado que mandara botar no fogo com a recomendação de tirar no ponto, quando o molho já estivesse fervendo mas ainda não começando a secar, quando as batatas estivessem douradas...

O estado-maior das famílias de Tia Pantera e seu homem entrara em reunião de emergência, desde a hora do almoço de segunda-feira. Os amantes foram separados e proibidos de entrar em contato. A partir de agora, o vínculo com o mundo exterior eram as famílias, que os esconderiam da polícia, garantiriam toda a assistência material, desde que, Deus do céu, finalmente, obedecessem às instruções de quem queria apenas o seu bem.

Do lado de Tia Pantera a discussão era intensa. Por que assumir o crime? Que idéia era essa de encobrir a participação de Artur? A família começara a semana meio dividida, tanto que um advogado chegou a anunciar a apresentação da dona da casa à polícia. Mas, ao cabo das primeiras discussões, a correlação de forças foi se alterando. A irmã, Fátima era mais jovens e fazia pressão pela verdade. Os argumentos de Tia Pantera para assumir o crime eram os de uma senhora bem comportada: Artur, casado, pai de filhos, precisava ser preservado do escândalo.

Os conselheiros familiares comunicavam-se entre si e sentiam que o tempo corria muito depressa. Dentro de algumas horas alguém teria de se apresentar, com uma versão completa e invulnerável, que saciasse simultaneamente a curiosidade da polícia e da imprensa.

Investigações mesmo não havia, exceto a autópsia do corpo de José que continuava na geladeira, esperando em vão um parente que o reclamasse. O papel do jovem negro estava concluído para a polícia: entrara em cena para engolir aquela bala incandescente numa aurora de junho e – caput – deslizar para o frigorífico, enquanto a fogueira mesmo começaria a arder do lado de fora.

Na trincheira familiar, Tia Pantera ainda tentava resistir à idéia de expor Artur, mas, aos poucos, a família foi optando em peso pela versão verdadeira, deixando-a mais isolada ainda, agora que não podia usar o telefone, agora que necessitava mais que nunca de vozes amigas, de falar incessantemente para escapar à forte depressão que se aproximava. Sim, porque alguma coisa acontecera em sua vida com aquele crime, algo como a explosão dos ponteiros do relógio ou um frio gelado soprando na nuca: ela começaria a morrer.

Assumir o crime sozinha talvez pudesse se explicar apenas pela dinâmica interna da relação. Artur era fraco, dependia de seu apoio, e quase todos os passos que dera rumo à vida o fizera segurando firmemente na mão de Tia Pantera. Ela se sentia tão responsável por ele que não podia vê-lo como o autor do crime que aconteceu na casa dela, envolvendo um homem que a seguira, realizado com o objetivo de protegê-la. Tinha dificuldade em reconhecer o espaço de Artur, de um modo geral, quanto mais naquele caso em que estavam tão embaralhados os dois.

A idéia de não expor Artur tinha inconveniente de negá-lo ainda que sob o pretexto de protegê-lo. E o argumento de que era um homem casado precisando escapar ao escândalo, servia apenas para fortalecer as adversárias que, àquela altura começava impiedosamente o disse-me-disse, o zunzunzum. Colocava-se no preciso lugar que lhe queriam atribuir: a da amante dedicada ao homem e disposta a tudo para manter a estabilidade do lar dele, da amante que injetava energia e ternura ao marido ressequido, para que pudesse prosseguir no seu árido caminho de pai de família, conviver harmoniosamente com a esposa que não lhe dizia mais nada, tocar o barco dos negócios, rasgar estradas, construir novos arranha-céus. Em síntese, convertera-se, com aquela idéia maluca de evitar o escândalo, numa dedicada funcionária lateral do monstro que sempre ameaçou engolir seus melhores sonhos: a família mineira.

A primeira fase das discussões terminou. Uma nova versão seria contada à polícia nas próximas horas. Artur era o autor dos disparos que atingiram José e estava pronto para se apresentar. A nova notícia jogou lenha na fogueira dos rumores e quem seria queimada era ela, queimaduras graves, de terceiro grau.

Corria nos bares e salões que o jovem lavador de carros era amante de Tia Pantera e foi assassinado por Artur ao ser descoberto junto com ela, apaixonadamente enlaçados. Novos detalhes eram acrescentado para dar consistência à versão: não havia impressões digitais correspondentes na faca de prata que

apareceu em sua mão, a calça que vestia no momento do crime tinha manchas de esperma e, sobretudo, foram encontrados carrapichos colados na perna dele e na camisola dela, na camisa dele e na cama dela, estabelecendo assim um vínculo silvestre que iria até-los pelos resto dos tempos.

A cerimônia de apresentação de Artur à polícia foi à altura da tradição planetária. Dezenas de repórteres e fotógrafos se concentravam na Delegacia de Homicídios, conversando animadamente, estudando ângulos e iluminação. O delegado Prata Neto, excitado com a importância do caso, reconhecia que jamais tinha entrado na Delegacia de Homicídios o herdeiro de tão poderosa empresa. E garantia aos jornalistas: vai ser um encontro de cavalheiros.

Artur chegou num Dodge amarelo com teto de vinil, vestindo um terno marrom e uma gravata preta e sumiu, quase que imediatamente, na sala onde iria depor. Os jornalistas passaram na espera longos e angustiantes minutos envolvendo o corredor numa densa nuvem de fumaça dos cigarros. Quando o delegado Prata Neto abriu a porta, literalmente voaram sobre ele, em busca de uma declaração reveladora, e o delegado, um pouco na profusão de microfones erguidos à altura de seu rosto, afirmou:

– A dificuldade de se expressar é a causa principal dos conflitos humanos.

Os jornalistas entreolharam-se desanimados. Para os de fora do Planeta, aquilo parecia uma frase generalizante e deslocada; para os que tinham passado sua existência ali, era carregada de significação. É a maneira típica de ficarmos calados, quando nos falta coragem para o silêncio aberto. Mas é também a maneira de, como um koan zen, deslocar a expectativa do interlocutor, lembrando-lhe, mais uma vez, a inutilidade das palavras em certas ocasiões. O Dr. Prata Neto poderia ter dito:

– Só falarei quando vocês beberem de um só gole toda a água do Hsi Chiang.

Os repórteres do Planeta Minas sabiam entender e produziram à sua maneira uma estória correspondente. No fundo, havia a certeza de que aquele crime teria versão única. Os dois sobreviventes se puseram de acordo e eram as únicas testemunhas.

Desde sua aparição vitoriosa num baile de carnaval, Tia Pantera compreendeu que, sendo bonita e popular, milhares de boatos iriam sobre sua vida. Ou até sobre a sua morte, que, há apenas alguns meses, tinha sido anunciada com extraordinária riqueza de detalhes: acidente noturno numa viagem para Ravena. Ela passou vinte e quatro horas escondida, divertindo-se com a reação das pessoas e comentando, no final da onda: sou uma pessoa que incomoda.

Mas aquele boato sobre a relação com José era de uma qualidade diferente. Uma coisa era ser dada como morta, pois morrer, afinal de contas, era um inelutável destino. Outra coisa era ser amante de um negro que lavava carros, rolar com ele não importa em que matagal, apareceram cobertos de carrapichos, atados um ao outro como se fossem dois cachorros vira-latas no auge do cio.

Pela primeira vez, reagiu com irritação e amargura. As zagaiais inimigas que cruzavam o límpido céu de Belo Horizonte atingiram o peito de Tia Pantera e ficaram cravadas não como uma lamina, balançando junto com os músculos ao caminhar, mas como um espinho que se aloja entre a unha e a carne e ali fica para sempre, inflando. A oposição se agasalhara em seu peito e ela dizia chorosa: se fosse pelo menos o Sidnei Poitier suportaria melhor essa ofensa.

Isso nunca tinha acontecido. Uma vez, há muitos anos, houve uma tentativa de ligá-la a um cantor negro e ela ameaçou espancar a jornalista que escrevera a notícia, mas se esqueceu rápida e alegremente o assunto. Naquele episódio, a questão da cor ficara um pouco difusa, porque o cantor tornara-se conhecido por sua colaboração a polícia política e, de um modo geral, era detestado.

Agora era diferente. O estado-maior encarregado de sua defesa não escondia a irritação cada vez que o assunto vinha à tona. Num rápido contato com os jornalistas, o advogado de Tia Pantera foi interpelado:

– Verdade que não havia impressões digitais na faca, doutor?

– Vocês acham que íamos montar uma farsa usando uma aristocrática faca de prata?

De novo, um diálogo, mas de fácil tradução para os velhos jornalistas do Planeta. O jovem negro jamais tocaria em algo daquela casa, a não ser que lograsse assaltá-la e, em caso de terem de montar uma farsa para enganar a polícia, teriam o cuidado de poupar a prataria e utilizar os talheres dos empregados.

Quando Tia Pantera apareceu para depor, vestida de azul-marinho, uma cor que realçava sua palidez, havia centenas de curiosos. Ela ficou trancada na sala do delegado durante alguns minutos e, de repente, saiu correndo para o banheiro. De vez em quando, sentia vontade de vomitar, mas, de resto, mantinha-se tranqüila e serena diante das câmeras de televisão. Quando mencionou o jovem negro, tomou o cuidado de dizer feio e não tinha dentes. Diante da Igreja de São Cristóvão, terminando o depoimento, meteu a mão por entre os cabelos, para ajeitá-los melhor, e posou durante alguns minutos para o pequeno batalhão de fotógrafos e cinegrafistas.

Suas relações com a polícia não eram as relações de qualquer pessoa rica com qualquer polícia. Claro, os privilégios de classe não eram em momento nenhum esquecidos, mas o delegado achava-se no direito de fazer perguntas íntimas, saber com quem transar, com que regularidade. Era uma pessoa rica com complicações na polícia, daí o intrincado equilíbrio de perguntas devassadoras e saídas para o banheiro.

Dez anos haviam se passado desde o dia do casamento e aqui estava ela, diante da modesta Igreja de São Cristóvão, posando sem noivo e demoiselles, apenas com o colar de três voltas e uma ligeira sensação de que a vida mudara profundamente. Os carros eram ligados e religados. Dez anos. Havia alguém levando-a pelo braço, como no casamento, mas sentia—se mais pesada do que no vestido de seis metros. Frases como “nada como um dia depois do outro”, “não digas desta água não beberei”, passaram pela sua cabeça, mas ela cortou logo todo traço de tristeza complacente com uma urgência nova, já planejada: “daqui a pouco deixo Minas e é melhor andar depressa senão perco o avião”.

Achava que deixar Minas era isto, tomar um avião, olhar o trânsito de cima, como se corresse em ruas de brinquedo, reconhecer alguns prédios, fechar os olhos, “há apenas vinte minutos estava lá embaixo, naquele horror”, reabri-los para ver a aeromoça que oferece o jantar.

Seu destino agora era Copacabana, um bairro de quase dois milhões de habitantes, que duas ou três décadas antes, era um paraíso na fantasia das pessoas dos subúrbios e da província: “Um bom lugar, para se amar / Copacabana / Depois jantar, à beira-mar / Copacabana.” Ou mais que isso: um ponto dourado no roteiro de turistas estrangeiros de certa idade, atraídos e repelidos por suas prostitutas, que numa peça de Albee eram mostradas como loucas tesudas, uivando como lobas, imersas na maresia noturna.

Copacabana. Tudo tão cheio, tão confuso. Quinze pessoas em quinze metros quadrados, bandos de ratos deslizando pela areia, gritos de pega ladrão, pega ladrão, viúvas se jogando do décimo andar, travestis cortando o corpo a gilete. E o mar, bravo no começo, manso no fim, quase morrendo em calma al lado do forte branco que a defende não sei de quê, já que os navios passam ao largo e mesmo as gaivotas têm sua rota especial.

Tia Pantera sabia o que a esperava. Bastava sair de manhã para um ligeiro passeio e cruzar com um loiro tatuado piscando o olho para ela, ver um libanês correndo atrás dos pivetes que roubaram goiabas em sua loja de frutas, ouvir conversas de esquina e ficar sabendo que no Posto Dois havia um prédio em tão mau estado que se todos os moradores puxassem a descarga ao mesmo tempo o encanamento explodiria. Verdade? Então, diziam na esquina, se dependesse do exíguo grupo de hippies que fez ponto na Rua Miguel Lemos, os moradores do prédio deveriam partir para o sacrifício ruidoso num exato momento: puxar a descarga no final do noticiário mais visto da televisão nacional, quando o locutor sorridente se despede: boa noite. Copacabana tinha movimento, mas para milhares de pessoas que viviam ali a barra era muito pesada.

A chegada para perto do mar ajudava sempre a se abrir. Andar pelo calçadão, respirar a brisa, um ou outro mergulho, velejar com o sol na pele e uma fome brutal, o Rio altera seu ânimo. O corpo ia recebendo e devolvendo novas informações e na consciência o velho desejo de um grande amor reacendia-se lentamente, como um cigarro ao sol, embaixo de uma lente grossa.



O quadro de sua vida, entretanto, havia sido alterado. Os filhos ficaram com o pai e a possibilidade de recuperá-los, depois do crime, foram reduzidas gravemente. Na época do Natal chegou a trazer uma das suas filhas para o Rio e foi processada por seqüestro. Mas não era ela mesma quem costumava cantarolar “nada será como antes; amanhã? Queria tentar de novo, achar um caminho, deixar para trás toda aquela atmosfera de Minas.

Nas escuras varandas de um restaurante do Leblon, ouvia discussões sobre os cursos do mundo, últimas decisões econômicas, e, às vezes, depois de um certo limite de doses de uísque, incríveis baixarias do gênero: quanto é que você cobra pra dormir comigo? Acostumara-se com alguns bêbados misóginos, nem sequer ouvia suas desculpas no dia seguinte. Havia coisas interessantes nos intelectuais. Tinham uma enorme capacidade de englobar tudo, definir. A Rússia era soviets mais eletrificação; o Brasil, capitalismo selvagem mais televisão colorida. Tudo bem. Às vezes até pensava: é isso mesmo. Mas sentia-se incapaz de uma explicação de duas palavras para um país, de dissertar longamente.

Uma coisa que a intrigava era o jeito como a chamavam de mineira, meio debochada, meio acusatório. Sabia que os mineiros eram considerados sovinas, fechados e que desconfiavam de tudo. Ignorava a razão histórica daquilo, talvez um medo dos portugueses, uma grande quantidade de bancos. O que sabia ela? Não fora um dos homens mais inteligentes do Planeta que dissera “mineiro só e solidário no câncer”?

A verdade é que as pessoas diziam mineira e sorriam. De nada adiantava perguntar o que queriam significar com quilo, pois elas sorriam de novo, impacientes, quase irritadas. Ela sentia-se um pouco na obrigação de saber do que se tratava, como uma criança que disfarçasse grosseiramente uma travessura visível para todos. A palavra era como um círculo de giz traçado no chão. Quando soasse, era preciso entrar imediatamente dentro do círculo, sem novas perguntas. Não havia explicações, pois ser mineiro era anterior às explicações, algo que acontecera na sua vida e de que jamais se livraria.

Tia Pantera fizera novos amigos, alguns mais sofisticados e cosmopolitas dos que os que deixara para trás, outros mais críticos e independentes em relação ao mundo que ela admirava. Ainda assim, algumas pessoas quando a ouviam falar, no meio de uma conversação, recuavam como se estivessem diante de uma flauta encantada e diziam, tapando os ouvidos:

– Não tente me enrolar. Isso é conversa de mineiro.

Era amiga também de um homem poderoso, o colunista Ibrahim Sued, que começou a carreira como um simples fotógrafo de rua e, com uma incrível capacidade para engolir sapos, foi ascendendo na escala social, sempre publicando notas estratégicas, abrindo portas delicadas com o exato elogio. No plano político, era um anticomunista convicto e escrevera um livro de críticas à União Soviética. Os adversários o ironizavam, porque não dominava bem a língua brasileira. Ele parecia se divertir com esse tipo de oposição, pois tinha esquina suficiente para saber que os degraus do paraíso material não coincidem com as regras de gramática. Os cães ladram, a caravana passa, costumava escrever na sua coluna cotidiana.

Pessoalmente era parecido com as idéias de prosperidade que fazia circular – camisa de seda aberta no peito queimado de sol, colar de ouro, os olhos claros, a pele lisa, o permanente sorriso de vitória. Parecia dizer que havia um mundo exclusivo e reservado, onde as coisas aconteciam, as pessoas eram felizes e a festa permanente. Fora dele, eram o tédio, a miséria cotidiana e a deselegância das massas. E, como nesse mundo poucos entram, restava aos excluídos o conforto de acompanhar seus ecos verbalizados, em rápidas notas de jornal. Sorry, periferia, costumava dizer com sua voz rouca, certo de que, por conta própria, chegara a algum lugar e era um lugar sonhado por milhares de pessoas.

Tia Pantera gostava dele, sobretudo pela liberdade que encontrou na relação. O ciúme asfixiante a que estava acostumada em Minas decaiu um pouco quando se aproximou do nível do mar. Claro, não havia paixão, loucura, essas coisas, mas Ibrahim era uma boa companhia. Às vezes a mencionava em sua coluna: a Pantera de Minas. Ela aparecia rindo, agora mais bonita, com uma intimidade maior com as câmeras, encontrando fotógrafos sofisticados que a vestiam de preto e faziam seus cabelos voarem ao sabor dos ventos produzidos em estúdio.

Ibrahim era um importante elo com o mundo que desejava frequentar. Mulheres apertadas nos últimos modelos parisienses, homens com relógios Cartier, isqueiros dourados, todos os fetiches que materializavam a felicidade para aquela tribo. Mais do que um elo, Ibrahim tornara-se um tradutor, pois Tia Pantera deve ter se sentido um pouco perdida no princípio. Acostumara-se a uma familiar reação de respeito quando se referia aos amigos de Minas, mitos regionais, mas quase completamente desconhecidos no novo cenário, onde outros nomes cintilavam.

De um lado, a amizade com um homem poderoso abria caminhos, mas, de outro, a expunha a uma intrincada corrente de ódios e rivalidade, cuja extensão e complexidade não podia prever. Como explicar a aparição da polícia em sua casa, procurando (e achando) alguns gramas de maconha? Que radar especial os levou ali, num recôndito armário do apartamento em Copacabana, eles que viviam num país repleto de generosas plantações, tráfico em cada esquina, olhos bandeirosos e um incrível e permanente cheiro de fumo no ar?

Dessa, como de outras, escapou de novo. Declarou-se nervosa e dependente de droga, fórmula aberta pela própria justiça para se evitar a cadeia. Com um leve deslocamento para o campo médico, o prisioneiro transformara-se num caso clínico, reconhece que aquilo faz mal à sua vida, desperta uma piedade protocolar nas sentenças do juiz e vai embora com a promessa de se curar e, naturalmente, com a disposição íntima de não se deixar mais pegar pela polícia.

Mas deve ter sido um novo impacto em sua vida essa súbita aparição da polícia. Antes do crime, sentia-se mais resguardada. A polícia era algo que acontecia com os pobres, os marginais, jogadores, gente de favela. Ela mesma, quando se sentiu ameaçada pelas incursões de José, conseguiu uma audiência direta com o Comandante da Polícia Militar de Minas, que determinou providências para protegê-la.

Mas essa nova presença em sua vida era apenas uma nova presença. Não havia razão para ficar se lamentando. Melhor era reconhecer a situação, não guardar fumo no apartamento, andar sempre limpa, não dar bandeira, nesse ou qualquer outro campo, porque polícia era isso mesmo, aparece para todo mundo que se mexe e, com o tempo, a gente acaba se acostumando.

Nem pensar em buscar melhores antecedentes em suas antepassadas. Apesar de não ter passado um dia sequer na cadeia, Beja viveu um longo processo. Chica da Silva teria mandado matar duas jovens rivais e uma delas foi enterrada no seu jardim, quando o homem de Chica foi para Portugal, a polícia começou a persegui-la e chegaram a escavar o jardim em busca de ossos, sem achar o lugar exato.

Sobre Tiburtina então correm mil lendas. Depois da Revolução de 30, seus jagunços teriam espancado vários oponentes políticos no cemitério de Montes Claros. Sua atuação no depoimento prestado ao Procurador da República revela coragem. Interrogada sobre se tinha armado uma emboscada para o Vice-Presidente, ela disse:

– Teria sido melhor. Temos uma casa vaga perto da estação. Era só mirar e atirar...

Somente Olímpia de Ouro Preto escapou ao contato com os homens, de quem aliás não tinha medo. O problema dela era com a polícia de branco, o pessoal de camisa-de-força e choque elétrico, a grande ameaça para quem vivia nas franjas do século XVIII, baixando um pouco para conversar com os turistas.

Quando Tia Pantera, portanto, embarcou com Ibrahim para São Paulo, onde ele faria uma reportagem para a televisão, era uma mulher com um passado. De todas as panteras que brilhavam nas colunas sociais, era a única com várias entradas na polícia, ganhara uma visão mais ampla do mundo em que vivia e não perdera a esperança vital que a mantinha de pé, com os olhos abertos, a pele brilhando, mil vibrações amorosas emanando do corpo. Continuava na batalha.

O homem tomava seu champanhe e deve ter pensado “que mulher interessante”, mas deve ter continuado a tomar o seu champanhe, porque, às vezes, um turbilhão entra na vida dos homens e eles nem sequer percebem isto nos primeiros momentos, absortos que estão em sua bebida, perdidos em ajustar a abotoadura da camisa.

Ligeira desarrumação na casa. Cameramen e operador de som buscando as melhores posições para a filmagem. Ibrahim iria entrevistar a mulher que vivia com o homem e mostrar a vida de uma pantera de São Paulo para milhares de telespectadores. Optaram pelo jardim. Câmera girando entre as flores diante de Ibrahim:

– Adelita, você casou de verdade, de véu e grinalda?

– Claro. Meu casamento anterior não era válido. Por isso casei-me na igreja com Doca. De véu e grinalda.

No interior da casa, alheios ao diálogo eletrizante diante das câmeras, Tia Pantera e o homem tomaram conhecimento um do outro, de uma maneira assim não muito direta. Por mais que rodassem pela sala, entretanto, havia uma parte deles sempre localizando especialmente o outro, por mais que conversassem banalidade, em torno do champanhe e salgadinhos, era um com o outro falando.

Ele deve ter percebido muito mais rápido, pois, vinha de outros carnavais. O corpo se deslocava mais leve, era perceptível o roçar das coxas no vestido, o próprio braço se arrepiava apesar de toda a proteção na casa contra o frio de agosto. Não precisava tanto: só pela saliva e respiração era capaz de jurar que algo aconteceria.

O homem era alto, forte, quase esguio. Os jornais o apresentaram como um antigo salva-vidas das piscinas de Miami, sugerindo ombros largos, peito grande. Mas não era bem assim. Os jornais diziam: salva-vidas de ricas matronas. Na realidade, era apenas uma pessoa que tinha se casado com uma milionária paulista com o objetivo, entre outros, de evitar algo que o horrorizava: o trabalho assalariado.

Os chineses, quando se jogam numa luta interna, costumam reavaliar retrospectivamente a vida do adversário, de modo a criar uma unidade no mal. Assim, se alguém foi um herói durante a revolução e agora é nosso adversário, é preciso voltar atrás e compreender que seu heroísmo era apenas um esforço para se colocar melhor e desfechar com mais eficácia o golpe traidor que preparava para o futuro.

Impossível, pois, uma vida com idas e vindas, impossível a passagem de um estado para outro.

Assim, o aventureiro que tinha se casado com uma milionária passa a ser visto como um eterno gigolô. O salva-vidas que defendia seus míseros dólares nas piscinas de Miami, possivelmente olhando os cubanos cruzarem os vinte e cinco metros com facilidade, depois de se prepararem anos para as 90 milhas que os levariam ao exílio, o salva-vidas era um objeto sexual das grãs-finas.

O homem era simpático e, quando se despediram na porta da casa de Adelita, encerradas a resta e a entrevista, Tia Pantera disse para a dona da casa:

– Cuidado. Vou roubar seu marido.

A rigor já tinha roubado. Mas era estranho nela aquele vocabulário. O verbo roubar dificilmente é sentido de dentro, pois implica a aceitação de um código social, um aparato judicial, um sistema ético de relações entre pessoas. A propriedade é uma convenção abstrata, quando mais a de um marido.

O telefone desempenhou um importante papel para que a vida dos dois jamais fosse a mesma depois daquele encontro. Era seu equipamento básico e tenho a impressão de que se fosse jogada, em sonhos, naqueles duelos da Idade Média, assim que lhe mandassem escolher sua arma, apontaria para um aparelho negro e iria logo se colocando em posição de disparar, segundo uma de suas amigas, era uma benção para qualquer homem receber chamada sua. A voz cheia e alegre; frases amorosas, animadoras, capazes de levantar qualquer um do tumulto de apólices, duplicatas e memorandos em que se encerrara.

O homem, imaginem, passou a acordar cedo e ir para o escritório da empresa, a Brasitus, arriscando-se a trabalhar a qualquer momento. Felizmente era sócio da empresa e podia se dedicar à tarefa de observar o rumo geral da batalha, deixando o campo de concreto – o café, a limpeza, o trabalho dos mensageiros – para os assalariados.

Ela telefonava todos os dias, sem nenhuma preocupação com o lado material da coisa. Jamais deixavam um assunto no ar, uma frase por concluir. Não há nenhuma indicação do que falavam nesses longos telefonemas. Só hipótese. Considerando-se que a vida dos dois não era assim muito movimentada, que os jornais, televisão e cinema estavam sob censura, que a situação internacional não os preocupava, é provável que caíssem, muito rapidamente, nas juras de amor e não escapassem – atirem a primeira pedra quem escapou – à habitual redundância das confissões apaixonadas. Claro que te amo, meu bem. Te adoro.

Quase certa, infalível, é a aparição de algumas perguntas rápidas, delicadas, mas que talvez fossem o conteúdo principal dos diálogos, caso tivéssemos acesso ao conjunto das gravações semanais da conversa.

– Quando é que você vem para São Paulo, meu bem?

– Você já falou com ela?

A primeira pergunta foi respondida, afirmativamente, algumas semanas antes da segunda. O lugar dos encontros clandestinos em São Paulo era o Hotel Jaraguá. Tia Pantera tinha experiência de viajar para São Paulo e encontrar uma pessoa que voltava para casa no fim do expediente. Ela ficava com a noite vazia e sentia a cidade um pouco como Nonô sentiu Nova Iorque no exílio – um hipopótamo de aço. Chegara a pedir às ajudantes do salão de beleza que lhe fizessem companhia. Ela pagava um modesto salário, oferecia um uísque e dormia em paz, sabendo que a seu lado havia uma pessoa em quem ela podia confiar mais: outra mulher como ela, com a vantagem de estar na luta pela sobrevivência.

O fracasso de sua relação com Artur ressoava forte. Não lhe interessava mais um homem que não a assumisse abertamente. Estava disposta a um jogo limpo, tanto que avisou à mulher que ia roubar seu árido. Mas não aceitava mais o velho papel, ainda que ganhasse, todos os anos, o Oscar de melhor coadjuvante do país. Como se dizia em Minas: agora era pão, pão, queijo, queijo.

Não creio que fosse apenas uma retomada de auto-estima. Longas reavaliações morais que tenham definido o jogo. Havia outras variáveis se entrelaçando, todas com muita força, como se fossem braços de rio, encontrando-se a alguns metros da cachoeira. O sexo. Apesar da frieza do cenário que escolheram, as esperanças do primeiro olhar se confirmaram em cheio. Ficara um pouco difícil para ele, antes perdido nos

seus cálculos aventureiros e sem encontrar jamais uma mulher aberta e audaciosa, voltar simplesmente para o tédio de sua mansão de telhado azul.

Havia um outro braço de rio, tão caudaloso como o sexo, talvez mais forte ainda, mas que na imensidão branca das águas caindo tornara-se um pouco nebuloso para os observadores. Eram iguais os dois, apesar dos dez anos de idade que os separavam. Ambos se mantiveram belos e saudáveis à espera de um casamento dourado, ambos o encontraram e recuaram horrorizados ao perceber não apenas a vulgaridade mas o vazio de seu sonho.

Na realidade, tia Pantera tinha um nível de consciência mais avançado do problema. De alguma forma, já havia dado o salto para fora e por isso comunicava o máximo de delicadeza à sua voz, cada vez que perguntava:

– Você já falou com ela?

Para dois amantes o tempo de espera é sempre longo, como longo é o caminho da praia para o mau nadador. Tempo de estranha agonia, onde as coisas belas que defrontamos às vezes parecem absurdas e depressivas, só porque o parceiro não está aqui. Não há como esquecer: basta abrir a janela e ver a lua cheia, olhar o telefone reduzido à impotência, ter de esperar o amanhecer para que ele acorde, que chegue à Brasitus no trânsito infernal de São Paulo...

Deve ter pensado em encontrar alguém mais livre, que pudesse estar com ela no lugar que quisesse e, como dizia o poema, na cama que escolhesse. Inútil fantasia, excesso de romantismo. Ninguém estava pronto. Doca, assim se chamava ele, daria o salto, sairia daquele mundo e chegaria ao ponto ideal, vivendo com ela. Mesmo aquela roupa séria, de executivo passando fim de semana com colegas da empresa, mesmo aquilo, ela iria alterar, sem violentá-lo, é claro, porque você não pode esperar que um cara saia do mundo de negócios paulistas e, um mês depois, já estava aí, como se nada tivesse acontecido.

A imaginação andava mais rápido que os fatos. Tia Pantera vivia no Rio, mas nem sequer se divertia com o movimento das ruas de Copacabana, impossível para ela, entretanto, ignorar a chegada da primavera, não perceber uma nova intensidade de calor no sol de setembro, não fazer planos para o verão. O encontro com Doca parecia significar algo fundamental em sua vida. Era importante se afastar do círculo de grã-finos, porque aquele mundo estava contaminado. Importante começar tudo de novo. Se possível perto do mar.

Agora tinha um objetivo e uma mística quase militante se apossava dela. O novo mundo que ativava sua cabeça não iria emergir de uma revolução. E toda essa coisa era só um plano de duas pessoas que se amavam e decidiram recomeçar. É possível até que a rotina do futuro fosse parecida com a de hoje, mas o fato é que, transfigurada pelo amor, o mundo nunca mais seria o mesmo.

A primavera estava chegando também a São Paulo. Azaléias floresciam nos bairros elegantes e nas feiras-livres da cidade havia uma profusão de nuances de verde. Enigmáticos japoneses escondiam-se atrás dos caixotes de tomates e vozes italianas, com um sotaque que lembrava as freiras do Santa Marcelina, anunciavam exóticas saladas: escarola, freguesa, escarola. Ônibus escolares estacionavam no imenso Parque Ibirapuera, gritos infantis ouviam-se ao longe; meninos lançavam pedras rente à superfície da água, para que decolassem várias vezes, como se fossem pequenos aviões anfíbios, baixando e subindo no lago.

A primavera estava chegando ao coração do homem. Quando ela ouviu seu barulho, entrando no habitual quarto do Hotel Jaraguá, quase caiu de costas ao perceber que trouxera todas as malas e sua escova de dentes elétrica water pick. Pela primeira vez, alguém, realmente, deixara mulher e filhos por ela; pela primeira vez sentiu-se perto da recompensa pelas noites vazias, pelos arrastados fins de semana que tivera de suportar ao longo da existência. E sentiu medo. Não sabia de quê. Medo apenas. Um frio na barriga e vontade de abrir a janela para que entrasse o ar.

Num Maverick que o homem comprara partiram juntos para o Rio, para o apartamento da Anita Garibaldi em Copacabana. A partir daí, começou sua verdadeira vida em comum, de que tanto se ocupou a imprensa. A partir daí, testemunhos, comentários, versões e boatos imbricam-se num denso cipoal elaborado com o objetivo de impressionar o júri, de maneira que será talvez preciso um quarto de século para saber o que aconteceu de verdade entre as quatro paredes e rápidas saídas ao exterior, que marcaram a vida do casal.

Não que faltem detalhes. A cortina do quarto era vermelha, o tapete do banheiro, branco; com laca preta ela tapou a claridade das janelas e os repórteres chegaram a deitar em sua cama, para sentir a maciez do colchão, cheirar notícias dos perfumes.

Ontem à noite sonhei com ela. Andava de um lado para outro, envolta num vestido de veludo lilás que tinha um capuz da mesma cor. Andava num piso de seixos rolado e olhava as flores de um jardim colonial. Havia bruma, os sinos batiam e uma empregada negra balançava o incenso que impregna o missa, um pouco antes da comunhão. Sentia-me tonto, suando frio com os joelhos doendo em contato com os seixos.

– Confessa logo – dizia eu – , que já estou quase desmaiando.

Ela simplesmente colocava o capuz na cabeça, erguia uma rosa vermelha e respondia:

– Você quer pegar gripe nos índios, quer?

Acordei exausto, incapaz de interpretar o sonho. As centenas de perguntas que tinha formulado na cabeça encontravam sempre aquela resposta. Ou então, ela metia o capuz na cabeça, apontava a rosa em minha direção e dizia:

– Além do mais, amigo, qualquer hora eu sei que vai chover.

Resta-nos usar os dados disponíveis. Antes de iniciarem sua vida no Rio, decidiram gozar uma curta lua-de-mel. O rumo não era nem uma estação de águas, como fez com o marido, nem uma viagem à Europa, modelo de felicidade que as colunas sociais traçavam no princípio dos anos 60. Floresta tropical, úmida e misteriosa: Amazônia. Mas sem mosquitos e ar condicionado. Instalaram-se no melhor hotel de Manaus, tomaram drinques à beira da piscina, dançaram ao som da orquestra local, aventurando-se raramente pelas ruas da cidade. Sentiam-se seguros caminhando entre aquele povo de fortes traços indígenas; ninguém os conhecia ali e Tia Pantera tinha uma única amiga em Manaus, discreta o bastante para deixá-los em paz, fiel o bastante para socorrê-los em caso de necessidade.

Quando voltaram ao Rio, dedicaram-se ao problema de instalação. Tia Pantera demitiu a empregada de nome Ana e destinou um quarto do apartamento pra que Doca guardasse suas coisas, entre as quais havia cinco pistolas e uma cartucheira de caça. Talvez se sentisse protegida com aquilo, uma vez que a violência, cada vez mais banal no Brasil moderno, penetra no seu cotidiano, no seu vocabulário e até na sua auto-representação:

– Sou rica, bonita e brigo bem – costumava dizer para os amigos em voz alta, numa das noitadas do Antonio's. A velha Tiburtina jamais havia afirmado coisa semelhante nas conversas do sertão. Pelo contrário, dizia-se defensora da paz, defensora do marido, católica praticante. Mas o sertão é um lugar mais perigoso que o Antonio's. E Tiburtina sempre se colocava humildemente diante d seu homem, porque os conservadores moviam uma campanha insinuando que mandava nele e organizava emboscadas para garantir sua posição política.

Desde que se instalaram no apartamento de Copacabana, alguma coisa começou a complicar. As informações convergem para indicar o isolamento progressivo em que se metiam e os únicos jantares em que apareceram foram pontilhado de bate-bocas. Mas estavam unidos, atados e dependentes um do outro, quanto a isto não havia dúvida.

Na casa de sua amiga Kiki, Tia Pantera tomou algumas doses de vodca e foi interpelada pelo homem que arrebatou o copo e disse:

– Chega. Você está bebendo demais.

Foi o primeiro sintoma externo de que algo não ia bem. Ela sempre bebera muito pouco em Minas. Mesmo o fumo era algo que temia por achar que alguns baseados pudessem mudar sua cor, alterar a qualidade da pele. Beber muito era até secundário, diante de outro dado mais importante: era vigiada pelo homem. Ele sabia quantas vodcas tinha tomado, achara que o limite que ele próprio fixara fora alcançado, e pronto, decidira acabar com aquilo.

Se me arrisco a responder à pergunta no escuro, diria que logo após as primeiras brigas, ela compreendeu muito rápido que o homem era diferente do que fantasiara e já não sabia mais o que fazer com ele, agora que tinha deixado mulher e filho em São Paulo. Tantos anos esperando um marido que, finalmente, assumisse o amor e desse um pontapé no casamento. Era essa sua batalha emocional desde Minas e compreender assim de supetão que toda sua espera fora inútil talvez abalasse muito a cabeça. O provável é que lá no fundo já estivesse se preparando para esperar de novo, reiniciar o círculo.

Quando ela contratou uma empregada de 52 anos, chamada Maria José, talvez não estivesse percebido que estava entrando em sua vida uma grande amiga, uma mulher do povo que não falava embolado como os intelectuais do Antonio's, não era extravagante como uma pantera, mas sabia de coisas que a infância na pobreza e na rua ensina sem cessar.

Desde o momento em que entrou no apartamento, Maria José notou que eram duas pessoas parecendo se amar, mas, ao mesmo tempo, travando uma surda e obstinada luta. E tomou o seu partido. Ela conta, por exemplo, como foi o jantar, dado em Copacabana, para Francisco Matarazzo III, amigo do casal. Matarazzo é descendente do famoso capitão de indústria que se instalou em São Paulo e tornou-se, numa certa época, uma das maiores fortunas do País. O nome soava para os ouvidos brasileiros, em outras décadas, como o de Rockefeller para os norte-americanos.

Esse Matarazzo, conforme o próprio nome indica, já era o terceiro, não tão rico como seus lendários antepassados, e vinha comer a convite de Tia Pantera, que era sua amiga. Ela se vestiu de azul para recebê-lo e o homem, ao vê-la se preparando, ordenou que tirasse, imediatamente, a roupa. Ela conhecia essas ordens de outras batalhas, da remota Minas que supunha ter deixado para trás, desfazendo-se do anjos barrocos e móveis coloniais, montando um apartamento simples, com almofadas, um sofá laranja e preto, alegres cortinas amarelas na sala. Mas ainda assim obedeceu.

O homem usava seu poder de macho sem nenhuma base econômica, pois era praticamente sustentado por ela. Só os fantasmas culturais que habitavam a um e outro garantiam a sobrevivência do domínio. Maria José talvez tivesse dificuldade em compreender aquilo. Nos bairros pobres, o medo de não ter como sobreviver era uma das coisas que mantinha as mulheres em casa. Tinham a impressão de que, quando comessem a ganhar seu dinheiro, ganhariam também a coragem de partir. Ali na casa da patroa era tudo trocado.

Maria José entrava justamente na sala quando um vestido amarrotado lhe caiu nas mãos. Olhou surpreendida a ponto de ver o homem no fim do gesto de atirá-lo pelos ares:

– Vai ser presente para uma amiga. Vamos dar para Kiki.

Maria José recolheu o vestido e voltou para a cozinha. Continuava não entendendo aquela submissão. Era difícil para uma empregada chegar assim sem mais nem menos e dizer: reaja, saia dessa. Teria de se contentar com olhares, pequenas atitudes no mundo doméstico que expressassem sua amizade por Tia Pantera, sem que aquilo fosse considerado uma intromissão nos negócios do casal.

No quarto, Tia Pantera vestiu um costume amarelo que havia ganhado de sua mãe no Natal e o homem continuava protestando. Ela gritou e Maria José ouviu alguns fragmentos:

– Doca, quer parar de implicar comigo... Não agüento... Você acaba me matando... Por favor não posso continuar com você. Por favor, não agüento mais.

A empregada fritava batatas na cozinha mas de orelha em pé e estranhou que se fizesse uma pequena pausa. De repente, os dois entraram pela cozinha. Ele vinha na frente e ela o interceptou, levando um safanão que a jogou de novo para trás.

– Maria, quer fazer minhas malas?

– Vai, Maria, vai fazer as malas dele – gritou ela do fundo. – Ele não pode mais continuar nesta casa.

Paralisada por aquelas ordens aos gritos, Maria José deixou a escumadeira e na cozinha só se ouvia o barulho do azeite pipocando na batata e a respiração ofegante dos dois. O silêncio durou alguns segundos. Tia Pantera correu para o quarto e se trancou ali, enquanto ele foi arrumar as malas no outro.

De repente, ele parou a arrumação, deixou que as roupas caíssem para fora da mala e partiu para arrombar o quarto dela. O homem era forte. Jogou todo o peso do corpo, mandou a porta para o inferno e partiu para cima de sua amada aos socos e pontapés. Maria José ouviu os gritos e pensou em pânico que em alguns minutos ele poderia matá-la. Nesse momento, uma longa, providencial e abençoada campainha tocou. Matarazzo III chegou para comer e felizmente nem todas as batatas estavam queimadas.

A primavera não havia transcorrido de todo, mas já fazia muito calor no Rio. O amor de Doca e Tia Pantera tinha durado menos que ela e murchou mais rápido que as flores do campo do português da esquina. Por enquanto, esquecer dos juízos morais, descrições, em duas palavras, do gênero ciúme doentio. Esquecer até a preocupação com que os amantes falavam na troca de vestidos, na seda azul sendo amarrotada nas mãos. A grande armadilha é supor que as palavras tenham um sentido numa hora dessas. O especial dos amantes é que partilham um momento para além do verbo, no escuro, uma conversa que só eles sabem e que jamais se ‘organiza’.

Na fantasia do homem havia algo que o vestido azul acentuava, algo que não se tapava nem com o costume amarelo que ganhou da mãe mineira no dia de Natal, algo que, de certa maneira, escaparia no cheiro, no olhar ou até na inclinação dos pés caminhando. Só lhe restava uma compulsiva vigilância. Se perguntassem a ela por que estava sendo vigiada, talvez nem soubesse responder. Várias vezes entretanto deu a entender que alguma coisa estranha estava acontecendo. Falando com a mãe ao telefone, deixou escapar:

– Espera aí, meu bem, assim você está machucando meu ouvido.

Ela entrara na semana de sua morte e não desconfiava disso. Maria José continuava em vão a se perguntar o que a mantinha prisioneira de uma desconfiança permanente. Alguns amigos de Tia Pantera chegaram a achar que ao homem era ligado a uma rede de traficantes de cocaína e temia que, com uma separação, ela dissesse coisas demais, como nos filmes. Provável que a coca tenha um ligeiro papel na paranóia, mas era um componente secundário. E Matarazzo III nem era da polícia.

Como é possível que um amor agonizante continue realizando na prática os sonhos que gerou no apogeu? O de começar de novo. Por exemplo. Decidiram comprar uma casa em Búzios, no litoral do Estado do Rio. A região era linda, habitada originalmente por pescadores, e já estivera na moda, há alguns anos. No princípio, Búzios só conhecia turistas jovens e aventureiros, em busca de belas paisagens e novas relações humanas.

Brigitte Bardot estivera em Búzios, na fase selvagem do lugar, e posou cercada de porcos e cavalos na praia. De novo estariam juntos, unidos no ideal de reencontro com a natureza, corpos nus e água tépida. Mas o lugar já não era mais o mesmo de Brigitte Bardot. Dezenas de pousadas, butiques e bares foram se erguendo aqui e ali; pescadores transformaram-se em empregados domésticos, os ricos ocuparam as posições estratégicas e as relações se mercantilizaram, serviço pra cá, dinheiro pra lá. O novo mundo de Tia Pantera estava tão velho quanto o outro, mas as praias continuavam lindas e o crepúsculo também.

Com o dinheiro dela, compraram a casa em novembro e contrataram um pedreiro nativo para reformá-la. Além dele, mais três servidores foram contratados – um caseiro, chamado Manuel, e duas empregadas domésticas, Ivanira e Marisete, cujos nomes eles iam trocar sempre.

A casa ficava a 32 quilômetros de Cabo Frio e só se chegava lá por uma estrada cheia de buracos. Aliás, os buracos da estrada davam uma satisfação íntima aos ricos que construíam ali, pois eram uma garantia de que os ônibus conduzindo turistas da Baixada Fluminense, os farofeiros, jamais iam aparecer aos domingos. A visão do inferno estival para os moradores de uma praia exclusiva é precisamente a chegada de famílias suburbanas, com seus frangos e farofas, rolando na areia, tornando-se bifes à milanesa, deixando o lugar no fim da tarde como uma paisagem depois da batalha, sujo e, o que é estranho, sem vida.

A grande virada dos lugares de turismo no Brasil assemelha-se aos processos de destruição das nações indígenas. Sem poder resistir aos invasores culturais, o nativo não apenas perde casa e trabalho, mas já não



consegue mais viver com seus valores, brutalmente deslocados pela onda que chegou. O alcoolismo e a loucura são as únicas respostas que às vezes encontram para sobreviver num mundo transformado.

Cenário para um sonho quase religioso de um amor que transforma as pessoas e constrói um novo mundo, Búzios não era. E o nome Praia dos Ossos, o lugar onde reformaram sua casa, diante de um lindo flamboyant, sugeria muito mais uma derrota da vida, reduzida ao que sobra para além da morte, do que um radiante alvorecer. Nonô escolheu o centro do Brasil para começar de novo, com uma outra cidade. A idéia de encontrar o novo mundo que perdemos, ao achá-lo nas montanhas de ouro, permanecia forte e presente, mas mesmo essa idéia já não podia escapar aos novos tempos.

Tia Pantera continuava sendo mãe de três filhos, mantinha contatos com a família e quis que Doca passasse o Natal no Planeta Minas. Era preciso que se conhecessem e, quem sabe, se gostassem. Naturalmente, a viagem seria um desastre, mas continuava tocada por esse cego combustível que movia a roda, com todas as condições originais já alteradas. O homem que iria apresentar como o amor de sua vida era o mesmo que quase a matara a socos e pontapés na semana anterior.

As ruas de Copacabana estavam superlotadas no fim de ano. Milhares de turistas do interior ocupavam hotéis e apartamentos de temporada, milhares de donas-de-casa saiam aflitas para as compras, e Papais Noéis, morrendo de suor, tocavam os sinos, enquanto motoristas irritados não paravam de buzinar. Tudo isto num oceano de cocô de cachorro que obrigava as pessoas a andarem cabisbaixas. O milagre econômico brasileiro começava lentamente a revelar sua face enganadora, mas a crise localizava-se mais no setor de energia. O consumo habitual nessa época do ano ainda era frenético e inalterado. Esse exemplar conto de Natal mineiro poderia portanto começar na Nossa Senhora de Copacabana, com a frase do homem:

– Porra, esse trânsito não anda.

Deslizando pelas ruas de Copacabana, Tia Pantera podia ver na cara das pessoas que Natal não era apenas movimento e alegria. Verdade que Copacabana era uma imensa trituradora de sonhos. Os que vieram do subúrbio encontrar a Princesinha do Mar tiveram seu universo contraído e foram aprisionados em sólidos blocos de concreto armado. Agora, andavam pelas calçadas sem um décimo da descontração que as fotos das décadas anteriores pareciam sugerir. A vida tornara-se dura e refletia-se nos olhares desconfiados. O espaço era um campo de guerra. Qualquer toque enrijecia o corpo de um passageiro, alarmado com assaltos a ônibus.

O pequeno grupo de hippies da Miguel Lemos, a misteriosa tribo que saltou do sistema mas não conseguiu se distanciar do mar, já havia se desfeito. O bairro era muito pesado para qualquer romantismo urbano. O líder do grupo foi interando num hospital psiquiátrico e, quando os médicos já quase o davam como curado, repetiu inadvertidamente a frase que o jogara na camisa-de-força: paz e amor. Enquanto ele era trancado de novo, os outros caíram no tráfico de drogas ou cortaram os cabelos e encareteram de vez.

A década estava no meio, o próprio ano de 75 se acabava. A única alegria coletiva, podia-se dizer, aconteceu em 1970 quando Brasil venceu a Copa do Mundo de futebol. Mesmo assim a ditadura se apossou dela de tal maneira que aprecia temos formado um time cujo ataque era de generais e a defesa de almirantes e brigadeiros. Foi uma rápida explosão de foguetes, carros abertos cruzando as ruas e bandeirolas verde-amarelas erguidas por todo lado. Brasil, Brasil, gritavam todos e, em alguns carros da classe média, reaparecia o slogan importado dos Estados Unidos: ame-o ou deixe-o.

O que seria o Natal em Minas? Desde cedo, ela tomou algumas doses de vodka, sinal de que não esperava muita coisa. De todas as maneiras ia chegar de pilequinho, enfrentando cada obstáculo como se fosse um degrau de escada: a saudade dos mortos, a frieza das relações familiares, lembranças dos bons tempos, humilhações, os tiros na manhã de junho. O ar estava parado no peito como um pequeno colchão, envolvendo carne viva e dolorosa.

No aeroporto constataram que fora inútil a irritação com o trânsito. Havia um grande atraso na Ponte Aérea e tinham grandes dificuldades de ficar quietos e sentados. Era um casal que temia o vácuo, os grandes silêncios e ainda não descobrira o trabalho. Uma televisão colorida ou um jogo de flipper poderiam mitigar

aquela espera e, como não havia nenhum dos dois no aeroporto, rolaram possivelmente algumas doses de vodca, idas furtivas ao banheiro.

Beja não tinha esses problemas no século passado. Ela se deslocava a cavalo, partia sempre antes do amanhecer, enfrentava rotas de duas ou três semanas e sabia que os caminhos eram importantes como o objetivo. Uma viagem era medida por duas ou três paradas estratégicas, pouso em fazendas, água quente, lençóis brancos, um copo de vinho. A grande viagem de sua vida foi a volta para Araxá, depois do seqüestro. O português com quem ela vivera acompanhou sua tropa de burros desde Paracatu. Quando chegaram numa encruzilhada da estrada, separaram-se para sempre; ele foi para Portugal e ela voltou para sua casa familiar. Do alto de uma colina, deteve seu cavalo e acenou longamente um lenço branco. Estava saltando na hora certa, a manhã havia nascido, ela apenas tocou com a espora a barriga do cavalo e gritou bem alto para todos os burros da tropa: ooh, ooooooh.

A volta à infância tinha um sabor líquido. De todas, Beja foi quem menos sentiu a distância do mar. Sua região rica em águas minerais e ela escolheu um lindo poço para seu banho matinal. Não conseguia viver longe daquele contato com o vulcão que dera origem àquelas águas, vulcão que ela sabia ter existido um dia no Planeta Minas e cuja rota era exatamente a oposta à do Reino de Portugal.

Quando o avião de Tia Pantera, finalmente, pousou no Aeroporto da Pampulha, ela sentiu-se um pouco voltando para uma cidade do interior. Era tão pequeno e acanhado e ainda por cima pintado de cinza. Do aeroporto, rumaram imediatamente para a mansão de Vila Gutiérrez. Tiraram as malas do táxi, respiraram fundo e tocaram a campainha. O irmão de Tia Pantera veio abri a porta e, quando viu o homem a seu lado, disse:

– Desculpe, mas não vai dar para ficar aqui.

Tia Pantera sentou-se rapidamente na mala e pensou: vai ser um Natal dos infernos, mas é preciso achar uma saída.

– Vamos para o Hotel Del Rey. É um bom lugar.

O homem estava surpreso. Aquele tinha sido um dia longo e tudo que queria era um bom banho e, quem sabe, alguns minutos de sono.

Ela achou uma solução rápida e deve ter ficado satisfeita com isso. Minas era assim: às vezes doce, às vezes áspera. Mas fora aqui que ela aprendera a brigar, a topiar de frente qualquer dificuldade. O instinto de combate pela sobrevivência emocional estava-se reacendendo e o próprio efeito da vodca, tomada no aeroporto, desapareceu. Aqui, por incrível que pareça, com tantos parentes e amigos, ela aprendera que no fundo somos sós e temos de encontrar um caminho, independente da terra, da família, do diabo que fosse. Estava apenas um pouco zangada e talvez tomasse uma dose quando chegasse ao Del Rey.

O Natal em Minas é um momento em que o peso da religião, da família e do comércio estabelecido se articula e tome tristeza e festas sem graça onde a falsa harmonia não agüenta a primeira garrafa de vinho. Tia Pantera e o homem foram convidados para um jantar, onde ela poderia ver sua mãe e os filhos.

Embora os sinos batessem, os diálogos foram tão duros que o próprio Cristo teria se arrependido de ter nascido, pelo menos naquela noite. Num certo momento, o homem disse para Dona Maria:

– Sua filha está melhorando ao meu lado. Deixou o fumo e agora só transa pó.

A festa era na casa de um empreiteiro e o homem teimava em dizer, após o jantar, que desprezava todo self-made-man e que sua única admiração era pelos bem-nascidos. De repente, a sala se viu envolvida numa rápida discussão sobre as qualidades da aristocracia e burguesia e ninguém parecia ter idéia de acabar logo com aquilo, lembrando que aquela polêmica já tinha sido feita há muito tempo e com resultados que todos conhecíamos.

Por sinal o homem dedicava-se a uma atividade nada aristocrática ao longo da reunião: seguir Tia Pantera até o banheiro, vigiar seus passos, como se fossem, de novo, personagens de um filme de suspense e ela

estivesse para entregar aos russos o código da última e definitiva arma secreta do mundo ocidental e cristão.

A colunista Ana Maria escreveu sobre ele:

“Bem-apegoado, cheio de pulseiras e anéis, roupas italianas e uma nonchalance que, a olho observador, não conseguia ser bastante forte para esconder a vulgaridade. Pouca gente prestou atenção quando ele disse: “Ângela, de mim você só se separa depois da morte. Minha ou sua.”

Com essa frase acabou o Natal e partiram de volta para o rio. Tia Pantera estava assustada. Verdade que teve inúmeras chances para gritar socorro. Não usou nenhuma. Mesmo eu, que sempre desejei a separação de minha mãe e por isso sou cego, sempre querendo que elas saltem do marido; mesmo eu, sabendo que os limites de minha objetividade explodem aí, no triangulo familiar, mesmo eu ousou dizer que já era mais do que hora de gritar socorro.

“Maria José: o sapo, as duas corujinhas e as almofadas que vão ser todos cobertos de branco irão para Búzios. Gostaria que você tirasse a tábua de cima da banheira e deixasse na área, logo ao acordar. Por favor, ligue cedo para a farmácia e peça dois vidros grandes de Badelas, a espuma para banho. Se não tiver, peça qualquer outra. Ponha as coisas que estão na cozinha para ir para Búzios todas no quarto ao lado, inclusive copos. Limpe logo cedo o banheiro. O telefone da farmácia é 2-533409 ou 2-362452.”

Esse é o último texto de sua vida. Um pouco antes, escrevera na agenda, folha correspondente ao 25 de setembro de 1975, a seguinte frase:

– Não sei de mais nada. Tenho que morrer. Morrer pastando, sabe?

Finalmente, na última página de seu álbum de retratos, anotou:

“Entre as mulheres que tive a que todos julgavam santa quase levou-me à loucura. A que todas julgavam leviana foi uma excelente companheira. Frank Sinatra.”

A casa de Copacabana foi abandonada naquele fim de 75, e Copacabana é um lugar interessante no réveillon porque recebe uma forte injeção de energia popular. As pessoas se vestem de branco e ocupam as praias com suas oferendas a Iemanjá e, de manhã, as ondas voltam repletas de flores, colorindo a areia por onde passam os namorados, deslumbrados com o fim da noite de dezembro e orgulhosos de terem passado juntos um marco no tempo.

Na cabeceira do quarto de Tia Pantera ficou apenas um disca: Pássaro proibido, de Maria Betânia, ídolo dos desiludidos do amor, capaz de levá-los às lágrimas nas primeiras frases. De resto, dois livros, um editado pelas Seleções Readers Digest, Juventude selvagem. Aquele pequeno mundo cultural que deixava nunca mais seria visto por ela. Dias depois de sua morte, o apartamento foi invadido pelos repórteres em busca de fotos, cadernetas, material para animar suas reportagens e acelerar a imaginação. A casa de Tia Pantera transformou-se numa casa pública. Policiais tocavam a cortina de veludo, fotógrafos examinavam a laca preta na janela, recontavam-se as garrafas de vinho e champanhe, dado novo para recheiar as edições vespertinas.

Tia Pantera rumava para Búzios no fim de 75 e o calor de dezembro era de rachar. O homem dirigia o Maverick e ela estava excitada com a chegada do réveillon. O amor entre eles tinha morrido e possivelmente estudava a maneira de enterrá-lo com dignidade, sem se obcecar com planos rígidos. A saída ia aparecer, tinha de aparecer. Antes de partir, ligou para sua amiga Kiki, comunicando que deixara alguns presentes para ela, e tentou convencê-la a viajar para Búzios. Era uma outra pessoa, uma chance de respirar. Kiki

recusou e ela se via diante de uma delicada situação. Já se desvencilhara de homens em Minas. Tinha experiência com motoristas que a seguiam em Belo Horizonte, onde parava no meio da rua, botava a mão nas cadeiras e gritava:

– Como vai sua noivinha? Ela sabe que você anda seguindo outras mulheres?

Agora era diferente. Este homem deixara tudo por ela, confiara no amor, desfizera seu casamento. Teria de carregá-lo por algum tempo, não sabia exatamente quanto, por mais que isso fosse difícil, um homem que já não lhe dizia mais nada, em pleno fim de ano, em pleno réveillon, quando é tão alta a temperatura sentimental. O homem dirigia o Maverick e ela virou o braço, assim de cima para baixo, alisou uns pêlos agitados pelo vento e pensou:

– Mais dois dias e fico na cor exata.

Chegaram a Búzios suados e exaustos com aquela viagem ao sol de dezembro e quase caíram de espanto ao perceberem que a casa estava completamente desarrumada, suja, com os pedreiros ainda trabalhando nela. O homem se irritou profundamente. Ele não gostava de trabalhar, mas viera de São Paulo, um lugar onde tudo funcionava a tempo e a hora, o coração do capitalismo avançado, o dínamo do milagre econômico.

– Vocês prometeram entregar há alguns dias e hoje é dia 29, porra...

Os pedreiros se entreolharam surpresos. Era dia 29, hoje? Ainda assim não podiam compreender toda aquela irritação. Um homem fino, bem-vestido, tinha um belo carro e ia morar com aquela mulher maravilhosa, que às vezes andava com os peitos de fora. Devia ser um homem feliz, não? Por que não dar um mergulho no mar, se acalmar um pouco? Não precisava nem passar da arrebentação, só ali mesmo, junto da praia. Os pedreiros tinham sido pescadores e não entendiam como o dono da casa tinha uma cara tão fechada, vivendo ali, diante do mar.

– Porra, vocês são irresponsáveis. Prometem e não cumprem. Só faltava agora não pagar o que prometi, para verem o que é bom.

Eles prosseguiram tranquilos sua faina. O carrinho de cimento deslizava de um lado para outro, o tijolo era erguido com gestos ritmados e ouviam-se esparsas marteladas. No fundo estavam meio zangados. Afinal tinham perdido tudo, tornaram-se pedreiros, as mulheres viraram lavadeiras e empregadas domésticas e ainda vinham insultar porque era dia 29. e daí, porra, dia 29?

– Tudo bem, doutor, a gente vai apressar.

Tia Pantera não participou da briga com os pedreiros. No fundo, talvez desse razão ao homem. Claro, longe estavam os tempos em que Beja e Chica da Silva mandavam espancar os escravos faltosos. Tia Pantera era de opinião de que as pessoas ao pagarem Têm certos direitos, mas o calor era muito e as promessas que a suave brisa traziam ao corpo acabaram dissipando a preocupação com o problema. Estava acabando 1975. Era preciso aproveitar. Aquela urgência que se apossa de quase todo Brasil, como se fossem realizar num instante todos os sonhos do ano, tomava conta dela, como as chuvas de papel picado tomam conta das avenidas do País, como os largos sorrisos tomavam conta das bocas tropicais: ano que vem a gente resolve.

Maria José sentia um ar de desespero naquela urgência. O homem chamou Tia Pantera para um conversa no sofá, agora que tinham finalmente chegado à sonhada casa de Búzios, mas ela se recusou, dizendo para a empregada:

– Maria José, por favor, arranje um táxi, ou peça ao caseiro para arranjar um táxi. Eu preciso sair daqui.

Nesse momento, o homem entrou na sala e perguntou:

– Pra que você quer um táxi? Está sentindo alguma coisa?

– Não. Tudo bem. Preciso de um táxi com urgência.

– Mas nós não temos carro? Se você quiser eu levo.

Tia Pantera levantou-se e foi ao quarto onde vestiu um vestido longo, escolheu um chapéu e resolveu sair assim, de vestido longo e chapéu pelo crepúsculo de Búzios. Estava linda e, se ganhasse a praia, respirasse a brisa, ou mesmo se subisse descalça no caminho da Azedinha... Nesse momento em que saía na porta, hesitou e disse em voz baixa:

– Não tenho forças. Não tenho mais condições de sair. Não tenho forças.

Maria José, que a tudo assistia, recolheu sua patroa suavemente, foi para a cozinha, preparou, rápido, um lombinho com macarrão e ela o devorou gostosamente, de uma forma como há muito tempo não comia.

À noite resolveram sair para tomar um drinque na Pousada Hibiscos. E, como estavam sós, a versão do que se passou entre eles é quase que unicamente apoiada no depoimento do homem. Ela percorreu o longo corredor da Pousada, passou por uma pequena piscina, quase um tanque de água azul, e entrou no bar que dava para o Atlântico. Os barquinhos ainda estavam chegando, cheios de peixes e estórias do mar; ela escolheu a parte superior, de onde podia dar uma olhada geral nas pessoas. De repente, viu alguém baixando o copo, olhou de novo para conferir e tocou no braço do homem.

– Está vendo aquele lá?

– Qual?

– Aquele. Foi meu amante. É o Ivan.

O homem empalideceu. Ela continuou olhando o panorama do bar, ouvindo o chacoalhar dos coquetéis que o barman preparava e ainda brincou com alguns rapazes que chegavam. O homem estava furioso. Ela dizia apenas que ele era muito ciumento e ele desfiava a monótona cantilena de sempre: “antes de mim você era muito livre, mas agora mudou e coisa e tal, tenho ciúme, tenho ciúme, tenho ciúme mesmo; tenho ciúme de tudo, até do teu passado”.

A Pousada Hibiscos ficava a pouco mais de trezentos metros de casa, mas aquela simples saída anunciara para Tia Pantera o quanto seria difícil o réveillon. Ela não estava apenas carregando o homem. Estava carregando o homem e seu ciúme. E, no entanto, sua mensagem tinha sido clara. Aquele. Foi meu amante. É o Ivan. Durante várias noites fomos felizes e gozamos muito; depois nos separamos e ninguém morreu; estamos todos bem. Tão bem que posso tomar minha vodca com calma, reclamar do calor da noite, espantar um mosquito e dizer: aquele, foi meu amante; é o Ivan.

Quando voltaram para casa pela praia arborizada, um pouco distante das ondas para não molharem os pés, prosseguiu o diálogo de surdos. O homem introduzira uma categoria nova: o ciúme do passado. Com isso encostara Tia Pantera na parede. Ela teria de voltar atrás em sua carreira e fazer um pouco como os historiadores oficiais das revoluções, riscando nomes e descolorindo fotos das pessoas detestadas pelos governantes do momento. Já era tarde da noite, estavam cansados, tinham tomado um drinque, dificilmente aquela discussão levaria a algum lugar. O homem estava furioso mas bem composto. Ela olhou seus ombros, a linha do pescoço e pensou: 42 anos. Certamente encontraria alguém em São Paulo para recomeçar a vida. Tia Pantera desejou com força que ele fosse embora.

Mal chegaram em casa, uma casa bem baixa com janelas verdes, encerrando a Praia dos Ossos e dando para o caminho da Praia da Azedinha, ele foi para o quarto, arrumou a mala e disse que ia embora. Não poderia suportar uma relação com alguém que fora livre no passado. Tia Pantera não conseguia captar bem a raiz de seu medo. Será que ele teria pesadelos com centenas de homens bebendo na Pousada Hibiscos, rindo às gargalhadas de seu rosto compenetrado, enquanto ela aparecia de garçonne, sem sutiã, deslizando entre as mesas e gritando “calma, calma, gente, há bebida para todos”? Ou será que apenas sonhava um sonho bem branco e brumoso, no qual ela contrai uma tuberculose na fria montanha e está sujeita a uma recaída, sobretudo agora, entrando na Pousada Hibiscos, de biquíni, na noite escura, centenas de surfistas concentrados em sua aparição, e gritos de oh, oh, gritos longos, ooooooh, como os de uma torcida após um gol perdidos, quando ela ameaça espirrar, diante dos garçons mudos e sem a gravata borboleta.

O homem diz que quando colocou as malas no carro, ela deu a volta pela frente da casa e pediu que não fosse embora. Ele decidiu votar e, segundo suas revelações, foram para a cama e passaram uma noite feliz.

Difícil supor que as coisas tenham acontecido assim. Ele tinha o hábito de ameaçar ir embora e gritar da porta:

– Por favor, não me deixe ir.

Estranha noite feliz, se considerarmos a jornada que tinha passado. Primeiro a viagem exaustiva, depois a briga com os pedreiros, em seguida a cenas de ciúmes no bar da Pousada. Isso sem contar o fato de que o momento em que chegaram à casa dos seus sonhos, para viverem o que há meses tinham desejado, a primeira reação de sua amada foi pedir um táxi com urgência.

Era muito especial o dia que começou para eles um pouco antes das nove, por causa do barulho dos pedreiros. O grande poeta do Planeta dizia: “o último dia do ano / não é o último dia do tempo. / Outros dias virão / e novas coxas e ventres te comunicarão o calor da vida...” O café da manhã foi servido por Maria José e Tia Pantera comeu muito pouco. Inútil dizer que havia sol, pois era dezembro no centro do Brasil. Foram para a praia, que ficava a cinco metros de sua janela.

A praia seria o cenário de quase todo o drama. Ela acabava de supetão no muro de uma casa grande, bem maior que a de Tia Pantera, com portão, cachorros e grande distância do público em geral. E o drama se desenrolou para mim em tempos nítidos e distintos.

No primeiro deles, o dia de festa estava de festa estava começando. Levaram copos para o uísque e vodka e pediram à Marisete – ou à Ivanira? – que preparasse alguns salgadinhos. Na praia, juntaram-se a eles três casais vizinhos e duas crianças formando um grande grupo. A solidariedade entre os moradores da Praia dos Ossos necessitava de uma afirmação especial naquele dia. Afinal 1975 estava acabando com um sol resplandecente e tudo o que pediam a Deus é que as coisas continuassem assim no Brasil: muita calma, muito sol, uma ilha de tranquilidade.

O homem resolveu empunhar sua câmera Polaroid e enquadrar o grupo. Lá estavam dois casais e Tia Pantera, vestida com um biquíni azul, com um sorriso tão debochado que ele hesitou em bater a foto. Na verdade, estava empunhando a máquina de uma forma errada e ela disse:

– Você é mesmo um barbeiro com essa máquina.

O homem a fuzilou com o olhar. Pela primeira vez no dia claro de dezembro passaram vibrações sinistras no ar. As crianças, sempre inquietas, felizmente não viram o ódio de uma pessoa contra outra. Mas os adultos perceberam. Na linguagem fechada do casal, Tia Pantera lançou uma mensagem que botou em pane todo o circuito de comunicação. Ele se sentiu desnudado diante dos outros e, no entanto, é tão banal cometer erros com uma câmera Polaroid.

Por volta de uma hora da tarde a primeira garrafa de vodka chegou ao fim. O sol estava a pino, Ivanira – ou Marisete? – deslocava-se com rapidez para garantir o funcionamento de tudo. A essa altura as crianças haviam sumido. O sol das crianças acaba às onze horas. O barco voltou do mar e os vizinhos traziam peixes consigo. Aproximaram-se do grupo e ofereceram um peixe ao homem que o aceitou, pegando-o atabalhoadamente, de forma que o peixe escorregou de suas mãos e caiu na areia, com o olho aberto, fixando a cena com uma firmeza maior que a Polaroid. Todos riram da maneira como o homem pegou o peixe e o vizinho advertiu bem-humorado:

– Você não pode pegar um peixe pelo rabo...

A tensão crescente entre o homem e Tia Pantera avançara alguns pontos. Antes, ela pensara em sair com o barco que acabara de voltar. O homem a desencorajou: “este passeio não é para todo mundo”. Ela engoliu em seco e agora limitava-se a olhar o peixe arenoso, desviando-se de vez em quando para o mar de Búzios que resplandecia com o sol. Tanto no episódio da câmera como no do peixe o homem dirigia sua irritação contra Tia Pantera, como se nascesse dela, da maneira como o observava, como se tivesse um superpoder de antecipar o fracasso, ou como se emanassem de seu corpo os fluidos negativos que secavam sua habilidade motora.

A noite anterior parecia prolongar-se na praia. O ódio que sentia dela por expô-lo diante de outros homens, sorrindo para alguns, mencionando o ex-amante, subia rapidamente como, naquela manhã, o sol subira no céu azul, cegando com seus raios o olho desarmado. É possível que, às vezes, tentasse resistir, dizendo para si mesmo que era tudo ridículo, a câmera mal-ajustada, o peixe escorregando pelas mãos, que nada disso aconteceria se não estivesse nervoso como um adolescente em dia de exame escolar.

Quando recolheram o peixe na areia e o sol já começava a iniciar sua longa descida, aconteceu o terceiro episódio, na praia já deserta não apenas de crianças mas também da maioria dos vizinhos.

Foi assim. Uma loira de cabelos bem curtos e a pele curtida de sol, uma alemã chamada Gabrielle, ex-secretária da ITT, solta no mundo e na batalha, vivendo de trampos, vendendo jogos de gamão, fazendo Deus sabe o quê para seguir tocando o barco, aproxima-se de Tia Pantera. Já se tinham visto numa vez, e devem ter compreendido num relance que tinham algo em comum, que era melhor ir se aproximando naqueles dias de festa, pois uma pessoa, uma única pessoa que fosse, já era uma vitória.

Tia Pantera tinha uma vaga idéia do que Gabrielle deixara para trás: os longos invernos brancos, a rotina de um escritório multinacional, as férias regulares em Palma de Maiorca, a cotidiana sensação de que fala Ulrike Meinhoff, de zumbificação, de sepultamento em vida. Deve ter sentido apenas que Gabrielle estava bem e se movia com mais liberdade do que as grã-finhas que conhecia.

Mesmo vivendo de rendas, Tia Pantera intuía como era difícil para uma mulher solitária sobreviver sem um salário fixo. Parecia um pouco romântico, um pouco hippie, sair pelo mundo, confiando apenas na habilidade das mãos para viver. Sim, porque às vezes chega um momento em que a mão não basta e é preciso jogar com um sorriso, com a simpatia, com pequenos truques e, insensivelmente, já está a pessoa presa de novo a uma corrente mais dura que a do emprego fixo, presa a uma associação meio inevitável entre suas opções sentimentais e a necessidade de sobrevivência, presa aos lampejos de uma dúvida sobre onde começam seu afeto pelos outros e sua urgente precisão de grana, comida e teto. Entre explodir a Alemanha Ocidental e desbundar numa praia do Atlântico Sul, a opção de uma secretária da ITT não fora tão desastrosa a julgar pela felicidade com que se aproximava. Tia Pantera lembrou-se imediatamente dela, do primeiro encontro:

– Você quer comprar um jogo de gamão?

– Claro, aparecer lá em casa. Me ensina a jogar.

Olharam-se nos olhos, deram as mãos e despediram-se sem ânsia. Quem é vivo sempre aparece. E lá estava Gabrielle de novo, defronte da casa, maravilhada com aquela festa, onde rolavam vodka e uísque com duas empregadas trabalhando. Naquele momento, a fantasia do paraíso se consumava para ela: céu aberto, mar calmo, um mundo fácil de levar, uma sorridente e alegre amiga brasileira, ingenuidade, emoções. As pessoas que como Gabrielle caem na estrada dessa maneira costumava dizer “não me preocupo com a vida pois tudo o que necessito acaba pintando; é uma questão de astral”. Imaginavam que era possível voltar a um tempo em que sentiam sede e o seio aparecia, um tempo de absoluta ligação com o calor materno.

O homem deve ter percebido que a solidão de Tia Pantera estava para ser quebrada. No seu depoimento, conta que ela anunciou que gostava de Gabrielle e queria ir para a cama com ela. Mais que isso: queria que os três, ela, o homem e Gabrielle, fossem juntos para a cama.

– Por favor, não faça isso comigo. Vai me magoar – dizia ele.

A conversa entre o homem e a Tia Pantera se deu na água. Quando voltaram juntos para a praia, ela sentou-se ao lado de Gabrielle e a abraçou amorosamente. Nesse instante, o homem curvou-se, puxou Tia Pantera pelo braço e a levou para casa. A alemã, perplexa durante alguns segundos, decidiu seguir caminho em busca de novas pessoas. Marisete e Ivanira, juntas, recolheram copos, toalhas e garrafas vazias e a praia ficou deserta. O sol caía um pouco e a maré estava subindo.

Um pouco menos de cinco horas, os depoimentos são contraditórios, convergindo no detalhe de que o sol ainda estava quente, o banheiro da casa de Tia Pantera começou a voar pelos ares. Tinham acabado de chegar da praia, ordenar alguns ovos mexidos a Maria José, e imediatamente ouviram-se os gritos e



tumulto. O homem começou espancando-a com as mãos e os pés, passando em seguida a atirar sobre ela tudo o que encontrava: a balança, o porta-toalhas, a escova de dentes water pick. Quando nada mais havia ao alcance de suas mãos, ele arrancou o chuveiro e a golpeou de tal forma que ela, tentando fugir, cortou a perna no basculante.

Maria José ficou firme, colada na porta, e, quando ela se abriu, precipitou-se para ajudá-la perguntando se queria voltar para o Rio. Tia Pantera saiu correndo de casa, deitou-se de bruços na areia e ficou ali, soluçando baixinho. Maria José pediu ao homem mercurocromo e gelo e foi fazer o curativo na perna. Ele não sofrera nada, apenas um arranhão nas costas.

A velha amiga debruçou-se sobre ela e começou a medicá-la. O ideal, pensava Maria José, era retirá-la dali, pois o sol estava muito quente, e convencê-la a partir de Búzios. Mas a menina parecia tão desamparada. Durante o ataque no banheiro, nem sequer gritava alto, como costumava fazer, limitando-se a gemer: me solta, me larga.

Maria José na entendia bem aquilo. Aliás não entendia desde o principio, quando os gritos de briga no apartamento de Copacabana às vezes se transformavam em gritos de amor. Ela conhecia a vida pelos lençóis e achava, com base na experiência da rua, que aquela iria dar em desastre. O diabo é que começara a gostar muito de Tia Pantera e tinha uma remota esperança de despertar nela o desejo de resistir. Mas também não iria ficar ali, morrendo junto com ela, pois havia limites para a solidariedade. O ano estava acabando; em alguma parte do Brasil deveria haver pessoas alegres, pelo menos pacíficas. Ela não iria trabalhar mais naquele clima. Era uma coisa que puxava pra baixo, que dinheiro nenhum do mundo podia recompensar:

– Dona Ângela. Vou-me embora para o Rio. Se a senhora quiser, vamos juntas. Senão... É o único jeito para mim.

Quando Maria José fez sua malinha e partiu da casa de Búzios. Tia Pantera ficou praticamente a sós com o homem. A amiga era seu último vínculo com o mundo, uma voz consolando, a mão curando a ferida, a insistência permanente sobre a vida em outro lugar, sobre o fato de que os ônibus de carreira partiam regularmente. Mas, ao colocar para Tia Pantera a possibilidade de viajar para o Rio, ela apenas afundou a cabeça na areia e chorou.

Conta o homem que o sol já havia se posto e ela foi dormir na cama. Ele sentou-se a seu lado e não sabe quantas horas se passaram. Nenhuma precisão nesse ponto. Talvez hora e meia. Quando ela acordou, a discussão recomeçou. O tema era Gabrielle. O homem sentia-se ferido, lembrava-se do episódio na praia e disse que ouviu dela:

– Se você quiser ficar comigo, tem de aceitar minha relação com outros homens e mulheres. Vai ver o que é bom ser corno.

Depois dessa frase, um pouco construída para impressionar o júri do interior, o homem preparou suas malas e resolveu partir. Ela permanecia na cama, respirando com dificuldade, vestida no seu biquíni azul e longa camisa branca, mas um pouco mais calma, agora que a noite ameaçava cair. O homem passou por ela com suas malas, rumo à garagem. Era uma cena relativamente freqüente na vida do casal. Talvez ela tenha pensado: vou dormir mais um pouco e no meio da noite, caso ele tenha partido mesmo, decido o que fazer da vida. O motor do carro foi acionado, ouviu-se o barulho dos pneus na terra, estávamos a um milímetro de um final feliz.

Fácil esquecer em Minas quem morreu do coração, de amor e ódio como Chica. Seu homem fora chamado a Portugal e transformara-se num virtual prisioneiro das autoridades coloniais. Tinha de prestar contas da exploração dos diamantes, cobraram uma multa tão alta e quase toda a sua fortuna se esvaiu. Chica ficou só, assistindo lentamente ao desmoronar de seu prestígio. Era sempre uma dolorosa lição sobre as relações humanas; amigos que partiam, o ligeiro isolamento, os crescentes boatos de que seria presa, acusada de matar uma jovem escrava e enterrá-la no jardim.

Quando a polícia portuguesa começou as escavações no jardim, multiplicaram-se as visões noturnas, os pesadelos. Chica tinha fantasmas dentro dela. O principal era o daquele homem branco e rico que

revolucionária sua vida de mucama e nunca mais voltaria. Talvez ela tivesse mesmo mandado matar uma linda escrava que, vestida de chita e com uma flor no cabelo, amedrontava-a como se estivesse perdida numa floresta de leões. Chica era simples assim quando o homem se apaixonou por ela. O luxo dos vestidos europeus, dos diamantes dó apareceu depois dele, quando já havia praticamente se casado. Não eram entretanto os remorsos pelo crime que a paralisavam. Deixava-se embalar na fantasia social de que sem o seu homem não valia nada, de que fora construída por ele, cuja ausência representaria o aniquilamento. Logo ela que comunicava vida àqueles portugueses que chegavam fugidos do terremoto de Lisboa, aos grã-finos que freqüentavam os saraus do marido. No fundo realizava as juras de amor que trocara com ele nas noites frias do Tejuco: sem você eu morro. Chica da Silva estava morrendo.

O homem partira para Portugal com a promessa de um reencontro. Diziam que tinha dinheiro de sobra e depois de pagar a multa às autoridades coloniais ainda comprou palácios e quintas em Lisboa. Por que não a chamava para viver com ele? Por que não voltava para o Brasil? Ela preferia a segunda hipótese. O português na sua terra seria muito diferente. A magia de seu amor vigorava aqui, num outro clima, outro perfume, outras flores. O próprio racismo da Corte era suavizado na Colônia. Uma coisa era viver com uma negra nas terras do Brasil, outra em Lisboa, ao lado do rei. E depois, Chica não se adaptaria com facilidade à Europa. De onde tirar energia para comunicar a tanta gente, assim longe de Minas, de suas raízes? Era uma negra só para muitos portugueses. Não iria dar certo.

Tiburtina morreu louca. No final da vida já confundia os nomes das pessoas e passava os dias olhando o pé de mulungu na frente de sua casa. O grande golpe de sua velhice foi a morte do marido. Ela ficou apenas com uma camisa dele e todo o estoque de morfina que usava como médico. Com aqueles dois objetos, mergulhou num torpor que marcaria o seu trânsito do amor para a solidão.

Ela sabia que a camisa não era o homem e que a presença dele nas doses de morfina era uma presença imaginária. Ainda assim precisava daquilo para a longa viagem rumo à solidão total. No princípio, chamou o cachorro negro e fez com que cheirasse a camisa do homem, buscando nele uma cumplicidade no sonho. O cachorro cheirou e reconheceu, mas, com o tempo, novos cheiros penetram sua narina, as confusões da rua, os latidos vizinhos, as corridas com as crianças, tudo isso se juntou para que ele esquecesse. Tiburtina ficou só com os objetos. A camisa envelheceu e desfiou e mesmo a morfina ia acabando devagar, como a vida diante do pé de mulungu.

No sertão, um homem me contou a estória de um encontro que ajudou a evitar. Um jornalista que era muito conhecido no Brasil, Assis Chateaubriand, escrevera muitas crônicas sobre Tiburtina. Ele era a favor da Revolução de 1930 e chamava Tiburtina de A Heroína de Montes Claros. Fantasiava sobre ela, maravilhado com sua coragem ao enfrentar os inquisidores, e achava que o Brasil seria outro se todos se comportassem como Tiburtina. Suas crônicas criavam uma mulher bonita e apaixonada, com cheiro de mato e pólvora no corpo, disparando na trincheira da democracia.

A Revolução de 30 ia muito longe, o tempo é bravo, lembrava o homem do sertão. O jornalista Assis Chateaubriand ficara velho, sofrera um derrame cerebral e andava numa cadeira de rodas. Seguia sendo uma pessoa importante no País e foi convidado a visitar Montes Claros, agora uma cidade grande, centro de convergência das levas de imigrantes que baixavam do Nordeste em busca de chuva, trabalho e pão.

O autor do relato conta que conversava com Assis Chateaubriand e ele tinha alguma dificuldade de pronunciar claramente todas as palavras. Mas queria se encontrar com Tiburtina, a heroína de sua juventude, a mulher que cuidava das filhas e emboscava o governo, que amava o marido e liquidava os inimigos.

– Doutor Assis – dizia o homem –, não vale a pena. Tiburtina não está em casa agora.

O homem que fez o relato temia aquele encontro, não pela Revolução de 30 que estava em farrapos e já tinha revelado a tendência autoritária de grande parte dos seus líderes. Mas por eles mesmos, Assis e Tiburtina. Que encontro seria aquele do velho jornalista quase sem poder falar com a heroína completamente dopada, buscando o cheiro de João na camisa que ele usava, não sabendo quem atirou, em quem atirou, quantos ficaram feridos, o que é que aconteceu exatamente naquele seis de fevereiro?

– Doutor, melhor a gente dar uma volta na praça. O senhor vai ver como a cidade está progredindo.

Assis podia argumentar muito pouco e deixou-se levar para o passeio na cadeira de rodas. O homem que o empurrava conhecia bem seus caminhos, mas foi surpreendido quando passavam diante de uma casa modesta e encontraram uma menina de uns seis anos, de cabelo bem preto, a cara um pouco suja de melancia, uma pequena semente colada acima do lábio superior. A menina jogava maré e a mãe gritou com o leve sotaque nordestino daquela região do Planeta.

– Minina, pra dentro.

A menina continuou jogando, olhou pra cima e disse:

– Não vou. Estou brincando.

A mãe saiu furiosa com uma vassoura na mão:

– Quer bancar a Tiburtina, minina? Entra logo, sinão apanha.

A menina deu chute num pedaço de melancia que estava no chão e gritou:

– Não vou.

O homem que empurrava a cadeira de rodas olhou para Assis Chateaubriand e seguiu o caminho. Sorriam os dois.

Quando a maioria dos jornalistas chegou à casa de Tia Pantera, a noite já se adiantara e as edições estavam sendo fechadas naquele momento. Como produzir uma estória para um público embriagado com as festas do réveillon? Iemanjá estava em toda parte. Bastava fazer silêncio na sala da casa para sentir sua presença, nas ondas chegando à praia.

Ivanira foi a pessoa em quem se concentraram para encontrar uma primeira versão do crime. Ela foi levada ao fundo da casa por um policial que a interrogou, agarrando firmemente no seu pulso:

– Foi ciúme, não foi?

– Não sei.

– Foi, não foi?

– Não sei.

– Responde melhor. Ficar calada pode piorar tua situação.

– É... Foi.

– E o outro homem?

– Que outro homem?

– O outro homem, porra?

– Não vi.

– Como não viu? Pensa bem.

– Não vi.

– Ele tinha um barco?

– Barco?

– Sim barco.

– Não sei... Talvez...

- Então o outro homem tinha um barco. Era estrangeiro?
- Não sei.
- Claro que era. Um francês. Você sabe o nome dele, não sabe?
- Não.
- Pierre. Um francês chamado Pierre. Pensa bem.

A empregada voltou pálida ao encontro dos jornalistas. Seu pulso ainda estava marcado pelas mãos do policial. Teve tempo apenas de balbuciar a lição aprendida. O francês ancorara seu barco a quase um quilômetro dali e Tia Pantera foi nadando ao seu encontro. Quando voltou, foi descoberta pelo homem que, cego de ciúmes, a assassinou. Suspiro de alívio. Pelo menos era uma explicação carregada de símbolos. Os repórteres tinham pressa, nem todos dispunham de tempo para checar a versão de Ivanira.

Talvez alguns ficassem intrigados com o francês Pierre. Não porque ela nadara quase um quilômetro para vê-lo. Mas porque ele tinha ido embora depois disso. Não era em todos os mares que iria encontrar tanta disposição numa tarde de dezembro. Mas o ano estava acabando, todos tinham pressa.

Dois presidiários negros foram chamados para conduzir o corpo de Tia Pantera para o necrotério, em cuja entrada estava escrito: aqui somo todos iguais. eles eram de Minas, os presidiários, e carregaram o corpo como se carregassem o andor de Nossa Senhora numa procissão.

- Como é bonita, compadre.
- Morte e vida andam juntas, compadre.

O primeiro julgamento do homem que matou Tia Pantera foi um espetáculo na televisão. O promotor levantava dramaticamente a pistola do crime e grupos de mulheres da região, comovidas com o retrato do homem improvisaram um coro a seu favor, enquanto ele entrava no tribunal vestido de terno escuro, com uma expressão grave, falando baixo, olhando para o chão.

Nesse júri, a grande vedete foi o velho advogado, esse da Vênus Lasciva destilando o veneno do instinto sexual e tudo mais. Considerado um grande criminalista, tinha sido ministro, impondo um grande respeito aos juizes e adversários. Além do mais, decidiu que aquele seria seu último júri. Queria fazê-lo maravilhosamente, para encerrar sua carreira histórica. Fechar com chave de ouro, como se dizia no seu tempo. Pensou em todos os detalhes de sua atuação de despedida e até hesitou se beijaria ou não a tribuna, como fizeram seus antepassados.

O advogado tinha um bigode negro e fino e resolveu que o júri seria um diálogo com seus mestres, tudo num nível bem acessível aos jurados, porque a vitória era um elemento importante na sua brilhante despedida. Enrico Ferri, o grande jurista italiano, seria seu inspirador. Apresentaria numa defesa mostrando como Tia Pantera buscava a morte e escolheu um homem preciso para realizá-la. Mostraria mais, porque não era apenas um advogado mas um pensador, que Tia Pantera morreu ao desprezar todos os valores morais da sociedade. A solenidade do locutor de televisão cuidaria indiretamente de ecoar essa mensagem para todo o país: quem despreza nossos valores morais acaba morrendo no seu próprio impulso autodestrutivo. A questão de quem vai consumir a morte, a pessoa que vai realizar o desígnio subconsciente da vítima, era secundária.

Mas uma tese só não bastava. Era preciso um caso célebre para servir de exemplo, uma encarnação romanesca que fizesse viajar aquelas imaginações provincianas. A resposta estava em Ferri. A partir daí, de um exemplo do mestre, encontraria sua variante, como os jogadores de xadrez encontram uma variante estudando uma defesa siciliana.

Aí apareceu a nova mulher na estória. Bianca Hamilton. Tia Pantera seria Bianca Hamilton. Não era muito necessário dizer quem foi, fornecer detalhes sobre sua vida. O nome soaria bem, elevaria o nível da intervenção e teria a indiscutível vantagem de fazer com que todo se sentisse vivendo uma aventura. Bianca Hamilton.

A preparação do júri era algo como dois escritores escrevendo roteiros opostos para um mesmo estúdio. No argumento da defesa, a estória se passava assim:

Ele: dinâmico executivo de 42 anos, apaixonado por sua mulher, relativamente brilhante nos negócios financeiros, neto de um industrial progressista, perde a cabeça quando entra na sua vida aquela da qual só poderia se livrar com a morte.

Ela: prostituta escarlate, havia abandonado os filhos, os valores da sociedade e procurava inconscientemente a morte; ao encontrá-lo, começava por seduzi-lo, passando a provocá-lo até que executa o ato que ela tanto buscava.

No argumento da acusação, a estória era assim:

Ele: ex-salva-vidas de grã-finas em Miami, aplicou um golpe do baú em São Paulo casando-se com uma milionária; apaixonou-se por Tia Pantera e começou a explorá-la também, convencendo-a progressivamente de botarem o dinheiro numa conta conjunta.

Ela: seu maior sonho era juntar-se aos filhos de Minas; resistia ao assédio até que ele lançou mão do argumento final: a pistola Beretta.

O velho advogado conseguiu livrar o homem da cadeia e realizou seu grande sonho de despedida. Enrico Ferri estaria orgulhoso de seu discípulo se pudesse circular nos corredores do tribunal de Cabo Frio, numa cidade cuja exploração do turismo se acentuara com aquele extraordinário caso de amor e morte. As mulheres da região se reuniram para aplaudir o matador sorriam satisfeitas diante da câmera e tudo parecia se encerrar. Mas era um falso sinal.

A ditadura militar que se instalara no país logo depois do casamento de Tia Pantera começara a decair ligeiramente. O delegado Waltz, que resolveu obscurecer a crise da energia com aquele crime sensacional, não podia imaginar que a crise era um presságio de problemas mais profundos, de futuras cisões nas classes dominantes, de avanços populares, sobretudo naquelas indústrias que Nono atraía para o Brasil e onde se concentrava agora o miolo da oposição ao Governo.

Com a decadência foi necessária uma abertura política para aplacar os aliados, neutralizar os vacilantes, isolar os radicais, enfim todo esse complexo conjunto de tarefas destinado a manter um regime. Por pequena que tenha sido a abertura, caiu a censura à imprensa, voltaram para a terra as levas de asilados políticos que se concentravam na Europa e novos discursos, que já buscavam céu aberto há alguns anos no Brasil, foram abrindo seu caminho. Ecologia, negros, mulheres, homossexuais eram temas que começavam a aparecer para o grande público.

Um dia, os muros brancos das principais cidades amanheceram com uma inscrição: quem ama não mata. Os emergentes grupos feministas decidiram denunciar a onda de crimes contra mulheres e tomaram o caso de Tia Pantera como um exemplo da violência machista. Bianca Hamilton estava morrendo de novo. Agora, ela seria o que sempre foi: mulher buscando caminho na selva do machismo latino.

Outras mulheres de Minas tomaram depois dela, quase nas mesmas circunstâncias. As notícias já não saíam apenas nas páginas policiais, mas eram tópicos da reflexão política. Novos tempos, tempos novos que nem Tia Pantera nem Nono chegaram a imaginar para o Brasil, embora sempre soubessem que o julgamento das pessoas é precário e sujeito à revisões. Não é em Minas que se dizia que não há um dia depois do outro?

É esse o resultado de minha viagem pelo Planeta Minas. Refleti sobre ele nas águas do Rio, frias em junho e surpreendentemente tépidas em julho, no auge do inverno. Na raia ao meu lado, nadava uma mulher grávida de nove meses e, às vezes, quando mergulhava, divertia-se pensando que estava dando braçadas junto a uma criança que mal tinha começado a vida e já estava ali dentro da água transparente.

Fixei-me em Copacabana durante um tempo, andei pelo calçadão da praia e agora é mais do que hora de voltar a Porto Seguro e encontrar aquele menino que vende caranguejos azuis. Vou dizer: olha, menino, já escrevi o livro e, se você me aborrecer, escrevo um outro, de novo. Assim vou aprendendo a nadar...

Rio, 1982.